

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Área de Concentração: Organização do Espaço
Campus de Rio Claro

ELI FERNANDO TAVANO TOLEDO

INDUSTRIALIZAÇÃO DE BAURU
A atividade industrial e o espaço geográfico, das origens à situação atual

Rio Claro

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ELI FERNANDO TAVANO TOLEDO

INDUSTRIALIZAÇÃO DE BAURU

A atividade industrial e o espaço geográfico, das origens à situação atual

Dissertação apresentada ao
Instituto de Geociência e Ciências
Exatas da Universidade Estadual
Paulista, sob a orientação da Prof.^a
Dr^a Silvia Selingardi Sampaio,
para a obtenção do título de Mestre

Rio Claro

2009

Comissão Examinadora

- aluno -

Rio Claro, _____ de _____ de 2009

Resultado: _____

INDUSTRIALIZAÇÃO DE BAURU

A atividade industrial e o espaço geográfico, das origens à situação atual

Dedico

À Eli C. Toledo, Dilma Tavano e
Ana Maria T. Toledo, família
querida a quem eu devo o apoio e
amor.

Agradecimentos

A Jesus Cristo, pelo dom da vida e pela proteção constante.

A Prof^a. Dr^a. Silvia Selingardi Sampaio, pela dedicação e árduo trabalho de orientação e correção.

Ao Prof. Dr. Auro Mendes, que foi o primeiro contato e orientação no programa de pós graduação, Unesp – campus – Rio Claro.

A Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – campus – Rio Claro, pela oportunidade do programa de pós graduação.

Aos meus amigos e irmão Leandro de Oliveira Campos e Leonardo Thomazini, aos quais agradeço o apoio de amizade e anos de auxílio “moradia” em Rio Claro

As fontes de pesquisa sejam elas as empresas e as pessoas entrevistadas.

Aos amigos que leram e auxiliaram a correção do trabalho, especialmente Elaine Cassoli, Fernanda Gomes e Ivy Fini Rodrigues.

Cidade de Espantos!

Moro na entrada do Brasil novo.

Bauru! nome - frisson, que acorda na alma da gente
ressonâncias de passos em marcha batida
para a conquista soturna do Desconhecido!

Acendi meu cigarro no tóco de lenha deixado na estrada,
no meio da cinza ainda morna
do último bivaque dos Bandeirantes...

Cidade de espantos!

Carros de bois geram desastres com máquinas Ford!
Rolls-Royces encalham beijando a areia!
Casas de táboas mudáveis nas costas;
bungalows comodistas roubados da noite para o dia,
as avenidas paulistas...

Cidade de espantos!

Eu canto a estesia suave dos teus bairros chics,
as chispas e os ruídos do bairro industrial,
a febre do lucro que move os teus homens nas ruas do centro,
e a pecaminosa alegria dos teus bairros baixos...
Recebe o meu canto, cidade moderna!

Onde é que estão brasileiros ingênuos,

As úlceras feias de Bauru?

Vi homens fecundos que fazem reclamo da Raça!

E eu sei que há mulheres fidalgas que ateam incêndios
na mata inflamável dos nossos desejos!

Mulheres fidalgas que já transplantaram
o Rio de Janeiro para êste areal...

A Alegria busina e atropela os trustes nas ruas

A cidade se fez a toques de sinos festivos,
a marchas vermelhas de música, ao riso estridente,
de Colombinas e de Arlequins.

Por isso, cidade moderna, a minha tristeza de tuberculoso,
contaminada da doença da tua alegria
morreu enforcada nos galhos sem fôlhas
das tuas raras árvores solitárias...

Eu já tomei cocaína em teus bairros baixos,
onde há Milonguitas de pálpebras murchas
e de olhos brilhantes!

Rua Batista de Carvalho!

O sol da manhã incendeia ferozmente
a gasolina que existe na alma dos homens.
Febre...Negócios...Cartórios, Fazendas...Café...
Mil forasteiros chegaram com os trens da manhã,
e vão, de passagem, tocados da pressa,
para o El-Dorado real da zona noroeste!

...Acendi meu cigarro no tóco de lenha deixado ainda acêso
na estrada, no meio da cinza
do último bivaque dos Bandeirantes...

E enquanto o fumo espirala, cerrando os meus olhos,
fatigados do assombro das tuas visões,
eu fico sonhando com o teu atordoante futuro,
Cidade de espantos

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a evolução da indústria na cidade de Bauru. A formação econômica do município foi fortemente marcada pelas culturas de exportação, do início do século XX, sendo os principais motores do início da industrialização bauruense. A expansão da cafeicultura e do algodão foi fortemente influenciada pela demanda internacional.

O estudo constatou que a cidade de Bauru, como média cidade, possui infraestrutura suficiente para polarizar uma grande região no oeste paulista. Sendo o setor econômico mais representativo o comércio.

A industrialização da cidade não esteve, diretamente, vinculada ao desenvolvimento da região metropolitana de São Paulo. Assim, o processo de formação do setor secundário teve elementos locais como fatores mais importantes para o crescimento industrial.

A presença da infraestrutura de transportes e a localização, no centro do Estado de São Paulo, foram os fatores mais expressivos apontados pelos entrevistados e captados na pesquisa através dos questionários/formulários.

Pela pesquisa, o município apresenta dois compartimentos distintos de ramos industriais. O primeiro compartimento é formado por empresas que são influenciadas pela agropecuária da região. O segundo grupo possui indústrias que não necessitam diretamente da agropecuária regional.

Palavras-chaves: Industrialização. Evolução Industrial em Bauru (SP). Espaço Geográfico

Abstract

The present study aims at showing Bauru's industrial evolution. The economic development of the city was strongly influenced by early twentieth century export culture, which was the engine of its industrialization. The expansion of coffee and cotton crops was profoundly guided by international demand.

It was perceived within the study that the city of Bauru, as a medium size city, has got enough infrastructure to polarize a great share of the west area within São Paulo State. The city holds commerce as its most representative sector.

The industrialization of Bauru wasn't directly linked to the development of São Paulo city metropolitan area. Thus, the improvement of its secondary sector had local elements as important factors for industrial growth.

The existing transport foundation at the time and its location in the heart of São Paulo State were the most expressive aspects pointed out by the people who were interviewed and it was also observed during the research through questionnaires and formularies.

According to this investigation there are two different divisions in the city's industrial field. The first one being formed by companies which are cattle-breeding influenced and the second being formed by companies which do not directly depend on local cattle-breeding industry maintain itself.

Key-words: Industrialization. Geographic Location. Industrial Revolution in Bauru (S.P.).

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	14
2.O MUNICÍPIO DE BAURU: INSERÇÃO EM SUA REGIÃO ADMINISTRATIVA E NO CONTEXTO REGIONAL / ESTADUAL	19
2.1 A Região Administrativa de Bauru	22
2.2 Aspectos socioeconômicos do município de Bauru	25
3.UM OLHAR PARA A TEORIA E O MÉTODO	34
3.1 Uma conceituação do espaço geográfico (teórico/abstrato)	34
3.2 Propósitos da Geografia Industrial	37
3.2.1 Teorias de fatores locais apoiadas nos sistemas de produção Fordista e Pós – Fordista. Tentativas de adequação e busca de saídas para um novo cenário Global	38
3.2.2 Do modelo fordista para o pós-fordista	42
3.2.3 A mobilidade da localização industrial, na atualidade	49
3.2.4 Processo de formação da indústria brasileira: influência das principais nações, e da base agrária do país.	57
3.2.5 Desconcentração industrial no Estado de São Paulo - Teoria / Interior do Estado de São Paulo.....	61
3.3 Material e método: Processo de amostragem (alguns quadros dos resultados genéricos).....	64
4. EVOLUÇÃO SOCIOECONÔMICA E INDUSTRIAL DE BAURU.....	67
4.1 Processo histórico.....	67
4.2 Fase Inicial (1890 – 1939)	68
4.3 Fase de transição (1940 – 1960).....	76
4.4 Fase atual (1960 – até hoje).....	77
5. O QUADRO ATUAL DA ATIVIDADE INDUSTRIAL: FEIÇÕES ATUAIS DA INDÚSTRIA EM BAURU.....	83

5.1 - Conceituação e apresentação dos dois compartimentos industriais de Bauru.....	83
5.1.1 - Compartimento I – Indústrias ligadas à agroindústria da região.....	84
5.1.2 - Compartimento II – Empresas não ligadas as atividades agroindustriais da região.....	90
5.2 Resultados da pesquisa direta.....	96
6. A INDÚSTRIA E O ESPAÇO URBANO.....	111
6.1 A indústria como transformadora do espaço bauruense.....	111
6.2 Atores institucionais e políticas públicas.....	122
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS.....	153
ANEXOS.....	157
Questionário/Formulário	

Lista de Figuras

Fig.1. Pirâmide etária do Estado de São Paulo e da R.A. de Bauru.....	23
Fig.2. Composição do PIB do Município de Bauru -2005.....	31
Fig.3. Esquema da estrutura produtiva de Bauru.....	87
Fig.4. Fachada da antiga escolinha da Noroeste em Bauru.....	139
Fig.5. Fachada do Colégio Técnico Industrial da Unesp – Bauru	140
Fig.6. Fachada do SENAI Bauru	141

Lista de Tabelas

Tab.1. População dos municípios da Região Administrativa de Bauru	23
Tab.2. Evolução da população do município de Bauru – 1940 -2007	27
Tab.3. Evolução da população residente nos municípios no entorno de Bauru.....	28
Tab.4. Dados sociais de Bauru comparados aos do Estado de SP e do Brasil 2006.....	30
Tab.5. Quadro geral das empresas de Bauru.....	98
Tab.6. Números de empresas nos principais ramos industriais de Bauru.....	108
Tab.7 Empresas e números de funcionários.....	109
Tab.8. Tamanho das Empresas.....	110

Lista de Mapas

Mapa.1. Estado de São Paulo e Região Administrativa de Bauru.....	21
Mapa. 2. Região administrativa de Bauru	22
Mapa. 3. Rodovias e ferrovias da cidade de Bauru	113
Mapa. 4. Localização das primeiras indústrias de Bauru	115
Mapa. 5. Distritos Industriais de Bauru	120

1. INTRODUÇÃO

As marcas do sistema produtivo estão por todo espaço mundial, ficaram mais visíveis, e todo processo de posse e trabalho realizado pelo ser humano, foi apressado e estendido por todo o globo.

As cidades médias são participantes dessa poderosa vivência, elas estão espalhadas ao redor do mundo, aos milhares; no Brasil, elas perfazem um grupo de muita força na composição do ambiente urbano nacional.

Essas cidades são capazes de apresentar a complexidade dos serviços das grandes metrópoles e, por outro lado, serem responsáveis pelos ambientes bucólicos e saltares das pequenas cidades brasileiras.

Com estes atributos, as médias aglomerações urbanas podem conter muitas das soluções para os problemas que assolam as cidades brasileiras. Essas soluções podem ser experimentadas em uma amplitude menor, para serem externalizadas, quando maduras, em ambientes complexos e maiores, como são as metrópoles nacionais.

A maioria dos centros urbanos médios ainda não passou pela desenfreada avalanche do descaso, e sua população ainda possui uma maior força de agregação e contato direto com os problemas locais e suas causas.

No último censo realizado pelo IBGE ficou constatado que, entre 1980 e 2000, a taxa de crescimento das cidades médias ficou em 2,24%, enquanto que nas regiões metropolitanas a taxa se estabilizou em 1,90% (SPÓSITO, 2007, p. 44). No Brasil, as cidades médias estão espalhadas por todo o território, principalmente na extensa faixa litorânea que, de norte a sul, agrega grande porcentagem da população nacional.

As cidades, nos dias de hoje, são espaços impregnados pelas influências dos fatores locais e globais. Principalmente os grandes e médios centros, são modificados constantemente pela rápida dinâmica tecnológica e produtiva da atualidade. Branco (2007) afirma que: “As cidades médias constituem nós de rede urbana e servem a sua área de influência como pontos de prestação de serviços em escala regional”. (BRANCO, 2007, p. 90)

O poder dos médios centros também é analisado por Santos (2005):

A função dessas cidades, qualitativa e quantitativamente intermediárias, é a de proporcionar serviços de nível médio e produtos mais diversificados do que as cidades locais podem vender. É uma das razões por que seu número e sua importância variam em relação com a capacidade de consumo da população interessada. (SANTOS, 2005, p. 72).

As grandes e médias cidades, contudo, também estão espalhadas no interior de cada região do país. O Brasil, dentre os países mais populosos do mundo, pode-se apresentar como um caso interessante para a análise dos médios centros, apresentando uma extensa complexidade urbana em grande parte de seu território.

O Estado de São Paulo, por sua evolução histórica e econômica, sustenta índices urbanos comparáveis a países desenvolvidos. Além de contar com a maior metrópole brasileira e uma das maiores do mundo, o estado possui um interior próspero, e completamente interligado por infra-estruturas das mais diversas. Bauru, como cidade média, exemplifica as mudanças e interferências em seu espaço, provindas dos elementos endógenos e exógenos; e a Geografia da Indústria possui condições de captar tais mudanças, ocorridas em épocas e momentos econômicos diversos.

Neste trabalho, a preocupação com os centros urbanos médios se volta para o objeto de estudo que é a cidade de Bauru, no centro do Estado de São Paulo, com mais de 350 mil habitantes, e que já possui a complexidade dos grandes centros, embora nela ainda aflorem, também, os valores e aspectos positivos das pequenas cidades.

Dentre as características e fatores apresentados pela cidade de Bauru, o foco deste estudo destaca o setor secundário, que emerge como importante atividade econômica, e deve provocar debates por ocasião do 112º aniversário da cidade, que ela comemorará no próximo dia primeiro de agosto.

A análise da indústria de Bauru requer um grande esforço, pois raros trabalhos específicos foram feitos, anteriormente, para retratar o setor, no município. Artigos superficiais são publicados nos jornais citadinos, e escassos são os trabalhos encontrados nas várias universidades da cidade. Nessas pesquisas, os números embasam análises ufanistas, que não retratam exatamente a realidade, apresentando conclusões que apenas resvalam nos estudos que a Geografia da Indústria pode apresentar.

Causa grande admiração a ausência de uma literatura rica e abrangente sobre o município, sendo que a cidade possui, em suas universidades, cursos de história e jornalismo.

Desde muito cedo, Bauru foi um centro de serviços e comércio, assim, essas atividades ficaram mais evidentes que o setor de transformação. Outro aspecto é a diversidade da indústria bauruense, o setor secundário não foi direcionado para um ramo específico, ou único, o município apresentou setores diversificados, não dando ensejo à criação de pólos, arranjos produtivos locais, ou *clusters*.

Para melhor encaminhamento do trabalho, faz-se necessário o exame do desenvolvimento econômico e industrial da cidade. Como os relatos da indústria de Bauru nos trabalhos existentes são incompletos, apenas resvalam no interesse maior, colocaremos ênfase na contextualização da evolução econômica do município, a qual deverá focalizar especificamente a atividade industrial.

Neste contexto, a escassez de trabalhos específicos sobre a economia da cidade já se revela como a grande justificativa para a realização deste trabalho.

Ao analisar a indústria em meio à evolução histórica, ficará salientada a importância de outros setores e atividades econômicas. Assim, a história da indústria do município poderá auxiliar o estudo das outras atividades, e mostrará caminhos para pesquisas mais ampliadas.

Os benefícios e externalidades que a indústria pode promover são inúmeros e serão intensamente discutidos neste trabalho, desde que, em cada país, e território, os elementos que compõem esses espaços são variáveis, e podem influenciar de maneiras completamente diferentes.

Ao retratar a história industrial do município, penetramos em área de outra ciência de grande importância e, também, co-irmã da Geografia, a História. O trabalho não possui a pretensão de relatar a história de Bauru, apenas se apoiará nas técnicas de relato para buscar a história da indústria bauruense. De antemão, cita-se que foram de grande valia os arquivos da Universidade do Sagrado Coração, que abrigam grande parte das fontes históricas aqui utilizadas.

Desde que a Geografia possui a capacidade de extrair conclusões analisando o espaço, passar o olhar em qualquer dos bairros de Bauru permite captar aspectos de sua história, economia, arquitetura, ecologia, e integrá-los em uma visão geográfica.

O espaço de Bauru serviu e evoluiu segundo os interesses das companhias ferroviárias. Toda sua história foi montada à margem, literalmente, dos trilhos da ferrovia. Hoje, abundam prédios e bairros que foram construídos diretamente para servir as antigas empresas férreas. No futuro, muito provavelmente, a cidade não deixará de incorporar alguns traços produzidos em tempo progressivo.

No estudo da indústria de Bauru, é de fundamental importância a análise dos fatores locais do município, fatores que congregam, entre outros, a situação geográfica, os transportes e a circulação, as linhas energéticas, o meio ambiente, e as áreas de consumo.

Por tudo que foi colocado, o Objetivo Geral do trabalho é apresentar o desenvolvimento industrial de Bauru, e o caminho para tal fim foi analisar os dados dos departamentos públicos de estatísticas e pesquisas elaboradas pelos órgãos competentes (IBGE, SEADE, DIEESE, FIESP, CIESP), além da pesquisa nas universidades e bibliotecas existentes no município, e de entrevistas com estudiosos e pessoas ligadas diretamente ao setor industrial do município.

O Objetivo Específico é detectar quais fatores locais explicam o desenvolvimento industrial relativamente fraco de Bauru, e quais são as potencialidades que mantêm as indústrias existentes, e as que podem atrair outras, para a cidade.

Procura-se, assim, esmiuçar a geografia que a atividade industrial delineou no município; avaliar, por recurso à bibliografia, o fenômeno da desconcentração paulista; e, por pesquisa de campo, definir e analisar os obstáculos que o distanciamento da capital acarreta para o empresariado bauruense.

Eis a *problemática* que motiva este trabalho: por que uma cidade média, muito importante quanto aos serviços e comércio, não se destaca como grande centro industrial? Como suas evidentes potencialidades poderiam ser ativadas, para lhe proporcionar maior participação industrial no Estado de São Paulo?

De acordo com as primeiras evidências, e certas observações prévias, podemos enunciar a hipótese de trabalho: Bauru, apesar de ser uma cidade média com relativo destaque no estado paulista, dispondo de boa estrutura urbana, comercial e de serviços, e com força para polarizar uma extensa região, não conseguiu um desenvolvimento industrial comparável aos centros industriais mais desenvolvidos, existentes ao longo das rodovias Dutra e Anhanguera, pela maior distância geográfica ou física que apresenta em relação a metrópole paulista, e/ou acesso mais difícil.

A Geografia poderá, portanto, iluminar as potencialidades e os problemas da indústria de Bauru, conhecida como a “cidade sem limites”, e o estudo sobre tal particularidade da cidade poderá constituir um ponto inicial para pesquisas mais completas, ou de maior alcance.

Muito é apregoado e propalado pela imprensa, líderes e políticos de Bauru, sobre as condições de infra-estrutura invejáveis na cidade. Procura-se, ainda, constatar se essa pretensa realidade é verdadeira, ou se é apenas um rótulo mal empregado e marqueteiro. Também se

almeja saber se, mesmo com todos os atributos infra-estruturais, a cidade reflete algum outro óbice, seja ele da escala nacional, estadual, regional ou local.

2. O MUNICÍPIO DE BAURU: INSERÇÃO EM SUA REGIÃO ADMINISTRATIVA E NO CONTEXTO REGIONAL/ESTADUAL

O interior do Estado de São Paulo se apresenta como uma das regiões socioeconômicas mais importantes do Brasil. Todo o interior, atinge o total de 606 cidades, sendo que o Estado contabiliza 645 ao todo, assim 39 cidades fazem parte da Região Metropolitana de São Paulo. A relevância do interior, atrelada à força da Região Metropolitana de São Paulo, fazem do estado paulista a área mais dinâmica do país, a qual se insere, também, entre as maiores aglomerações econômicas do mundo.

A produção econômica do interior paulista equivale à metade do PIB do Estado, e, em relação ao país, perfaz 17% do PIB nacional (IBGE, 2006). Em números, a atividade econômica do interior alcança R\$ 140 bilhões, sendo maior que a riqueza do Chile. Para sustentar esse poderio, o interior do estado é responsável por um quarto da produção científica do país, contendo institutos de nível internacional localizados em São José dos Campos, Campinas e São Carlos.

Sua população atinge aproximadamente 20 milhões de habitantes, representando quase metade do contingente do estado (SEADE, 2008). Quando comparado ao Brasil, o interior paulista representa 11% de toda a população brasileira.

As cidades contíguas da capital paulista foram fortemente influenciadas pela desconcentração econômica, ocorrida a partir da década de 1970. Em um raio de aproximadamente 100 - 150 km de distância de São Paulo pôde-se observar a chegada de indústrias em cidades como Sorocaba, São José dos Campos e, especialmente, a região de Campinas.

O acesso aos serviços da Capital, a facilidade da rede de transportes e o mercado consumidor paulistano foram os motivos mais importantes para essa desconcentração dependente da Capital. As políticas públicas de atração de empresas, realizadas pelos municípios do Interior, também foram significativas para o recebimento das indústrias.

As principais razões que explicam o aumento do interior foram:

- a) A continuidade da expansão e modernização de seu parque agroindustrial, com grande expansão da indústria da carne, do açúcar e a retomada - ao final do período - dos preços e da produção do álcool da cana;
- b) a retomada, também no final do período dos preços do petróleo, crescendo o valor da produção de derivados de petróleo, notadamente nas regiões de Campinas, Vale do Paraíba e Baixada Santista;
- c) a continuidade da desconcentração espacial da indústria automobilística, instalando novas plantas, principalmente as de Indaiatuba e Sumaré; e

d) expansão de setores mais complexos, como de informática e de microeletrônica, principalmente na região de Campinas. (CANO, 2007, p. 191).

Pela extensa área do estado, a diversidade de caráter natural e socioeconômico é uma característica fundamental para a análise do interior paulista. Os muitos “interiores” existentes no Estado de São Paulo formam um mosaico de intensa dinâmica demográfica e econômica. Como já mencionado, as áreas mais próximas puderam receber muito mais as benesses da capital, do que as regiões mais distantes da cidade de São Paulo, que ficaram limitadas ao recebimento direto da desconcentração industrial paulistana.

O Oeste Paulista, a Alta Mogiana e o Vale do Ribeira foram regiões menos beneficiadas pela expansão econômica a partir da capital. Essas áreas continuaram a ter forte influência do setor primário da economia, o qual induziu a formação de indústrias ligadas à agropecuária. Outro fator inibidor para o baixo recebimento de indústrias da RMSP foi a crise econômica da década de 1980.

A “década perdida”, relacionada com a crise do petróleo e o aumento dos juros nos EUA, estancou um ciclo de crescimento econômico iniciado na década de 1970. Assim, a intensa industrialização e, conseqüentemente, a desconcentração do parque industrial da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) teve um limite territorial imposto pela recessão ocorrida nos anos de 1980. O impulso de desconcentração paulistana não atingiu de forma significativa as áreas distantes desse “limite” econômico.

O Oeste Paulista possui cidades médias de grande importância para o estado. Os municípios de São José do Rio Preto, Bauru, Marília e Presidente Prudente são aglomerações de relevância, não só estadual, mas nacional. Essas cidades comandam poderosas cadeias econômicas no agronegócio, e também nos setores de serviços.

A atividade industrial no oeste do Estado esteve e está ligada à expansão agropecuária e à força da aglomeração urbana que, por necessidade, alocou capitais autóctones para o setor secundário.



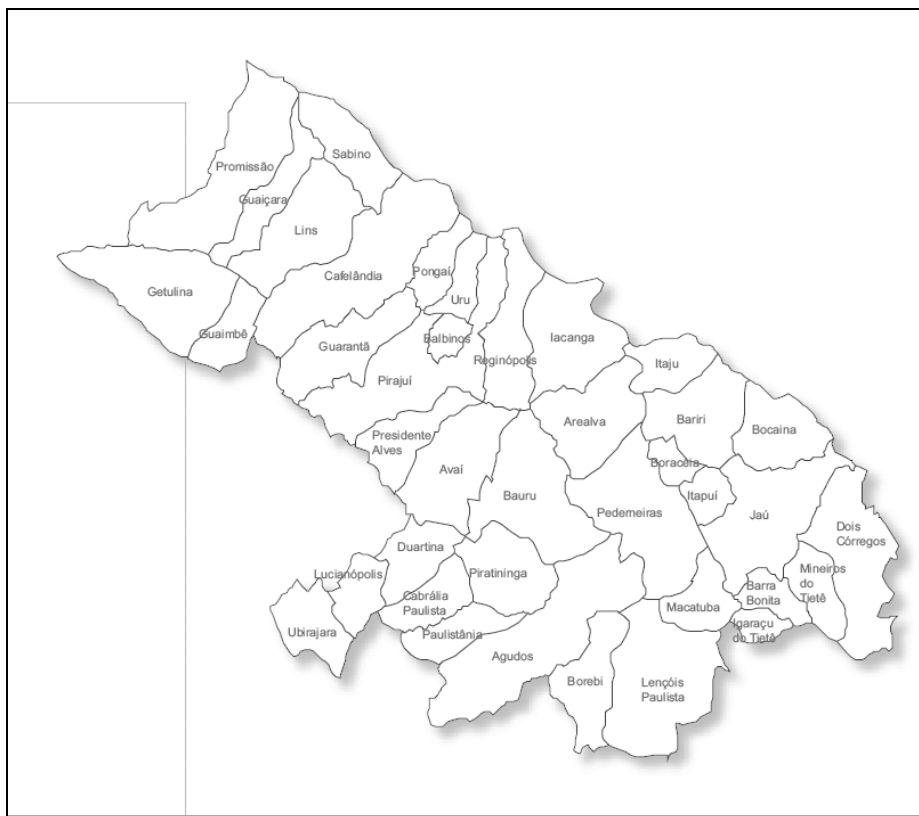
Mapa. 1 - Estado de São Paulo e Região Administrativa de Bauru

Fonte: Site: cidadespaulistas.com.br, 2009

Pode se verificar historicamente a força econômica do Oeste Paulista na cafeicultura, no algodão, pecuária, laranja e cana-de-açúcar. Somados ao setor primário destacam-se a infra-estrutura férrea, rodoviária e energética (hidrelétricas e biomassa), e o capital humano das cidades do oeste de São Paulo. Composto esse quadro socioeconômico, forma-se uma rede de cidades médias de enorme importância para o Estado.

Nesse contexto emerge a Região Administrativa de Bauru, contendo uma complexidade ligada às influências globais, nacionais e regionais. Bauru comanda uma rede de cidades que são fortemente influenciadas pela agropecuária e pelo extrativismo vegetal. O fato marcante é o fraco desempenho agropecuário de Bauru, na atualidade especialmente pela baixa fertilidade de seu solo, formado por arenito e sem a presença da terra roxa, encontrada em municípios vizinhos.

2.1 A Região Administrativa de Bauru



Mapa. 2 – Região Administrativa de Bauru

Fonte: SEADE, 2008

Na Região Administrativa de Bauru, as cidades de Lençóis Paulista, Agudos, Jaú e Lins merecem grande destaque, pois apresentam atividades econômicas de relevante importância.

Os seus 39 municípios concentram um milhão de habitantes, sendo que 94% residem na zona urbana. Isso testifica que mesmo a atividade agropecuária tendo grande participação na economia da região, ela é feita de modo moderno e com grande uso de tecnologia. O ritmo de crescimento populacional é de 1,5% ao ano, estando dentro dos padrões nacional e estadual.

População dos principais municípios da Região Administrativa de Bauru	
Bauru	350.000
Jaú	126.000
Lins	69.000
Lençóis Paulista	59.000
Agudos	34.000
Pirajuí	21.000

Tabela 1. População dos municípios da Região Administrativa de Bauru

Fonte: IBGE, 2008.

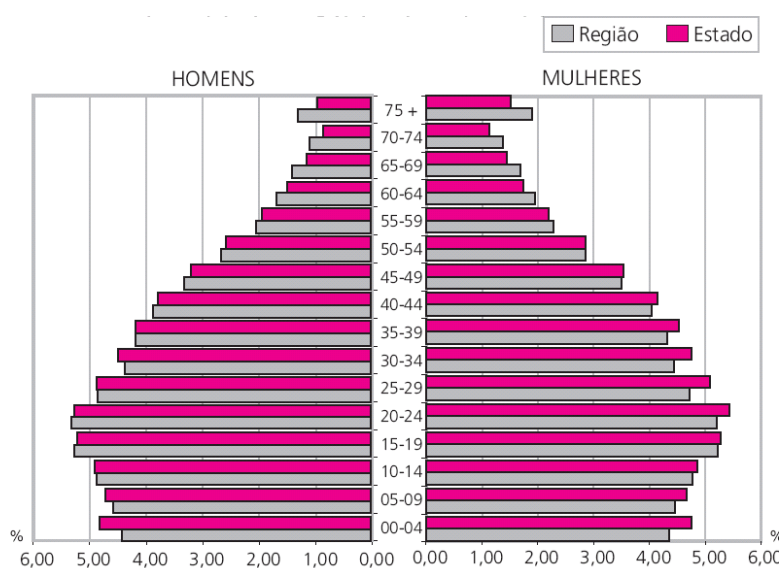


Fig. 1 Pirâmide etária do Estado de São Paulo e Região Administrativa de Bauru

Fonte: SEADE, 2008

Os indicadores demográficos da Região Administrativa de Bauru demonstram, através da pirâmide etária da região, que a população está envelhecendo, e a maior parte dos habitantes já é composta por adultos. Esse aspecto denota melhoria na qualidade de vida na região. Quando a região é comparada com o restante do Estado de São Paulo, verifica-se um maior envelhecimento. (SEADE, 2002)

Os aspectos econômicos da região merecem grande destaque. Segundo informações da Fundação SEADE, a economia da Região Administrativa de Bauru é bem diversificada, e em seu parque industrial destacam-se a agroindústria sucroalcooleira, alimentícia e de óleos vegetais.

A existência do maior entroncamento rodo-hidro-ferroviário interior da América Latina nessa região cria condições para um desenvolvimento auto-sustentado, favorecendo não apenas as atividades industrial e agropecuária como também os empreendimentos turísticos, contribuindo para a diversificação da economia local. (SEADE, 2002).

A agropecuária dessa região administrativa produz 7,2 % da riqueza do setor no estado, sendo os produtos mais importantes a cana-de-açúcar, a pecuária de corte e a avicultura. O setor industrial compreende 1,2 % do setor secundário paulista, e as atividades mais importantes são as fábricas de alimentos e bebidas e a preparação e confecção de artefatos de couro, além de fabricação de máquinas e equipamento e fabricação de papel e celulose. (SEADE, 2002)

Muitas cidades da região são especializadas em algum tipo de produto, ou sediam plantas de poderosas empresas industriais, como é o caso de Jaú, Lençóis Paulista, Agudos e Lins.

A economia de Jaú destaca-se, pois possui uma forte agroindústria canavieira, uma indústria calçadista relevante (calçado feminino) e é um pólo na prestação de serviços na saúde, tendo um hospital oncológico de destaque nacional. Vizinha à Jaú, a cidade da Barra Bonita possui a maior usina de refino de açúcar do mundo e é grande produtora de energia hidrelétrica, junto com Igarapu do Tietê.

A economia de Lençóis Paulista está baseada, também, na agroindústria da cana-de-açúcar e na indústria de alimentos, principalmente no ramo frigorífico. Localiza-se neste município uma planta industrial de processamento e reciclagem de óleo automotivo de importância nacional.

O município de Lins sedia um dos maiores frigoríficos do país, influenciando a pecuária da região, além de ser grande produtor de cana-de-açúcar. Em Agudos, cidade mais próxima a Bauru, localiza - se uma grande cervejaria e uma significativa fábrica de celulose.

A região é atravessada por várias rodovias, sendo as mais importantes a rodovia Marechal Rondon (SP), a Com. João Ribeiro de Barros (SP) e a BR – 153. Também os ramais férreos são de grande relevância, desde que pelos municípios passam trilhos das antigas: Noroeste do Brasil, Sorocabana e Cia. Paulista, atualmente todas controladas pela América Latina Logística (ALL).

O transporte hidroviário está presente com a hidrovía Tietê – Paraná, tendo em Pederneiras, cidade localizada a 25 km de Bauru, um porto intermodal. Dentre os

produtos mais significativos estão cana-de-açúcar in natura, soja, madeira, areia, álcool combustível e combustíveis fósseis.

A geração de energia é realizada pelas hidrelétricas de Bariri e Barra Bonita. Em Bauru localiza-se um importante entroncamento de linhas de transmissão energética, vindas das usinas dos rios Tietê, Paraná e Paranapanema. As usinas canavieiras auxiliam a compor a matriz de energia elétrica da região, pois oferecem ao sistema energia elétrica advinda das termelétricas alimentadas pelo bagaço da cana.

2.2 Aspectos socioeconômicos do município de Bauru

Mesmo não possuindo um potencial agropecuário semelhante aos municípios vizinhos, Bauru, desde sua origem, destacou-se por oferecer serviços de melhor qualidade quando comparados às cidades da região. Esse fato pode ser explicado pela antiga construção do entroncamento das linhas férreas na cidade e, conseqüentemente, a vinda de um expressivo contingente populacional, formando, já nos anos 1930, uma área urbana de destaque. A instalação de órgãos públicos colaborou para a centralidade de Bauru, assim como a chegada de bancos intensificou a força da cidade perante a região.

Bauru, apesar de ser mais nova que a maioria das cidades em seu entorno, passou a exercer profunda influência no setor serviços às cidades vizinhas. Seu comércio, mais diversificado e qualificado, atrai compradores da região e até de outras regiões. Os hospitais bauruenses prestam serviços para a região, sendo que dois de grande porte se localizam, estrategicamente, às margens das rodovias.

O setor educacional da cidade atrai estudantes de todo país e trabalhadores da região, pois na cidade existem 8 instituições de ensino superior de cursos presenciais, além de possuir 6 escolas de ensino técnico. Vale destacar que muitas faculdades privadas e públicas (FATEC) foram abertas nas cidades da região, constatando-se uma forte demanda para a qualificação da mão-de-obra do entorno.

Quantos aos aspectos demográficos, a cidade de Bauru possui 350 mil habitantes (IBGE), e claramente ela se encontra entre as grandes cidades de médio porte do Brasil. A cidade é a polarizadora de uma grande região administrativa e agrega importantes serviços urbanos para o oeste paulista. Um pouco mais de 98% da população já se encontra residindo na zona urbana do município.

A representatividade da zona urbana do município não é só expressa pela porcentagem, pois pode-se constatar que o setor rural bauruense pouco representa para a residência e emprego dos moradores. Essa configuração contraria o que Sposito relata:

Ao se analisarem cidades médias, essas relações entre escalas geográficas - a da cidade e a da região ou do país - impõem a necessidade de se considerar as relações entre cidade e o campo, uma vez que grande parte dos papéis desempenhados por cidades médias e pequenas está diretamente associada ao desenvolvimento de atividades agropecuárias em suas áreas rurais. (SPOSITO, 2007, p.235).

Em Bauru verifica-se uma quebra nesta relação, pelo menos dentro de sua unidade territorial, pois sua zona rural é pouco habitada e a participação da agropecuária na economia da cidade é de 6,3%, de acordo com o IBGE 2005. A principal razão para essa baixa influência é o tipo de solo arenoso presente no município que, para as culturas de grande rendimento, presentes na região administrativa, é pouco fértil.

Um olhar mais atento, porém, revela que Bauru recebe grande influência da agropecuária dos demais municípios de sua região administrativa. Cabe destacar que o município tem esse caráter polarizador desde a formação do entroncamento ferroviário, no início do século XX, que concedeu à cidade grande influência sobre seus vizinhos, mesmo Bauru sendo mais nova que as cidades do entorno.

Assim a cidade de Bauru concentrou os mais importantes serviços urbanos da região administrativa, conseqüentemente atraindo habitantes para sua zona urbana. Através da tabela 2 é possível constatar o forte crescimento do município no decorrer, principalmente, do século passado.

A partir da década de 1970, a agricultura brasileira passou por profundas transformações, e grandes culturas de exportação aumentaram sua produção por toda a área de influência de Bauru. Essa nova fase da agropecuária nacional necessitava e, até hoje, necessita de serviços e infraestruturas que as pequenas cidades não podem oferecer. Essas plataformas de conexão com o mercado global incluem desde estradas, portos e aerovias, até as modernas infovias. Bauru agregou esses serviços essenciais para as cidades agrárias se integrarem ao mercado interno e também ao mundo.

Paralelamente à intensificação do capitalismo no campo com a difusão da agricultura científica e do agronegócio, processou-se um crescimento das áreas urbanizadas, porquanto, entre outras coisas, a gestão da agropecuária moderna necessita da sociabilidade e dos espaços urbanos. Tal fato colabora

para o Brasil chegar ao século XXI com uma generalização do fenômeno da urbanização da sociedade e do território. (ELIAS, 2007, p. 117).

Pode-se constatar que o crescimento da cidade acompanhou o movimento de crescimento demográfico apresentado no país, pois nas décadas de 50, 60 e 70 o crescimento da população no município foi substancial. Apenas como medida de comparação, a cidade de Lençóis Paulista, com 31 anos mais antiga que Bauru, possui apenas 59 mil habitantes. Mesmo Lençóis Paulista, possuindo um dos solos mais férteis do país, não teve um crescimento tão forte quanto Bauru.

1940	1950	1960	1970	1975	1980	1985	1990	1995	2000	2007
55.472	65.452	93.980	132.057	157.650	186.789	220.767	260.767	285.109	316.064	350.090

Tab.2. Evolução da População do município de Bauru – 1940 -2007

Fonte dados: IBGE, 2008

O desenvolvimento demográfico de Bauru foi significativo para criar uma cidade média com uma aglomeração populacional considerável, capaz de formar um significativo mercado consumidor e com número suficiente para suprir a demanda de mão-de-obra da economia regional.

O que não ajudou cidades ainda menores do entorno, pois algumas tiveram sua população diminuída entre os levantamentos de 1990 e 2000, como é o caso de Avaí, Presidente Alves e Reginópolis.

A tabela 3 elucida que apenas Bauru possuiu um acentuado crescimento, sendo possível indicar que o município centralizou o crescimento econômico, de serviços e, durante algumas décadas, o industrial.

Verifica-se uma elevação no crescimento, especialmente em Bauru, entre os anos 1980 e 2000. Esse fenômeno não é um caso específico de Bauru, pois, nesse período, as metrópoles e as pequenas cidades diminuíram seu crescimento, e as cidades médias receberam um maior contingente. Os principais motivos são: o “inchaço” urbano, a violência e os déficits das metrópoles e a falta de bons serviços nas pequenas cidades. Assim, a cidade de médio porte situa-se entre esses dois mundos

Entre 1980 e 2000, enquanto a população total do Brasil cresceu numa taxa de 1,63% e a população dos municípios das regiões metropolitanas em 1,99%, os índices relativos ao aumento demográfico dos municípios constitutivos de aglomerações urbanas não-metropolitanas e centros urbanos, nos quais se inserem as cidades médias, foram, respectivamente, de 2,24% e 2,21%. (SPOSITO, 2007, p. 40).

Evolução da população residente nos municípios no entorno de Bauru						
Municípios	Anos					
	1970	1980	1990	1996	2000	2007
Agudos	18.543	24.478	31.706	32.892	32.484	34.221
Arealva	6.519	6.788	6.892	6.668	7.244	7.504
Avai	5.252	5.367	4.644	4.615	4.596	4.877
Balbinos	1.114	1.186	1.221	1.388	1.313	3.619
Bauru	132.057	186.789	260.767	290.109	316.064	350.487
Borebi	-	-	-	1.768	1.933	2.172
Iacanga	7.171	6.624	7.567	8.110	8.282	9.074
Lençóis P.	22.423	35.011	46.246	50.865	55.042	59.366
Macatuba	7.729	10.859	13.468	16.024	15.752	16.173
Pederneiras	18.399	26.107	32.021	33.921	36.614	40.270
Pirajuí	20.344	19.423	18.829	18.088	20.095	21.035
Piratininga	10.232	10.056	9.656	10.003	10.584	11.290
Presidente Al.	5.117	4.866	4.504	4.079	4.317	4.436
Reginópolis	4.472	4.619	4.774	4.923	4.742	6.993
Estado de SP	17.770.975	25.042.074	31.588.925	34.119.110	37.032.403	41.409.898

Tab. 3. Evolução da população residente nos municípios no entorno de Bauru

Fonte dados: IBGE 2008, escritório regional de Bauru.

É importante destacar que, entre as décadas de 1950 e 1970, a cidade de Bauru recebeu muitos organismos estatais, que atuavam em escala regional e atingiam grande parte do interior; assim, o fluxo de pessoas transferidas para a cidade foi muito forte.

Outro fator de destaque para a centralidade de Bauru na região é o setor educacional, pois desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior, a cidade Bauru atrai estudantes não só da região como do estado. A cidade possui dezenas de escolas

públicas e particulares de Ensino Médio; também nela se concentram cinco estabelecimentos de Ensino Técnico (SENAI, SENAC, CTI, Instituto Ana Nery e Centro Paula Souza) para a capacitação profissional da mão-de-obra da região.

Completando o aspecto educacional, em Bauru estão localizados nove estabelecimentos de Ensino Superior (USC, Unesp, USP, FATEC, IESB, Unip, Anhanguera, FIB e ITE). Além destes, existem postos de Ensino à distância de graduação e pós – graduação.

O Jornal da Cidade, periódico de Bauru, no dia 11/06/2006, veiculou uma reportagem relatando um ranking das melhores cidades para impulsionar carreiras, com base em estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas, com direção de Moisés Balassiano. O ranking, fundado em índices da educação, saúde e no dinamismo da economia regional, colocou Bauru na 54ª colocação em âmbito nacional; se apenas a educação fosse critério de avaliação, Bauru estaria na 28ª posição.

Outro levantamento de qualidade de vida editado pelo Jornal da Cidade foi elaborado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). Com base em dados de 2005 dos ministérios do Trabalho, Saúde e Educação, o município alcançou 0,9075 ponto (com o indicador variando de zero a um, quanto mais próximo de um, maior o patamar de desenvolvimento medido a partir de variáveis de emprego e renda, educação e saúde). Neste estudo, Bauru ocupou a 6ª colocação entre as principais cidades brasileiras.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, responsável pelo Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, faz um levantamento sobre os municípios do Brasil, avaliação conhecida como IDH –M (municipal), a qual utiliza o mesmo método do IDH, porém adaptado para aglomerações menores. Neste estudo, o maior IDH – M é de São Caetano do Sul com 0,929; Bauru atinge a 176ª posição no Brasil e o 47º IDH – M do Estado de São Paulo, e seu índice é considerado alto, pois atinge 0,825.(PNUD, 2001)

Os indicadores sociais de Bauru alcançam um patamar elevado. Na nº 4, logo abaixo, pode se verificar a situação de Bauru em relação ao Brasil e o Estado de São Paulo.

Categorias	Brasil	Estado de SP	Bauru
Esperança de Vida	68,6	71,2	72
Pessoas e Domicílios com Esgoto Adequado	59,2%	87,2%	94,1
Analfabetismo	16%	7,9%	9,9%
Anos de Estudo	5,9	6,8	6,4

Tab. 4. Dados sociais de Bauru comparados aos do Estado de SP e do Brasil - 2006

Fonte dados: IBGE 2001, escritório regional de Bauru, e PNUD, 2003

Através desses dados pode-se detectar uma qualidade de vida superior à média nacional, o que pode incrementar a força de polarização do município dentro da região administrativa e para além dela. A qualidade de vida nas cidades médias suplanta a das grandes regiões metropolitanas no Brasil, pois os problemas são rapidamente detectados, e, teoricamente, as soluções são mais rápidas.

O fato é que, desde as duas últimas décadas do século XX, em algumas regiões do país, as cidades médias passaram por substanciais transformações em face da implantação de novos serviços, sobretudo logísticos, de informação, de comunicação, de transportes, de educação e de turismo. Assim sendo, apareceram como alternativa de moradia, por oferecerem melhores condições e qualidade de vida em relação às áreas metropolitanas. (SPOSITO, 2007, p. 52).

O mais significativo dos setores econômicos é o terciário e, neste, o comércio é de grande importância para a empregabilidade e a atração populacional da região administrativa. Com uma forte aglomeração de pontos varejistas, especialmente supermercados, e com três pólos comerciais distribuídos pelo território do município, Bauru polariza o setor comercial de sua região administrativa.

Uma das fortes características de uma cidade média é ser um pólo comercial. Esse item faz dessas cidades um importante centro de equilíbrio para a economia e a empregabilidade da região.

Lugar central, caracterizado por poderosa concentração da oferta dos bens e serviços para uma hinterlândia regional. Neste caso, trata-se do que se convencionou denominar capital regional, foco do comércio varejista e de serviços diversificados, dotado de amplo alcance espacial máximo. Na hierarquia urbana situa-se entre a metrópole regional, a quem está subordinada, pois a ela recorre para procurar bens e serviços superiores, ou dela advêm os capitais que controlam algumas de suas atividades terciárias, e numerosos centros menores, a quem subordina por meio de suas funções centrais. Possui uma elite comercial. (CORRÊA ,2007, p. 31).

Através da análise e comparação entre os setores econômicos de Bauru, pode-se verificar a importância do setor de serviços para a economia da cidade.

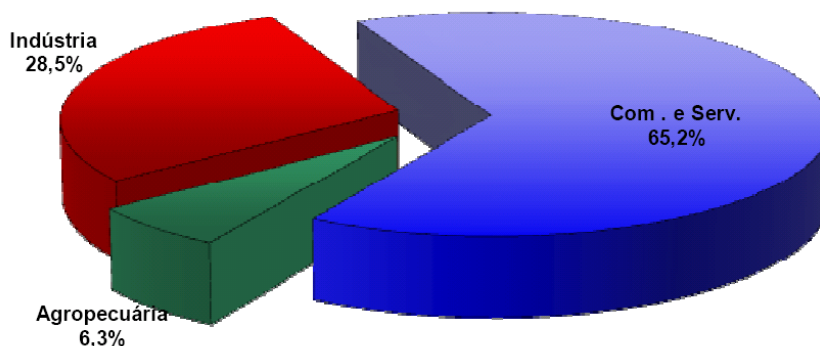


Fig. 2. Composição do PIB do Município de Bauru -2005

Fonte: Sebrae, estudo de apresentação da cidade de Bauru, 2008.

Estudo do CIESP revela que a indústria representa 28,14% do setor econômico de Bauru. Em seguida, destaca-se o comércio varejista, com 22,74%, e o comércio atacadista, com 21,92%, do volume total arrecadado. As empresas de produtos administrados (energia elétrica e telefone), serviços e agropecuária correspondem a 7%.

O consumo é algo importantíssimo para as cidades de médio porte. O consumo e, especialmente, no caso de Bauru, com o setor de serviços produzindo mais de 65% da riqueza, o comércio é fundamental para a cidade (Fig. 2) O Consumo alimenta toda a cadeia produtiva do município e recebe pessoas das cidades do entorno para aumentar sua receita.

Também uma forte aglomeração demográfica atrai a atenção de novas empresas e de novos empreendimentos para o local, podendo tornar-se um fator preponderante para a instalação de empresas e novos investimentos.

Há necessidade de que um determinado nível de densidade de consumidores para uma localidade seja o objeto de interesse de capitais que se desconcentram espacialmente e se expandem territorialmente, razão pela qual se reforçou o papel de cidades médias como espaços de consumo locais e regionais.(SPOSITO,2007, p.4).

O setor de comércio pode atingir uma grande sofisticação nas cidades médias. Em Bauru constata - se essa sofisticação, pois o centro urbano agrega atrativos comerciais e de serviços ímpares na região. O maior Shopping Center da região passou por recentes reformas, agregando lojas de alcance nacional, além de possuir cinco salas de cinemas em seu setor de entretenimento.

Os supermercados e o hipermercado que se instalaram na cidade foram acompanhados pela expansão de grupos originados na cidade, dentre eles o mais importante é o Grupo Confiança, que possui 5 lojas na cidade e um centro de distribuição de alimentos (Associação Comercial e Industrial de Bauru).

Trata-se, também, da diversificação de bens de serviço colocados ao dispor dos consumidores, chegando, no caso de alguns ramos das atividades, a atingir um grau de sofisticação (nunca de variedade e quantidade) que pode se equiparar ao das metrópoles. (SPOSITO, 2007 pág.44).

Ainda no setor de serviços e comércio, a cidade possui estabelecimentos localizados à margem das principais rodovias que, além de serem simples entrepostos de abastecimento e alimentação para viajantes, atraem um grande contingente de pessoas residentes em Bauru e região. O maior exemplo é o Alameda Quality Center, às margens da rodovia Marechal Rondon; esse empreendimento foi inaugurado em 2006, e contém uma ampla praça de alimentação, que se soma às 4 salas de cinema, com projeção de última geração.

Em Bauru, destaca-se ainda o setor de serviços na área de saúde, serviços que polarizam muitas especialidades na região. A cidade possui quatro grandes hospitais (Base, Beneficencia Portuguesa, Hospital Estadual-Unesp e o hospital regional da Unimed), e centros de terapia especializados, entre os mais importantes está o Hospital de reabilitação de Anomalias Craniofaciais (Centrinho) – USP. Também são de grande importância as clínicas de odontologia da USP e da Universidade do Sagrado Coração e no, ano de 2005, foi inaugurado o Instituto Brånemark, uma associação sem fins lucrativos, que realiza implantes intra-orais (80% dessas cirurgias são para a população

carente de Bauru e região). Assim, afirma-se o papel de Bauru como grande centro interiorano de Odontologia.

As médias cidades também possuem uma forte ligação com localidades fora de sua região e, até, com alcance nacional e internacional. A necessidade de prestar um serviço de qualidade para a população força a construção de infraestrutura e o fortalecimento de veículos de comunicação, capazes de integrar a cidade com o mundo. Mas a comunicação e a informação dentro da própria cidade devem ser dinâmicas e, especialmente, com produção voltada para a valorização cultural da própria cidade. Assim, a população pode entrar em contato com o mundo regional, nacional e server conhecimentos que podem ser úteis para melhorar a vivência e a governança da cidade.

Essas infraestruturas, também, são de enorme serventia para as empresas escolherem as cidades. Em Bauru, uma extensa rede de televisão via cabo (com serviços de telefonia e internet agregados) e o oferecimento de internet banda larga e telefonia fixa são serviços consolidados por toda a cidade.

No setor de comunicação impressa, o município possui dois periódicos de circulação diária. O Jornal da Cidade atua desde a década de 1960, outro periódico é o Bom Dia que, desde 2005, atua no mercado jornalístico. A revista mensal Atenção cobre os aspectos econômicos, culturais e sociais da cidade, e está no mercado desde 1989.

A mídia televisiva também possui produção na cidade, pois retransmissoras de grandes corporações nacionais estão no município. A TV TEM, retransmissora da Rede Globo, possui jornalismo cobrindo não apenas a cidade como a região. Outra emissora presente é a Rede Record de Televisão, que também possui programação própria. A TV Preve é uma rede municipal e transmite apenas programação voltada para a cidade. As outras emissoras de televisão possuem escritórios na cidade para captar negócios e publicidade das empresas de Bauru.

As rádios presentes na cidade possuem programação própria, sendo as mais conhecidas na FM: Rádio Cidade FM, 94 FM, Veritas FM e Rádio Unesp FM. Na frequência AM, atuam a Rádio Bandeirantes e a Rádio Auri Verde.

Por tudo o que foi exposto neste primeiro capítulo, espera-se que tenha ficado bem delineado o papel socioeconômico muito expressivo que Bauru desempenha como centro de uma Região Administrativa paulista e como capital regional que polariza, em especial pelo setor de serviços, um extenso espaço de entorno. Típica cidade média e

capital regional do interior paulista, apresenta ainda um setor industrial que se destaca em meio ao Oeste do estado e que será o objeto específico do estudo que se desenvolve.

3. UM OLHAR PARA A TEORIA E O MÉTODO

3.1 Uma conceituação do espaço geográfico (teórico/abstrato)

Os lugares e os espaços vividos pelos indivíduos são ímpares, únicos e complexos. Sejam ambientes rurais, silvestres, litorâneos ou urbanos, todos emitem significados e singularidades. Cada pessoa pode denotar isso e pensar em seu espaço singular. Nesta área especial, as pessoas se formam, e conseguem se visualizar como seres humanos ativos e produtores do espaço de vivência.

Quando a ausência desse lugar se faz necessária, esse ambiente é revisitado pela imaginação e pelos sentidos corporais. Somos seres que necessitamos do físico que nos rodeia, somos formados por ele, e o construímos pelas nossas ações e projetos.

“Espaço”, por ser um termo polissêmico, é responsável por uma série de debates e conclusões, já que as mais diversas ciências procuram criar teorias para compreendê-lo.

Aqui será utilizada a definição de espaço do geógrafo Milton Santos. Em sua abrangente teoria geográfica, são muitas as citações e enfoques dados ao termo espaço, que o geógrafo assim explicita:

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social. (SANTOS, 2002, p. 35)

O espaço na Geografia tem um significado importantíssimo, ele influencia e é influenciado. De acordo com este pensamento, ele nunca pode ser esquecido em uma avaliação de relacionamento entre o homem e um território, o homem e uma região, o homem e seu lugar.

Santos (2005) indica que o espaço possui uma *inércia dinâmica*, isso é, o espaço não é passivo, mas ativo, pois as formas espaciais “[...] também obrigam as outras

estruturas sociais a modificar-se procurando uma adaptação, sempre que não possam criar novas formas”. (SANTOS, 2005, p. 45)

Em qualquer análise econômica, o espaço também representa ponto importantíssimo para a evolução da atividade produtiva. Muitos dos elementos contidos no espaço são essenciais para a definição de muitas atividades.

Os fatores espaciais podem ser únicos em um território, região ou lugar. O homem, como ser dinâmico e complexo, também auxilia na construção e produção desse espaço, podendo deixá-lo único e imprescindível para certas atividades.

A história pode ser contada e demonstrada pelo espaço que se configura hoje. O espaço é um testemunho vivo e extremamente aparente de como o ser humano alcançou sua sobrevivência e concretizou suas intenções, em várias épocas pregressas (SANTOS, 2002, p. 146).

Essa história relatada pelo espaço, contudo, não é inerte para o presente, nem para o futuro. Ela interfere de muitas maneiras, e com intensidades variadas, no que o espaço é, e como será.

As influências no espaço não se esgotam apenas nos atores locais. Desde o princípio da relação do homem com o espaço, ele é induzido por fatores locais e externos. Os elementos criados pelo homem para vencer, adaptar e produzir o espaço de vivência promovem aceleração de sua utilização, e aumento do poder de produção deste espaço.

Assim, as influências também são aumentadas. A importância local, na atualidade, rivaliza de modo direto com as influências externas no espaço usado e produzido.

O espaço de vivência, aqui relatado, é aquele território em que o ser humano consegue sua subsistência, e mantém suas relações políticas, sociais e psicológicas, durante a maior parte de sua existência.

O espaço que acolhe o trabalho humano, e testifica suas modificações em cada época, é analisado por Santos (1996, p. 84) da seguinte maneira: “O espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, passado e futuro”. Deste modo, fica fácil perceber que a transformação do espaço também influencia a atividade industrial, e muito indica sobre os ramos de transformação que mais podem apresentar vantagens para o território delimitado pelo ser humano.

Assim a Geografia, ciência do espaço, tem teoria e cabedal suficientes para realizar uma análise convincente tanto da indústria, do espaço de sua localização, dos fatores locacionais que a afetam, quanto da influência que o setor secundário exerce sobre a população das cidades.

Ao visualizar como está sendo utilizado o espaço para o cidadão, a Geografia procura detectar como foi construído este espaço, e aplicar todos os seus conceitos e técnicas para identificar o que o espaço está relatando hoje.

O espaço é impregnado de intenções e mensagens. Para a construção de uma cidade mais justa e progressista, todos esses elementos devem ser capturados, avaliados e analisados em suas emissões de sinais do espaço.

A Geografia possui essa capacidade de extrair conclusões analisando o espaço, muitas vezes, com o auxílio das demais ciências. Ao passar o olhar em qualquer dos bairros dos centros urbanos, eles emitem história, economia, arquitetura, ecologia, através do espaço habitado.

Quando utilizamos a definição de território, nos baseamos no que Santos (2001) diz:

Num sentido restrito, o território é um nome político para o espaço de um país. Em outras palavras, a existência de um país supõe um território. Mas a existência de uma nação nem sempre é acompanhada da posse de um território e nem sempre supõe a existência de um Estado. Pode-se falar, portanto, de territorialidade sem Estado, mas é praticamente impossível nos referirmos a um Estado sem território. (SANTOS, 2001, p.19)

Assim, território é um espaço delimitado por estatuto político, autônomo, reconhecido e definido por constituição formal, no qual existe uma ambiência cultural equânime para maioria das pessoas. Com a ratificação do capitalismo mundial, existe uma mudança na caracterização do território de mando do Estado que, na atualidade, passa a conter um território de caráter capitalista mundial.

Santos indica que existe uma noção pós moderna de transnacionalização do território, pois a construção e utilização dos objetos, dentro do espaço, recebem comando externo ao Estado – Território (SANTOS, 2005, p. 138).

Ao utilizarmos a ideia de região, baseamo-nos nos conceitos trabalhados por Milton Santos. A região contém dados de infra – estrutura e também dados de supra-estruturas, sendo que estes dados possuem certo papel de comando em um pedaço do

território; as horizontalidades são efetivadas na região, e em cada ramificação das ações humanas, as regiões ganham aspectos únicos (SANTOS, 2005, p. 134).

O lugar é um pedaço do espaço, e a fração espacial mais íntima de um ser humano; nele, as relações psicológicas e afetivas são intensas, e importantíssimas para sua formação e entendimento, como ser humano. O lugar é único e complexo para cada pessoa, “[...] quanto mais o mundo se afirma no lugar, mais este último se torna único”. (SANTOS, 2005, p. 152)

Na nova fase do sistema mundo, o lugar é o espaço que materializa o global; mesmo que valores particulares sejam fortemente evidentes, as marcas globais estão presentes e aparentes.

A evolução da atividade industrial revolucionou toda a economia mundial. A história e a sociedade tiveram notáveis alterações em seus cursos. A isso, a Geografia Econômica não poderia ficar incólume, e a ciência foi reestruturada em muitos de seus conceitos e paradigmas, para entender esse novo momento da história.

3.2 Propósitos da Geografia Industrial.

Em meio à ciência geográfica, a Geografia Econômica surge para tratar os aspectos que estão diretamente ligados às atividades econômicas na produção do espaço, utilização e circulação dos produtos. Nesta especialização do conteúdo geográfico, Pierre George, como grande expoente da Geografia tradicional, enfatizou, em seu livro Geografia Econômica (1988), a importância de se buscar arquitetar uma Geografia da Indústria. Diz ele:

Nas análises geográficas modernas os fatores novos intervêm cada vez mais na localização das indústrias. Por isso, convém pesquisar os sistemas atuais de relações entre o espaço geográfico (o espaço previamente ocupado) e as tendências ou possibilidades de localização das indústrias, e examinar suas aplicações as localizações reais. As diferenças entre as potencialidades teóricas e as localizações reais são objeto de explicações regionais, que provém do exame de implantações herdadas de um sistema anterior de relações geográficas. (GEORGE, 1988, p. 88).

A Geografia Industrial abarca, portanto, um conteúdo mais específico para avaliar as características da atividade secundária no espaço mundial, e está em constante transformação, para tentar dar conta de um objeto de estudo tão mutante, em contínua

evolução; ou seja, mudam os fatores, e é preciso buscar novas interpretações geográficas.

3.2.1 Teorias de fatores locais apoiadas nos sistemas de produção Fordista e Pós-Fordista: tentativas de adequação e busca de saídas para um novo cenário global.

O setor secundário afetou todas as economias mundiais, fossem elas de base agrária ou já industrializadas. No século XIX, o capitalismo industrial ganhou robustez internacional e deu os primeiros passos para uma efetiva integração do mercado global. A indústria tornou-se um alvo para todos os países que almejavam a prosperidade econômica.

Sendo um setor estratégico para os países, a indústria aguçou a preocupação, o interesse e a pesquisa das várias áreas de conhecimento. Coube à Geografia, em seu início, apenas descrever a atividade de transformação, apontando as regiões, os produtos, e a localização de recursos naturais. Estall disse:

A preocupação especial do especialista em Geografia Econômica, relaciona-se com a distribuição espacial das atividades produtivas, a tarefa dele consiste em estabelecer e analisar os modelos de áreas dessa distribuição e chegar, se possível, a explicações válidas das mesmas. (ESTALL, 1976, p. 30).

Os fatores locais, contudo, não recebiam a devida atenção, e a força do espaço e seus condicionantes eram deixados de lado. Azzoni (1986), em seu livro “Teoria da Localização: Uma análise crítica”, relata a evolução das teorias locais clássicas, e explica que o processo foi lento, sem muita inovação em suas discussões.

As teorias neoclássicas foram desenvolvidas a partir de estudos da economia relacionados com o espaço. As pesquisas pioneiras, inauguradas por von Thünen no início do século XIX, e por Alfred Marshall, no final do mesmo século, enfatizaram a diminuição de custos, através dos meios de transportes, da mão-de-obra barata, e a proximidade do mercado consumidor. Os pesquisadores neoclássicos que seguiram os pioneiros foram Alfred Weber e August Lösch.

Inovações apareceram no pós-guerra, apresentando fatores subjetivos relacionados às intenções dos empresários. Tudo isso foi possível com a modernização dos transportes, leveza dos produtos, novas fontes energéticas, e aprimoramento da mão-de-obra.

Após 1950, o estudo da localização industrial tomou impulso, e uma verdadeira base teórica foi montada a partir das obras pioneiras dos alemães A. Weber e A. Lösch.

Para Pierre George, a existência de países industrializados é feita pelo desenvolvimento histórico e político de cada nação, porém, em escala regional, o que contribui para a localização é a busca do custo mínimo. Por motivo de justiça, cabe lembrar que George (1988), em seus estudos sobre a atividade industrial, por muitas vezes ressaltou que a complexidade é um atributo da localização.

As teorias neoclássicas se preocuparam com a descrição das grandes regiões industriais, desenvolvendo modelos, e buscando analisar as influências aparentes existentes em cada área. A. Weber se apóia na renda, transporte e trabalho, para explicar uma relação entre os três componentes para determinar uma posição perfeita para a produção. Em sua análise, os fatores secundários eram deixados de lado. Já Lösch inseriu fatores considerados secundários para estudar a localização das empresas; para o autor, a empresa procura se localizar onde possa obter mais lucro; a intenção do empresário é levada em grande conta, em uma análise com componentes mais abstratos que a anterior.

Em uma junção das teorias neoclássicas progressas, W Isard (1994) indica que existe uma teoria geral da localização, com análises empíricas de grande alcance. Isard demonstra a importância da decisão humana na localização das empresas.

Em meio às teorias neoclássicas, a que mais foi estudada e implementada foi a teoria dos pólos, de Perroux (1994). Esta teoria foi utilizada para o desenvolvimento regional e, além de ser mais abrangente, fortalecia a figura indutora do Estado.

O meio urbano também alterou e relativizou as teorias neoclássicas. Já as Teorias Marxistas apresentaram um novo enfoque, e valorizaram as aglomerações urbanas e as relações dos modos de produção. Dentre os pesquisadores das teorias locais que se contrapunham aos clássicos, estão Manuel Castells (2002) e Alain Lipietz (1994).

As aglomerações criaram novos ambientes industriais, e conseguiram criar fatores que favoreceram a produção em grande escala.

Nos anos 1960 e 1970, novas abordagens de localização foram estudadas, pois apenas os estudos de características visíveis e modelos prontos não eram suficientes para explicar a complexidade da localização industrial (MANZAGOL, 1985, p. 60).

Estudos comportamentais, analisando as decisões dos diferentes agentes, indivíduos e organizações envolvidos na localização industrial, começaram a ser

desenvolvidos. Trabalhos psicossociológicos apareceram para entender não apenas as decisões de caráter econômico, mas também as decisões individuais e familiares.

A mudança mais significativa, porém, foi a vigorosa crítica radical marxista. Essa teoria criticava os postulados da economia marginalista neoliberal, na qual se apregoava que o maior objetivo da localização é o do benefício da empresa e seu dono. Manzagol (1985) explicou a intenção dos marxistas: o espaço não é neutro; ele é, antes de tudo, projeção de relações sociais, motivo de disputas, de interesses, de lutas de classes (MANZAGOL, 1985, p. 149).

Dentre os opositores das teorias neoclássicas estão Castells (2002) e Harvey (2003), eles são contra os modelos econômicos prontos, pois se desviavam das pressões e questões sociais presentes na sociedade.

Os marxistas salientaram que a análise da produção do espaço deveria passar pelo estudo dos modos de produção, e pelas relações de produção existentes na localidade pesquisada. Outro ponto de preocupação e estudo era uma análise mais global entre o Centro e a Periferia do modelo econômico vigente, um modelo que ressaltava a internacionalização do capital e da exploração do trabalho, no Mundo. Um dos aspectos dessa exploração entre o Centro e a Periferia podia ser verificado na falta de preocupação com os assuntos ambientais na periferia do capitalismo mundial.

As teorias locacionais estão à mercê das mudanças econômicas e ajustes políticos de cada país. Como o sistema capitalista foi hegemônico na indução e estruturação dos modos de produção das principais potências econômicas, ele acabou sendo o objeto principal das análises realizadas no pós 1990.

As influências locacionais descritas por Estall e Buchanan foram bastante observadas no presente trabalho. Os autores destacam: via de regra, pode-se considerar que a melhor localização é aquela que, sendo os outros fatores iguais, facilita seu maior crescimento ou a obtenção de maior lucro (ESTALL; BUCHANAN, 1976, p. 21).

Eles afirmam que a intenção da localização industrial não é a busca de um sítio, lugar, mas a busca de uma área ou região. Indicam que as tarefas gerais que uma indústria deve executar são: 1) Compra das matérias-primas; 2) Beneficiamento dos materiais, e distribuição no mercado. (ESTALL; BUCHANAN, 1976, p. 35).

As maiores influências da localização estão baseadas nos transportes, fontes de energia, fatores de produção (custos da mão-de-obra, capital), concentração geográfica e pesquisa. Não deixam de destacar os fatores indiretos, que são a água, clima, serviços e tributos municipais.

A partir da década de 1970, com a mudança do paradigma fordista, as teorias locais tiveram a agregação de outras características, principalmente a evolução dos sistemas informacionais e de telecomunicações. Castells (2002) diz:

De fato parece que o surgimento de um novo sistema tecnológico na década de 1970 deve ser atribuído à dinâmica autônoma da descoberta e difusão tecnológica, inclusive aos efeitos sinérgicos entre todas as várias principais tecnologias. Assim, o microprocessador possibilitou o microcomputador; os avanços em telecomunicações, possibilitaram que os microcomputadores funcionassem em rede, aumentando assim o poder de flexibilidade. (CASTELLS, 2002, p. 97)

A partir da década de 1970, a noção de flexibilidade começou a tomar grande espaço na estratégia, na produção e administração das indústrias. Tudo isso em razão da crise energética, do aumento da competitividade mundial, de redução de custos, e diversificação dos produtos.

Para as indústrias transnacionais poderem aumentar seu poder de competição e cobertura nos mercados mundiais, a necessidade de contar com novos aspectos locais é de suma importância. As metrópoles, que eram vistas como áreas de deseconomias, pois enfrentam grandes problemas urbanos, atualmente oferecem novas opções para a atração de empresas que necessitam de flexibilidade. Castells informa: “[...] as maiores áreas metropolitanas antigas do mundo industrializado são os principais centros de inovação e produção de tecnologia da informação [...]”. (CASTELLS, 2002, p.104)

Entre todos os fatores locais, desde as teorias clássicas até as marxistas, a presença do poder governamental é vital. Por todas as fases do capitalismo, a participação da força estatal foi importantíssima; mesmo na era da flexibilidade e alta competitividade entre as transnacionais, o Estado foi indutor de conhecimento, infraestrutura e tecnologia. Nas principais aglomerações industriais do mundo, o Estado participou ativamente na transformação tecnológica, e na valorização dos fatores locais (CASTELLS, 2002).

Atualmente, todos os fatores locais são importantes, e no mundo de capitalismo competitivo, qualquer fator pode fazer a diferença e dar maior competitividade para uma nação, ou empresa.

3.1.2 Do modelo fordista para o pós-fordista.

No começo do século passado, as bases do modo de produção foram modificadas por Frederick Taylor e por Henry Ford. O modelo fordista instituiu a produção em série, e o resultado da produção em massa foi o aumento do mercado consumidor:

O que havia de especial em Ford era sua visão, seu reconhecimento explícito, de que produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista. (HARVEY, 2003, p.121)

Os EUA descobriram, já nos anos vinte, um consumo que perpassava todas as classes sociais. O barateamento dos produtos e o aumento dos salários reais inauguraram o “American way of life”. Porém, o modo fordista de produção foi barrado pela grande crise capitalista de 1929.

O fordismo foi implementado com todo vigor no restabelecimento dos países capitalistas no pós – guerra. Este modelo foi absoluto nas décadas de 1940 a 1960, com o auxílio dos EUA a várias partes do mundo (Planos Marshall e Colombo), e o restabelecimento das nações européias.

O paradigma fordista representou um crescimento ordenado e controlado para as indústrias que o implementavam. A recuperação do poder de compra da população, e as medidas sociais implementadas pelos estados, fizeram com que o ganho social fosse enorme (HARVEY, 2003, p. 125).

Assim, não apenas os EUA, mas os demais países centrais recuperaram as perdas sofridas pela grande crise no final dos anos 20. Também é de valia lembrar que a política stalinista, na URSS, promoveu um substancial avanço no setor industrial soviético.

A década de 1930 foi de crescente recuperação para os países envolvidos na 1ª Guerra Mundial, porém, a recuperação econômica foi acompanhada de um crescente militarismo, que culminou na 2ª Guerra Mundial.

Terminado o conflito, o mundo estava dividido na influência de duas potências, EUA e URSS, que inauguraram uma guerra de contenção e equilíbrio nuclear, conhecida como Guerra Fria. Apesar de todos os valores capitalistas apregoados pelos

ocidentais, o Estado continuou exercendo papel decisivo para o crescimento do capitalismo.

A política do “Welfare State”, instituída pelos países centrais capitalistas (EUA, Europa Ocidental e Japão), foi fortemente auxiliada pelo modelo fordista. O controle da produção por órgãos governamentais, e os acordos das empresas com os sindicatos pelas condições de trabalho e aumento salarial, criaram um ambiente de profundo controle econômico.

Toda a produção era regulada, e nada poderia fugir ao controle dos atores responsáveis. O capitalismo estava monitorado, e o crescimento era cadenciado. O ganho dos empregados era real, e os serviços sociais foram estendidos a toda a sociedade. As empresas, mesmo privadas, eram fortemente regulamentadas pelos agentes estatais; muitas dessas empresas possuíam participação do Estado, e o poder público contribuía e intervinha para o desenvolvimento da empresa (HARVEY, 2003, p. 117).

O crescimento no modelo fordista foi real e convincente; para as empresas industriais mais poderosas, o ganho em escala dentro de seus países foi extraordinário, e com o fortalecimento de suas posições nos respectivos ramos de atuação, puderam avançar no mercado mundial.

As empresas instituíram um treinamento limitado para seus funcionários, e as funções eram específicas e delimitadas. Toda a produção era segmentada, e as tarefas dos operários eram rotinizadas. Não apenas dentro das empresas o fordismo se fazia presente; já foi dito que os sindicatos estavam fortemente ligados na decisão do aumento salarial, e mudanças bruscas eram minimizadas por acordos entre os participantes da sociedade (Estado, Sindicato e Empresas).

Essa fase ficou conhecida como os “Trinta Gloriosos”, foram anos de profundo crescimento e estabilidade econômica (HARVEY, 2003, p. 119). Os ramos mais importantes no período foram o automotivo, estaleiros, equipamentos de transportes, siderurgia, petroquímicos, borracha, os eletrodomésticos e a construção civil; estes setores impulsionaram o crescimento de regiões específicas da Europa (Rhur-Reno), EUA (Manufacturing Belt) e do Japão (Tóquio-Yokohama) (HARVEY, 2003, p. 125).

A recuperação da Europa Ocidental e Japão foi visível e, no final deste período (início dos anos 70), empresas japonesas e européias começaram a rivalizar, no mercado mundial, com as empresas americanas, detentoras, até então, de larga vantagem global.

A localização das áreas de produção também foi influenciada pelo modelo fordista. Com o grande controle promovido pelo Estado, em todos os setores econômicos, e também nas relações entre o patronato e o proletariado, as decisões de localização também ficaram à mercê do Estado.

Todos os países, fossem eles capitalistas ou socialistas, promoveram induções na forma de ocupação espacial. Nos países socialistas, como na URSS, as áreas eram indicadas e cristalizadas pelos planos quinquenais; esses espaços eram auxiliados pela política de fixação da população nos lugares determinados pelo Estado.

Nas principais nações capitalistas, planos estratégicos de desenvolvimento espacial foram extensivamente utilizados para a produção e ocupação do território. O processo era facilitado pelo protecionismo alfandegário, e também pela regulação da produção, exercida pelos agentes governamentais.

As políticas desenvolvimentistas tomaram impulso, e rapidamente faziam parte das políticas econômicas dos países,

Essas políticas eram dirigidas para as áreas de investimento público – em setores como os transportes, os equipamentos públicos e etc. – vitais para o crescimento da produção e do consumo de massa e que também garantiam um emprego relativamente pleno (HARVEY, 2003, p. 129).

Os fatores clássicos de localização industrial tiveram papel importantíssimo para a ocupação do espaço (ESTALL, 1976, p. 15). Investimentos em infra-estrutura faziam parte de qualquer pauta governamental, para oferecer ao espaço condições de receber parques industriais.

O mundo subdesenvolvido passou a integrar de forma mais consistente a divisão internacional do trabalho (DIT). Até a década de 1930, as áreas periféricas faziam parte da DIT apenas fornecendo matérias-primas para o abastecimento dos líderes capitalistas (HARVEY, 2003, p. 145).

Após a 2ªGGM, a expansão dos países subdesenvolvidos deixou a DIT mais complexa, e ofereceu a alguns países do mundo subdesenvolvido um novo papel no capitalismo mundial. O fordismo significou a formação de mercados de massa globais e a absorção da massa de população mundial (fora do mundo comunista) na dinâmica global de um novo tipo de capitalismo (HARVEY, 2003, p.131).

Os interesses das potências capitalistas eram de ordem ideológica e, principalmente, econômica. Com o aumento da tensão bipolar no pós-guerra, os EUA procuraram aumentar os laços econômicos com países estratégicos do Terceiro Mundo.

O forte crescimento dos EUA, Europa Ocidental e Japão, fez os capitais abundarem e o crédito foi facilitado com juros mais baixos. Além da exuberância do setor financeiro, muitas indústrias ganharam escala em seus próprios países, e transbordaram para o mercado externo.

O setor financeiro procurou governos mais equilibrados e alinhados ao capitalismo, e as transnacionais foram em busca do grandioso mercado consumidor dos países populosos.

A transferência do modelo produtivo fordista-taylorista era feita nos mesmos moldes do modelo original, mas a produção de massa era realizada com menor qualificação técnica e menor diversidade de produtos.

Toda a fábrica era adaptada para os padrões de baixa escolaridade dos países pobres, e para um mercado consumidor limitado e pouco exigente. O processo produtivo no mundo desenvolvido era feito totalmente sem disjunção espacial, pois o intercâmbio entre a matriz e as filiais era dificultado, na época, pela baixa evolução das telecomunicações, transportes e informatização.

Alguns países, não possuindo um mercado consumidor atraente, serviram de plataforma de exportação para empresas transnacionais que buscavam mão-de-obra mais barata e servil.

Os Tigres Asiáticos também fizeram parte dos New Industrialized Countries, (NICs); esses países asiáticos receberam pesados investimentos dos EUA, Japão e de suas multinacionais, para serem enclaves capitalistas para gerarem lucros dos investimentos externos.

Os governos dessas nações receptoras se esforçaram para atrair novos investimentos, e intensificaram a polarização de regiões já importantes de cada país. Com o mesmo modelo dos países desenvolvidos, mas sem as mesmas condições técnicas, financeiras e científicas, a maior parte dos países subdesenvolvidos foi um reflexo mal feito do que estava ocorrendo nos líderes capitalistas.

O modelo fordista serviu para aumentar a produção e baratear os produtos, este modelo foi seguido por todos os países e empresas do mundo capitalista desenvolvido, porém a mudança para um novo modelo estava prestes a ocorrer. Com a recuperação e

avanço de economias do próprio mundo desenvolvido, as bases produtivas começaram a ser alteradas no início dos anos 1970.

A 1ª crise do petróleo, em 1973, prejudicou uma das bases do forte crescimento, a energia barata. O preço da principal fonte energética consumida no mundo alterou a abundância a que os países desenvolvidos capitalistas estavam acostumados nas décadas anteriores. Deste modo, eram necessárias mudanças urgentes.

O modelo fordista de produção entrou em choque, pois o consumo por todo o mundo arrefeceu, e não oferecia demanda para os produtos em massa produzidos pelo modelo vigente. As novas técnicas implementadas pelo Japão (Toyotismo, CAD e Kan-Ban) eram menos onerosas, evitavam o desperdício, além dos produtos serem mais sofisticados e diversos. Estavam sendo dados os primeiros passos para a introdução do modo de produção pós fordista.

O Japão, para alcançar este êxito, mudou substancialmente a forma de gerenciamento da produção. Suas empresas treinavam os empregados para a “ciência do chão de fábrica”, os funcionários possuíam um conhecimento de toda a produção, ao contrário do modo fordista, em que o trabalhador possuía um conhecimento compartimentado e segmentado. Este novo modo de produção iniciado pela indústria japonesa foi significativo para qualificar o operário japonês, e trouxe diversidade e flexibilidade para a produção.

Outro item de profunda mudança do paradigma fordista para o pós fordismo foi a estrutura da fábrica, pois o modelo de grandes estoques e almoxarifados imensos trazia desperdício e elevação nos custos da produção. O sistema “Just-in-Time” diminuiu os estoques, e inaugurou uma planta produtiva mais “leve”, menor e ágil. A logística foi fundamental para operacionalizar a produção com estoques “apenas para o momento” (HARVEY, 2003, p. 140).

A forma de produção flexível e diversificada, iniciada após a crise energética, somou-se às conquistas nos ramos das telecomunicações, informatização e transportes. Os dados e a complexidade da produção puderam ser aumentados, estocados e manipulados no nascente sistema de informatização, determinando assim, uma produção mais rápida, objetiva e flexível.

A corrida aeroespacial promoveu novas redes de comunicações, que não necessitavam de plataformas rígidas de transportes. Os satélites libertaram as indústrias de seu espaço pré-determinado; sem contar as locomoções físicas que ganharam padronização (contêineres) e velocidade.

Outro forte ingrediente para a transformação foi a grande competitividade ampliada desde os anos 1960. Os países desenvolvidos da Europa Ocidental e o Japão se recuperaram, e a hegemonia americana foi abalada, pois as empresas destes países necessitavam também de novos mercados para aumentarem seus lucros.

A competitividade forçou caminho para a inovação e a diversificação e o modelo fordista não poderia satisfazer as necessidades da competição nascente, nem produzir a demanda requerida desta nova fase. Sua estrutura pesada, rígida e quantitativa não coadunava com o novo mundo pós-crise energética.

As empresas foram as primeiras a entenderem esse novo modelo, muitas delas provocaram esta mudança nos meios de produção, e necessitavam explorar novos mercados para sobreviverem.

Nos países desenvolvidos, regiões apareceram com um tipo de aglomeração diferenciada, e apoiadas umas nas outras. Pequenas e médias indústrias se aglutinaram para buscar a flexibilidade, co-auxílio, e agilidade na produção, sem perder a possibilidade de ganho de escala para disputar novos mercados. Os exemplos marcantes são as pequenas e médias empresas de algumas cidades da Itália (Emilia Romagna), tendo o crescimento destas aglomerações sido captado pela pesquisa inovadora de Piore e Sabel (BENKO, 1994). Não só a Itália revela a existência do modelo produtivo, alternativo, e Scott e Storper reconhecem a flexibilidade produtiva em áreas da Califórnia (SCOTT, 1986).

O Estado, em seu modelo intervencionista, criou condições necessárias para a preparação das empresas e seu desenvolvimento tecnológico. Os maciços investimentos bélicos, aeroespaciais e energéticos foram responsáveis por criar áreas de “transbordamento” técnico e científico, e o exemplo mais notório foi o Vale do Silício na Califórnia, que foi o núcleo das transformações informacionais e de telecomunicação. Castells (2002) diz:

O Vale do Silício foi transformado em meio de inovação e convergência de vários fatores, atuando no mesmo local: novos conhecimentos tecnológicos; um grande grupo de engenheiros e cientistas talentosos das principais universidades da área; fundos generosos vindos de um mercado garantido e do Departamento de Defesa; a formação de uma rede eficiente de empresas de capital de risco; e nos primeiros estágios, liderança institucional da Universidade de Stanford. (CASTELLS, 2000, p. 100)

Os grandes investimentos realizados na indústria bélica, nos países desenvolvidos, somando-se às indústrias, universidades, formaram centros e regiões tecnológicas, e núcleos de apoios à promoção, e inovação para as grandes empresas transnacionais.

A ideologia econômica que amparou essa nova fase do capitalismo apareceu no início dos anos 1970, o Neoliberalismo, e foi de encontro às políticas estatais e intervencionistas dos anos de recuperação.

O Estado, antes auxiliador, participante e interventor, agora era o entrave para o avanço do capitalismo. No momento em que as empresas necessitavam aumentar seus mercados e internacionalizar ainda mais a produção, o Estado passou a ser uma barreira para o aumento dos lucros.

Políticas de “Estado Mínimo” foram exercidas por vários governos; Reagan, nos EUA, e Thatcher, na Inglaterra, foram os mais notórios nos anos 1970 e 1980. Um Estado desregulamentado, e menos participante dos fatos econômicos nacionais, era de grande valia para a forte atuação das empresas e penetração em ambientes antes fortemente protegidos e regulamentados (HARVEY, 2003, p. 150).

A gradativa mudança, de um sistema mundial fordista para um modelo mais flexível, deu-se com o fim dos entraves ideológicos, logísticos e de comunicação; neste momento, a hegemonia do capitalismo ficou estampada, e as barreiras para seu avanço foram derrubadas, o que possibilitou a extensão e o fortalecimento de sua atuação.

Todas as mudanças desenvolvidas dentro do mundo capitalista, durante os anos 1970 e 1980, ficaram evidentes nos anos 1990. A evolução das telecomunicações, informática e transportes serviu como vetor para dinamizar e aumentar a competição, produção e consumo mundiais.

As plantas industriais transnacionais se deslocaram de modo mais rápido, com intuito de buscar lugares que lhes possibilitassem custos menores, para lucros maiores.

Nenhuma parte do mundo ficou incólume a este processo de Globalização Econômica, mesmo os países desenvolvidos, sede das grandes empresas, sofreram com a decadência de áreas produtivas em seus territórios.

O modelo de produção e gerenciamento fordista foi, em sua essência, substituído pela produção flexível, diversificada e globalizada. A disputa pelos mercados ficou acirrada, e o resultado mais evidente desta altíssima competitividade é o

fortalecimento da publicidade e da mídia, reforçado pelo alcance mundial das telecomunicações.

O mercado de trabalho também foi alterado: os empregos, antes protegidos legalmente, e os trabalhadores amparados por um estado assistencialista, foram transformados em postos transitórios incertos, e com pouco respaldo legislativo.

A terceirização, a subcontratação e a flexibilidade dos postos são palavras de ordem para a atração e perpetuação das empresas nas áreas produtivas: “Mais importante do que isso é a aparente redução do emprego regular em favor do crescente uso do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado”. (HARVEY, 2003, p. 143).

A localização industrial ganhou novos atributos, apesar das vantagens clássicas ainda serem importantes, e quem as possui está mais preparado. Outros aspectos aparecem para a atração industrial. A produção se fortalece com a proximidade de centros tecnológicos e inovadores; além do mais, esses centros possuem um preparo de mão-de-obra qualificado e útil. A interligação com outros centros tecnológicos e com os mercados consumidores é de fundamental importância para a ratificação e preservação das indústrias, e manutenção da competitividade internacional.

3.2.3 A mobilidade da localização industrial, na atualidade

A localização industrial faz parte dos estudos da Economia e da Geografia há muito tempo. Pelo menos, desde o século XIX, estudiosos analisam as características dos territórios que possuem concentrações industriais. Os estudos de localização industrial, primeiramente, concentraram-se nos países europeus e nos EUA, justamente em razão da precocidade industrial nessas regiões.

A análise tradicional das teorias locacionais valoriza a proximidade do mercado consumidor, rede de transporte eficiente, acessibilidade à matéria-prima e facilidade na obtenção dos recursos energéticos. De longe esses fatores continuam sendo de grande importância, e tê-los, pode ratificar uma vantagem até os dias de hoje.

A cidade de Bauru iniciou sua trajetória industrial e econômica justamente baseada nos fatores locacionais tradicionais. A grande demanda pelas matérias-primas brasileiras, especialmente o café, no final do século XIX, mobilizou toda a economia emergente do Estado de São Paulo. Desse modo, o estado sofreu uma forte intervenção

influenciada pela economia internacional, principalmente com o aumento nas importações de café pelos EUA.

Vale lembrar que a construção de três ramais ferroviários (fator locacional da análise tradicional) criou novas condições para o desenvolvimento desta cidade do interior paulista. Assim a cidade de Bauru não ficou à margem das mudanças globais no final do século XIX e início do XX.

O século XX foi um momento de grande mudança para a localização industrial. O modelo fordista privilegiava grandes plantas industriais e a vantagem maior era agregar toda produção em um mesmo local. Esse modelo era amparado por uma política governamental de grande planejamento e controle. Os países possuíam uma menor interação com outros mercados, e as políticas públicas influenciavam a localização, a produção, e até mesmo o consumo do território nacional. A lógica era a ocupação estratégica do território, regiões recebiam investimentos públicos e empresas eram induzidas para se instalar, mesmo que, em muitos momentos, em locais que contrariavam a lógica dos estudos tradicionais.

O modelo fordista e o avanço dos países centrais foram abastecidos por uma política de recursos energéticos baratos e expansão do consumo interno e externo. O crescimento econômico era orientado por forças públicas coadunadas com os poderosos aglomerados industriais.

Com esse tipo de evolução industrial e produção controlada, os países centrais puderam criar vantagens técnicas e locacionais para competirem no cenário internacional.

O Brasil recebeu, a partir dos anos 1950, investimentos vindos de multinacionais que procuravam potencializar seus lucros. Com um mercado consumidor e infraestrutura atraentes, o Estado de São Paulo recebeu um grande volume de investimentos internacionais, pois já contava com uma economia madura e, de certa forma, melhor inserida no mercado mundial.

O Oeste paulista, região onde está localizada Bauru, serviu de amparo para a região metropolitana, ratificando sua importância no agronegócio. A pecuária, a laranja, o café, o algodão e o crescimento da cana-de-açúcar, foram produtos que formaram a base econômica do oeste paulista. Porém, no cenário internacional, a situação foi alterada a partir dos anos 1970, em que a crise energética destruiu umas das grandes bases do modelo fordista. A redução do consumo interno e o início da concorrência,

principalmente de países asiáticos, especialmente o Japão, foram fatores que favoreceram a drástica mudança internacional.

A localização industrial passou por mudanças impressionantes, pois a escolha para a instalação e transferência das indústrias começou a obedecer a outros fatores. As telecomunicações e os meios de transportes tiveram grande evolução e criaram uma plataforma ímpar para a atividade industrial. Os atores de fixação industrial tornaram-se mais complexos e diversificados, passando a contar fatores psicológicos, conhecimentos tácitos e atores sociais.

A entrada dos países asiáticos, China e Tigres Asiáticos, foi de grande importância para o novo cenário mundial. Esses países trouxeram uma abundante mão-de-obra e um poderoso mercado consumidor.

A desregulamentação da economia mundial auxiliou a criar um “território” mundial para as grandes empresas e fundos de investimentos. Mesmo com grandes conflitos comerciais, protecionismo e elevados subsídios, o número de países para receber investimentos e tornarem-se plataformas produtivas se elevou em relação ao período fordista.

O neoliberalismo foi a política econômica acompanhante dessas mudanças. A desregulamentação da economia do período fordista foi a tônica, inicialmente; para os países centrais, essas alterações foram significativas para as flexibilizações da força de trabalho, da produção interna, destinos dos investimentos e pagamentos de tributos.

A partir dos anos 1970, EUA e Inglaterra promoveram reformas sociais com o intuito de reduzir os gastos públicos. Essas ações, ou reformas, foram estendidas para outros países centrais, e conseqüentemente para as nações periféricas. Organizações supranacionais, como OMC, FMI e Banco Mundial, auxiliaram na implantação dessas reformas, pois condicionavam os empréstimos e auxílios, e as mudanças na política econômica.

Analisando essa conjuntura, Santos (2001) ressalta o espaço:

...como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Trata-se de caracterizar uma situação na qual, em cada área, os objetos tendem a exercer certas funções e os respectivos processos são, em grande parte, submetidos ao papel regulador de instituições e empresas (SANTOS, 2001, pág. 289.)

Santos enfatiza que, para entender a realidade presente em que vivemos, é necessário compreender a situação a partir de forças que, frequentemente, não são

visíveis a olho nu. Assim, a fase pós-moderna possui forças econômicas que aparentemente se justificam e recebem uma capa de legalidade, para atuarem como se fossem verdades absolutas e instituições públicas, atuando para o bem de todos.

O território, espaço delimitado por mando político, atualmente pode ser usado de maneira distinta pelas empresas. Em um mesmo território existem muitas divisões de trabalho e interesses sobrepostos. Assim, algumas empresas podem fatiar a unidade territorial, de acordo com os propósitos de demanda, e sempre objetivando o lucro (SANTOS, 2001).

Em um mesmo território pode haver empresas que atuam de modo global, mas também, unidades produtivas que mantêm objetivos locais–nacionais, e locais–municipais, nomeadas por Santos como circuitos inferiores intra-urbanos.

Bauru, em seu desenvolvimento econômico, desde o início do século passado, foi transformada e construída por uma lógica global, principalmente, no período da expansão cafeeira. Porém, empresas menores também tiveram a sua participação no desenvolvimento da cidade. É nítida, atualmente, a existência de empresas de caráter global, definindo seus investimentos pautados em uma lógica de produção global, sendo que, em muitos momentos, a importância dos atores locais não é levada em consideração.

Os exemplos mais notórios, de caráter positivo e negativo, na cidade de Bauru, foram a centralização produtiva da Cadbury Adams, tornando a planta de Bauru a única a produzir para a América Latina; em contrapartida, em 2004, a multinacional americana Bunge desativou a unidade produtiva de Bauru, antiga SANBRA, transferindo a produção de óleo vegetal para fábricas no centro-oeste do país.

A importância do território nesta nova fase ganha contornos dramáticos, pois, em pouco tempo, ele pode passar de atrativo para repulsivo. Santos menciona o termo “privatização do território”, pois as empresas mais fortes utilizam o território a seu bel-prazer, amparadas por uma política pública omissa e, muitas vezes, complacente com a “privatização do território” (SANTOS, 2001, p. 291).

A localização industrial, atualmente, é dirigida por poucas empresas que comandam territórios globais e induzem a dinâmica econômica.

O papel de comando, todavia, é reservado às empresas dotadas de maior poder econômico político, e os pontos do território em que elas se instalam constituem meras bases de operação, abandonadas logo que as condições deixam de lhes ser vantajosas. (SANTOS, 2001, p. 291)

Para aumentar a complexidade e a lógica da localização industrial, os ramos industriais buscaram, cada um, as melhores potencialidades para suas finalidades. Assim, aglomerações foram dispersas pelos territórios, tendo cada empresa uma lógica própria. “Para cada uma delas, o território do seu interesse imediato é formado pelo conjunto dos pontos essenciais ao exercício de sua atividade, nos seus pontos mais fortes.” (SANTOS, 2001, p. 293)

A vantagem global induz a política da empresa nos territórios que mantém as ações, isso é essencial para manter a produção competitiva e para a manutenção dos lucros.

Santos também analisa os atores públicos, pois eles são os responsáveis por gastos de grande vulto, e os poderes públicos, mesmo que dirimida a força, ainda são responsáveis pela regulação, execução e fiscalização do Estado. Deste modo, nunca as empresas globais podem se esquivarem de entender, aproximar e pressionar os poderes públicos. Faz parte da lógica locacional industrial um intenso diálogo com os poderes públicos.

No Mundo existem, segundo Santos, espaços que são luminosos e opacos, pois as vantagens comparativas são variáveis de acordo com o tipo de indústria, “Na verdade, essa hierarquia pode não ser permanente ou sequer durável nas circunstâncias atuais da globalização”. (SANTOS, 2001, p. 294). Confirmando a análise apresentada, o autor menciona que, na prática competitiva global, o território passa por forte construção, destruição e reconstrução.

Na fase atual, os lugares competem entre si, pois os territórios se apresentam como um grande leilão, onde seus atrativos podem ser bons para um tipo de empresa, ou repulsivo para outro.

Desse ponto de vista, cada lugar, como cada região, deve ser considerado um verdadeiro tecido no qual as condições locais de infraestrutura, recursos humanos, fiscalidade, organização sindical, força reivindicatória afastam ou atraem atividades em dado momento. (SANTOS, 2001, p. 297)

Os locais apresentam, muitas vezes, uma vantagem comparativa alienada, pois os produtos e os modos de produção não estão relacionados com a história do local, nem com o processo evolutivo da economia local. Esse fator pode prejudicar o local, quando deixa a economia muito dependente de forças externas.

Por Bauru estar atrelada à dinâmica da região metropolitana da cidade de São Paulo, a impetuosidade econômica desta, ou sua ausência, condicionaram o crescimento econômico da cidade. A partir dos anos 1970, ocorreu uma desconcentração da região metropolitana, mas essa desconcentração não foi capaz de fomentar um crescimento industrial maior além de um raio de 150 km a partir da capital. Assim, a cidade de Bauru pouco se beneficiou da desconcentração paulista.

A crise de crédito mundial, nos anos 1980, também influenciou o país, tipificando o período como década “perdida”. A atividade industrial sofreu grande retração e a desconcentração teve sequência bem mais lenta.

Markusen, ao analisar a geografia econômica moderna, principalmente após os anos 1980, reclama do fato de não se levar em conta os atores locais no estudo da localização das indústrias.

Considero a maior parte da literatura, do final dos anos 1980 até o presente momento, lamentavelmente abstrata e sem atores. Gasta-se energia acadêmica em conceitualização, de uma maneira descritiva em sua maior parte. Em narrativas causais, os atores foram substituídos por processos, tais como aglomeração. Em vez de atores dando forma à geografia econômica, atribuem-se papéis causais a fenômenos subteorizados tais como aprendizagem e redes. (MARKUSEN, 2005, p. 58)

A autora define como atores instituições que funcionam como agentes decisórios, empreendedores que decidem estabelecer ou criar firmas e, também, trabalhadores que decidem migrar. Markusen cita que o principal desses atores, de caráter não lucrativo, continua sendo o Estado: “Para cada conjunto de atores examinado é mostrado como, dentro dos processos modificados dos ambientes físicos e das estruturas da sociedade, a tomada de decisões e o comportamento dos atores replicam e alteram as economias regionais.” (MARKUSEN, 2005, p. 58).

Para análise mais distinta e acurada da localização industrial, o contexto continua tendo grande importância, porém Markusen enfatiza que, além de verificar a localização pela tradicional economia política, cabe destacar, conjuntamente, o comportamento dos atores, somados ao contexto.

A vontade do empresário, nos últimos anos, é um elemento pouco estudado, mesmo que as condições econômicas, tecnológicas e políticas tenham mudado, ou forçado uma mudança, a decisão de escolher uma certa localização pertence ao

empresário. Por essa razão, Markusen invoca estudos mais aprofundados sobre a vontade desse ator.

Evocando atenção para os atores, Markusen indica: “A inclusão dos atores e seu comportamento sob limitações será essencial, se geógrafos econômicos e economistas regionais desejarem ir além da descrição do cenário regional.” (MARKUSEN, 2005, p. 72).

O estudo de Markusen choca-se com a tendência de valorização da espontaneidade locacional; ela afirma que, atualmente, a manutenção do contato e das ligações nos locais são mais fracas, pois cada unidade e trabalhador possuem contatos diretos com empresas, técnicas e tendências com amplas escalas. Deste modo, ocorre uma quebra nos contatos que poderiam trazer diferenciação internacional para o local competir em escala global e formar uma aglomeração atrativa.

Para a organização de uma cidade-região, sempre será necessária uma liderança capaz de representar os interesses das empresas e atores locais. Por essa razão, o Estado é evocado pela autora como ator de maior permeabilidade na economia da região, porém sem esquecer a participação de sindicatos, empresas, instituições educacionais. (MARKUSEN, 2005)

Para Pecqueur (2005), a proximidade espacial, material e não material, no espaço, ainda é um fator importante. Nesses últimos anos, foram agregadas novas características à força da proximidade. Para o autor, a proximidade espacial de fatores infraestruturais, de força de trabalho e coordenação empresarial e política é essencial para incrementar a atratividade de um espaço.

A cidade volta a ter uma participação fundamental na atualidade, pois consegue estar mais predisposta para apresentar elementos da proximidade, e, também, para receber as inovações tecnológicas para aumentar as potencialidades da proximidade. Segundo PECQUEUR e ZIMMERMAN, “[...] o alargamento dos fluxos de informação para além do mercado e dos preços, considerados como instituição, permite assegurar a informação e os custos de distância.” (PECQUEUR; ZIMMERMAN, 2005, p. 78).

A proximidade urbana combina um efeito de densidade e um efeito de diversidade que não encontramos nas redes a-espacializadas. A cidade é o lugar ideal de trocas rápidas de informação tácitas, está nas maiores aglomerações de atividades, ou seja, nas cidades. (PECQUEUR; ZIMMERMANN, 2005, p. 82)

Em todas as novas teorias de localização são abrangentes as citações valorizando recursos de telecomunicações, e, principalmente, as pesquisas atreladas ao setor produtivo. Somente com uma infraestrutura nas telecomunicações e energia, as cidades podem fazer com que suas empresas entrem na competição mundial, e que atraíam novos recursos e empresas para seu espaço.

A capacidade de se tornar um espaço atrativo, nos dias de hoje, deve levar em conta a cultura do conhecimento, e sua eficiência em integrar a economia; desse modo, os países que investiram, no passado, recursos na atividade científica, são integrantes, também, desta nova fase. Esse longo percurso forma um tipo de atração e fortalece a competitividade.

O paradoxo desse processo é que, ao invés de reduzir as distâncias econômicas e sociais entre os países e localidades, a sociedade do conhecimento e um de seus braços, o processo de globalização, aumentam as diferenças. Em primeiro lugar, esse processo dificulta e subordina o desenvolvimento dos países emergentes ou de industrialização tardia, a exemplo do Brasil, na medida em que a dotação de ativos intelectuais e da capacidade de realizar investimentos em pesquisa é altamente diferenciada, gerando um efeito retroalimentador de difícil superação (DINIZ; GONÇALVES, 2005, p. 133)

A competição atual está tão intensa e global que qualquer diferença ou característica existentes no mercado, ou nos lugares, podem ser um fator positivo. Deste modo, afirma Porter:

Uma nova teoria deve partir da premissa de que a competição é dinâmica e evolui (...) Na competição real, o caráter essencial é a inovação e mudança (...). A vantagem competitiva é criada e mantida através de um processo altamente localizado. Diferenças nas estruturas econômicas, valores, culturas, instituições e histórias nacionais contribuem profundamente para o sucesso competitivo. (PORTER, 1989, p.257)

Condições infraestruturais podem ser construídas e rapidamente equipar um lugar, mas a economia do conhecimento é formada por laços muito mais complexos, poderosos e demorados. O aprendizado é indicado por Diniz e Gonçalves como um dos fatores mais importantes na competitividade e diferenciação dos lugares.

O processo de aprendizado é fortemente localizado, em função da forma como interagem pesquisa, experiência prática e ação, através dos processos de aprender fazendo, aprender usando, aprender interagindo e aprender aprendendo, que sintetizam a economia do aprendizado. (DINIZ; GONÇALVES, 2005, p. 136)

Mesmo o Brasil fazendo parte das nações em desenvolvimento no mundo, os autores levantam pontos positivos de empreendimentos da economia do conhecimento

no país. Aglomerações poderosíssimas se formaram no decorrer do processo de industrialização do país, fazendo do Estado de São Paulo um dos centros de inovações no hemisfério sul.

Apesar das dificuldades, o Brasil possui condições para o desenvolvimento das indústrias do conhecimento, considerando o tamanho da base produtiva já existente e o sucesso de vários empreendimentos na área de indústrias e serviços baseados em alta tecnologia; a dimensão e o avanço do sistema acadêmico universitário e de pesquisa; bem como a infraestrutura urbana e de serviços modernos. (DINIZ; GONÇALVES, 2005, p. 166).

3.2.4 Processo de formação da indústria brasileira: influência das principais nações, e da base agrária do país.

Já foi analisado como a industrialização dos países pobres seguiu o comando das nações líderes capitalistas, sendo fortemente influenciada pela expansão das aludidas economias. O modelo de produção fordista também, bem ou mal, foi a tônica para a produtividade das transnacionais que se instalaram no pós guerra.

Os países subdesenvolvidos fizeram parte de um plano de expansão do capitalismo mundial; muitos desses países já estavam inseridos, de alguma forma, e há muito tempo, no sistema capitalista mundial, porém novos países receberam investimentos para se tornarem industrializados.

O Brasil fazia parte do grupo de países que, há muito tempo, desde o colonialismo, integrava a área de atuação do capitalismo mundial. Na Divisão Internacional do Trabalho, o Brasil, desde colônia, até a República Velha, integrou o grupo dos exportadores de matérias-primas e receptores de bens industrializados; porém, com as mudanças do início do século XX, e a crescente atuação do Estado na economia, foi criado o estopim para mudanças significativas no Brasil, e em outros países subdesenvolvidos.

A força da agricultura na economia brasileira exerceu grande influência, em todos os aspectos, na formação do país. A cafeicultura criou condições para que o país pudesse criar as características para a formação industrial de larga escala. Ela alcança status de força econômica nacional em meados do século XIX, e é a partir deste momento, que a rubiácea passou a ser o centro das decisões econômicas do governo brasileiro (SKIDMORE, 1998, p. 117).

Em “Raízes da industrialização de São Paulo”, Cano (1983) destacou as condições advindas da cultura cafeeira para a industrialização do estado. Ele salienta que a atividade cafeeira, especialmente em São Paulo, deixou um legado grandioso, fazendo do estado o mais importante, economicamente, do país, além de agregar condições para a concentração espacial da indústria. Para ele, o café pôde trazer para São Paulo os seguintes fatores: 1º) acúmulo de capitais excedentes, e instituições financeiras; 2º) infra-estrutura de transporte, com ferrovias, e o porto de Santos; 3º) massa trabalhadora, com escravos e, principalmente, imigrantes; 4º) mercado consumidor espalhado por grande parte do estado, e não apenas na capital; 5º) culturas complementares para o abastecimento da população, sendo que estas aumentaram em importância para toda a economia do Brasil; 6º) centralização política na cidade de São Paulo, que fortaleceu o poder do Estado; 7º) o início de uma indústria para o abastecimento dos crescentes grupos populacionais, tendo essas plantas se concentrado, em especial, na indústria têxtil, alimentícia, de ferramentas e de manutenção da malha ferroviária (CANO, 1990, p. 45).

Essas características não foram encontradas em outras regiões do país; nem mesmo a capital do país, Rio de Janeiro, conseguiu agregar as condições que São Paulo apresentou (NEGRI, 1996, p. 52).

A política econômica brasileira, entre os anos 1860 – 1930, esteve presa à manutenção e valorização do preço do café; em períodos de forte valorização, o capital excedente foi dirigido para outras culturas, e para ramos industriais nascentes (NEGRI, 1996).

Já na 1ª GGM, a atividade industrial era visível, e mobilizadora de estratos sociais na cidade de São Paulo, além de fortalecer o poder da capital paulista. A rede ferroviária instalada no estado proporcionou o transporte, não só do café, mas de uma massa de trabalhadores com mínimo conhecimento técnico para a manutenção da rede, e também para a fabricação de locomotivas e vagões, em suas oficinas.

O Brasil, após a crise mundial de 1929, seguiu o modelo político-econômico instituído pelos países desenvolvidos, desde que o modelo keynesianista do Estado Interventor foi instituído e executado. A política nacionalista-populista de Getúlio Vargas perpassou por todos os âmbitos da vida nacional, delegando para o Estado a responsabilidade dos maiores investimentos, com base no excedente das exportações e na contratação de empréstimos.

O governo Getúlio Vargas, especialmente a partir de 1937, inicia projetos de maciça industrialização do país. Muitos organismos e empresas estatais foram criados para capacitar o Brasil a implantar e receber novas indústrias (SKIDMORE, 1998, p. 119).

A partir deste momento é que o país começa a ter bases para a inserção no modo de produção fordista, devido à forte intervenção do Estado para criar infra-estrutura, e condições mínimas para as indústrias interessadas em aqui aportarem.

Somando os dois mandatos de Getúlio Vargas, seu governo foi responsável em criar uma infra-estrutura inexistente no país, até então: a criação da Petrobras; a construção da Companhia Siderúrgica Nacional; da Fábrica Nacional de Motores, e de rodovias para a interligação das principais áreas produtoras do país.

A 2ª GGM também foi importante para o país desenvolver muitas áreas industriais que dependiam do mercado externo. O Estado de São Paulo perpetuou sua concentração, e diversificou seu parque industrial em relação às outras regiões. Também o interior paulista apresentou crescimento industrial relacionado à agroindústria, pois cidades como Campinas, Sorocaba, Ribeirão Preto, Bauru, Marília e São José do Rio Preto agregaram plantas industriais relacionadas com a cafeicultura, tecelagem, oleaginosas e alimentos.

Após o segundo mandato de Vargas, o país recebeu fortíssima influência da prosperidade e crescimento dos países desenvolvidos. O país já possuía grande massa de trabalhadores com alguma qualificação, mercado consumidor atrativo, centros urbanos em desenvolvimento, infra-estrutura razoável e, principalmente, era politicamente estável, na visão da geopolítica mundial capitalista, a da Guerra Fria (FAUSTO, 2001, p. 230).

A prosperidade dos “Trinta Gloriosos” foi sentida nas nações em desenvolvimento; na Nova Divisão Internacional do Trabalho, os países que possuíam atributos chamativos, e importância geopolítica na Guerra Fria, receberam investimentos e empréstimos significativos para novos impulsos no setor secundário.

A formação de um novo grupo de nações na Nova Divisão Internacional do Trabalho foi sentida no Brasil. Mesmo sendo, ainda, um país exportador de matérias-primas, o Brasil recebeu investimentos vultosos para se tornar uma nação exportadora de produtos industriais básicos.

No final da década de 1950, o país, sob o Governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (1956-1961), recebeu fortes recursos internacionais, pois as

empresas transnacionais investiram pesadamente, buscando as vantagens comparativas das nações em desenvolvimento.

A abertura realizada para a entrada dos capitais estrangeiros somou-se à implantação do Plano de Metas, que objetivava investimentos nos setores básicos da economia (transportes, energia, alimentação, indústria de base e educação) (BERTOLLI, 2000, p. 56).

Os empréstimos, a baixo custo (EUA, Japão e Alemanha), foram a mola propulsora para o governo JK cumprir as determinações do Plano de Metas, e adequar o país ao recebimento dos investimentos diretos promovidos pelas plantas transnacionais.

Foram marcantes as construções das usinas hidrelétricas de Três Marias e Furnas (MG), que criaram infra-estrutura para a geração e distribuição de energia nos principais centros urbanos do país. O sistema de transportes rodoviário foi expandido, criando, em menos de cinco anos, mais de 18 mil km de estradas aptas para a rodagem, malha rodoviária inexistente no território brasileiro, até esse período (BERTOLLI, 2000, p. 57).

A construção de Brasília serviu para dinamizar o Centro-Oeste, além de agregar serviços e estruturas para uma área que, até então, pouco era integrada ao centro-sul do país.

O fato mais notável do período foi a entrada das multinacionais no país. A indústria de maior impacto foi a automotiva (Willys, GM, Simca, Toyota e Volkswagen); estas empresas instituíram a linha de montagem em grande escala, e trouxeram o modo de produção fordista para as indústrias brasileiras (BERTOLLI, 2000, p. 60).

Além da indústria automotiva, outros ramos do setor secundário receberam investimentos incomparáveis. Os ramos de alimentos, eletro-eletrônico, construção civil, químico, siderúrgico e de bens de produção foram muito agraciados no período.

Uma nova configuração foi vista nos centros urbanos do país: com a nova massa de assalariados, o mercado consumidor se multiplicou, e um nascente consumo em massa pôde ser verificado na economia brasileira. A indústria de bens de consumo conheceu grande expansão, dando ao cotidiano das principais capitais uma aproximação do que ocorria nos países desenvolvidos.

O crescimento econômico foi materializado no espaço que possuía elementos mais adequados para receber as empresas e os investimentos estatais. Assim, a

cidade de São Paulo polarizou o destino da maior parte dos investimentos, e o ABC paulista foi profícuo no recebimento das indústrias automotivas.

3.2.5 Desconcentração industrial no Estado de São Paulo - Teoria / Interior do Estado de São Paulo

O Estado de São Paulo tornou-se o principal pilar da economia brasileira, mas a concentração estava na Região Metropolitana de São Paulo. O interior aumentava sua importância, porém, continuava fortemente dependente da agroindústria.

Vale destacar que a política de Welfare State, instituída nas nações desenvolvidas, teve um tênue reflexo nos países em desenvolvimento. Cano (1996) destaca que os governantes brasileiros realizaram um “welfare state tupiniquim”; essa tentativa de amparo social não chegou nem próximo da extensão dos serviços nos países ricos e, no Brasil, o assistencialismo mesclado com o populismo sempre foi mais intenso que a extensão sistemática dos serviços básicos públicos (NEGRI, 1996).

Na década de 1960, o Brasil experimentou uma séria crise política, que culminou no Governo Militar (1964); essa crise institucional, reflexo de uma forte recessão no biênio 62 – 63, teve origem nos pagamentos dos empréstimos contraídos nos anos anteriores, num processo inflacionário que logo estagnou a economia, no período.

A partir de 1968, o governo militar consegue debelar a crise, e tem início um forte crescimento econômico, conhecido como “Milagre Econômico”. Nesse período, 1968-1973, ocorreu crescimento com taxas de 11,2 % ao ano (FAUSTO, 2001, p. 268).

A política desenvolvimentista, encabeçada por Delfim Neto, apoiou o crescimento na captação de recursos no sistema financeiro internacional, e intensificou o investimento em infra-estrutura e na criação de estatais, somando-se o aumento do crédito para o consumo em massa e, paradoxalmente, um achatamento salarial, para aumento dos lucros empresariais (CHIAVENATO, 1995, p. 70).

As empresas multinacionais ratificaram sua força e seus lucros; as cidades receberam um enorme contingente populacional; e as desigualdades foram potencializadas. Pela primeira vez, o país possuía mais de 50% da população na zona urbana (CHIAVENATO, 1995, p. 76).

O Milagre Econômico foi interrompido em 1973, pois, neste ano, como já foi explicitado, o mundo passou pela 1ª Grande Crise do Petróleo. Como o Brasil chegava a importar mais de 80% do seu consumo, seu crescimento foi comprometido pelo alto preço internacional dessa *commodity*.

A diminuição do crescimento teve outra grande causa, que foi o aumento dos juros dos empréstimos internacionais. Os países desenvolvidos, antes grandes credores, agora impunham juros estratosféricos para a concessão de novos empréstimos, além de requererem os pagamentos das aplicações anteriores.

Mesmo com a crise oprimindo todo o sistema mundial, nos anos do governo Geisel foi mantido um relativo crescimento. Em seu governo, o General Geisel instituiu o 2º Programa Nacional de Desenvolvimento (1975-1979), o qual possuía o objetivo de manter o crescimento progressivo, e intensificar uma infra-estrutura que pudesse perpetuar a força da economia nacional.

Chiavenato (1995) explicou como Geisel conseguiu a implementação do 2º PND: “O Governo Geisel, geralmente considerado austero, elevou a dívida externa de US\$ 9,8 bilhões em 1974 para US\$ 35,1 bilhões em 1978. Fez isso para não quebrar o ritmo do desenvolvimento” (CHIAVENATO, 1995, p.80).

O conceito de Pólo de desenvolvimento teve maior enfoque com o 2º PND, e o primeiro grande pólo petroquímico, o de Camaçari, foi inaugurado na Bahia em 1978.

Com o intuito de minorar os problemas urbanos nas grandes metrópoles, o governo coloca a intenção da dispersão industrial, para diminuir a pressão da desigualdade social nas grandes aglomerações. O maior objetivo era transferir plantas industriais para o entorno das grandes cidades. Porém, mesmo que o plano fosse indutivo para uma nova configuração espacial, as empresas já estavam sentindo os problemas estruturais e conjunturais das metrópoles. Os custos locacionais apareceram, e as empresas iniciaram um processo de busca de áreas mais vantajosas.

Os custos com os transportes, impostos territoriais, custos trabalhistas e sindicalismo concentrado, que são conhecidos com “deseconomias de aglomeração”, serviram para as empresas como incentivadores para a busca de novas áreas. Porém, as áreas escolhidas não poderiam perder o contato com o importante mercado consumidor paulistano, ou qualquer outra aglomeração urbana.

Com todas essas mudanças econômico espaciais ocorrendo no território brasileiro, especialmente no Estado de São Paulo, a observação, e a tentativa de análise e entendimento se fizeram necessárias. Assim, os pesquisadores começaram a notar um fenômeno de transferência industrial da capital paulista para cidades do interior. Este movimento aumentou os índices de produção e a importância das cidades do interior, em relação à Região Metropolitana de São Paulo.

Pesquisadores atentaram para o fato, pois esta transferência, até então, só era experimentada pelos países desenvolvidos, ou de processo antigo de industrialização. O fenômeno era conhecido como Reversão de Polarização, e alguns teóricos perceberam indícios do processo no Estado de São Paulo.

As análises de Carlos R. Azzoni (1986), Wilson Cano (1990) e Barjas Negri (1996), tiveram preponderante papel para a percepção dos acontecimentos que, na década de 1970, afetavam o espaço paulista.

Todos estes autores, através de suas teorias, tentaram explicar os acontecimentos na indústria do maior estado da federação. Azzoni (1986) afirmou que o que ocorria no Estado de São Paulo era um “espraiamento” da indústria na área mais industrializado do país; assim justificou sua teoria, denotando que o que realmente acontecia era uma “desconcentração concentrada”.

A maior justificativa de Azzoni era que as sedes das empresas ainda permaneciam na capital paulista, reforçando também que a distância entre as cidades escolhidas e a região metropolitana era de, no máximo, 150 km. Esta distância não justificava uma tentativa de chamar essa transferência de Reversão da Polarização.

Os estudos de Clélio C. Diniz fazem uma análise mais abrangente dos motivos dessa grande dispersão industrial, notou sua presença não só no interior de São Paulo, mas perfaz uma grande região que vai desde Porto Alegre a Belo Horizonte, Curitiba e Rio de Janeiro, tendo como o centro a cidade São Paulo, processo que ele denominou de “desenvolvimento poligonal”.

Diniz ressalta que esta nova fase dispersora, iniciada na década de 1970, é de caráter mais abrangente, pois não só as deseconomias da cidade de São Paulo impeliram a dispersão, mas medidas macro econômicas motivaram a dispersão para o “polígono de desenvolvimento”. Ele destaca que os recursos naturais, o papel do Estado, a unificação do mercado nacional, as economias de aglomeração e a concentração regional da pesquisa e renda formam os fatores de uma dispersão mais ampla (DINIZ, 1991).

Na intenção de enriquecer o debate, Barjas Negri, em seu estudo sobre a “Concentração e Desconcentração Industrial em São Paulo” (1996), ratifica a dispersão discutida pelos autores anteriores, salientando também as crises externas que, por diversas vezes, interromperam a seqüência no fortalecimento e dispersão industrial no país (NEGRI, 1996, p, 24).

É de interesse para o trabalho explicitar a opinião de Negri sobre a força e o preparo do interior paulista para o recebimento das plantas transferidas da RMSP. A

História e a Geografia Econômica dos municípios do interior do estado foram eficazes para a recepção exitosa das plantas transferidas.

Sobre a industrialização do interior paulista, especificamente, Selingardi-Sampaio (1973) e Mendes (1991) descreveram as aglomerações industriais de Piracicaba e de Sumaré, e destacaram a importância da proximidade com a cidade de São Paulo, para o recebimento de novas plantas. Nestes trabalhos, ficam patentes as forças aglomerativas das próprias cidades, a importância da agroindústria e, principalmente, as infra-estruturas de ligação a São Paulo. Ambos salientam a força do eixo Anhangüera-Washington Luís, evidenciando que as cidades no entorno, ou próximas às áreas de acesso mais fácil à capital, receberam dividendos maiores que outros municípios, distantes de São Paulo.

A década de 1980 foi um momento em que a indústria do país permaneceu afastada das inovações na informática e telecomunicações que estavam ocorrendo no mundo, e muito do desenvolvimento de tecnologia e sistemas de produção modernos foi, no período, ignorado na indústria brasileira.

A implantação do sistema pós fordista e flexível no Brasil foi verificada apenas na abertura comercial promovida nos anos 1990. O modelo neoliberal efetivado desde o Governo Collor, e aperfeiçoado nos anos de Fernando Henrique Cardoso (FAUSTO, 2001, p. 298), serviu para dismantelar o poder maior do Estado na economia, pois o processo de privatização e abertura da economia instituiu um modelo de maior competitividade entre as empresas instaladas, e as recém chegadas no país.

3.3 Material e método: processo de amostragem (alguns quadros dos resultados genéricos)

Quanto ao material utilizado para nossos propósitos, vale destacar que, pela ausência de textos prontos, ou trabalhos que pudessem encaminhar o presente esforço com mais objetividade ao tema proposto, as entrevistas e questionários foram de grande importância.

A pesquisa qualitativa é de enorme valia para resgatar temas aprisionados no imaginário popular. As entrevistas puderam traçar caminhos que não apareceriam, sem o contato direto com os autores e construtores da realidade existente.

O trabalho, a cada entrevista, obtinha uma nova luz e direcionamentos; pontos que, em um primeiro momento, pareciam sem importância, com a voz dos observadores

diretos receberam a devida valorização. Apesar do autor residir há muito tempo na cidade, não lhe escaparam surpresas, nem fomento para apreciar mais ainda o objeto estudado.

Os dados oferecidos pela Prefeitura Municipal de Bauru são antigos e desorganizados, por isso foi necessário um trabalho minucioso, para cruzá-los com números e informações oferecidas por outros órgãos, entre eles, IBGE, SEADE e CIESP – Bauru.

Para a pesquisa de campo, foi organizado um questionário/formulário para a obtenção de informações das empresas, e estão contidas perguntas que objetivam as seguintes áreas de interesse: procedência do empresário; origem do capital; números de trabalhadores; localização da planta; extensão de atuação; inovação tecnológica; parceria inter-empresa e inter-poderes sociais, e perspectivas para o futuro.

As entrevistas foram realizadas por meio de um gravador e bloco de notas, sendo feita, posteriormente, uma decupagem, para apreender os aspectos mais importantes da entrevista.

O tipo de pesquisa foi definido nos primeiros encontros de orientação. Optou-se, por não haver trabalhos relevantes ao tema, uma visão geral da indústria de Bauru, Assim uma amostragem induzida, ou perfil induzido foi proposto para, ao final do estudo, obter uma visão geral da indústria da cidade.

Foram escolhidas, para responder o questionário/formulário e serem pesquisadas, 51 empresas. Dentre esse grupo, a maior parte é composta de indústrias de grande representatividade para o município. As empresas menores foram escolhidas pelo grau de ligação com indústrias maiores, ou por setores que demonstraram grande diversidade.

O questionário/formulário foi aplicado diretamente nas empresas, através de horários agendados e pelo envio do documento via e-mail (internet). Vale destacar a objeção de muitas empresas, tanto pequenas como grandes, para responder os questionários. As razões para a negativa são: a falta de interesse, o medo do fisco, a burocracia para informações das grandes empresas, o desprezo pela pesquisa e a falta de tempo para o preenchimento.

Talvez, a falta de resposta dos entrevistados foi o maior problema do trabalho. Porém, a vontade do término da pesquisa e o auxílio da maioria das empresas e pessoas entrevistadas garantiram a conclusão do trabalho.

A estrutura da dissertação forma-se a partir de uma introdução, na qual se explanam os termos gerais, objetivos, justificativas e hipótese. Após a introdução, o capítulo 2 relata a região administrativa em que Bauru está inserida e que comanda. Nele, também foram demonstrados os aspectos demográficos e socioeconômicos do município.

No capítulo 3, segue-se a base teórica; nesta, são abordadas as teorias locacionais e o contexto histórico que influenciou as mudanças observadas por todo o século XX. Cabe ressaltar que as mudanças ocorridas, em escala global, necessariamente, alteram e influenciam a situação local, no caso a cidade de Bauru. A desconcentração industrial ocorrida no Estado de São Paulo merece atenção, pois foi uma dinâmica territorial que muito alterou a economia do país e, especialmente, do interior do estado.

A evolução histórica do município, em todas as suas fases, é relatada no capítulo 4. O qual apresenta a formação econômica da cidade, apontando a força da agropecuária regional incentivando o fortalecimento socioeconômico da região, dentre os principais produtos agrícolas estão o café e o algodão.

A análise dos dados apresentados nos questionário/formulário forma o capítulo 5. Pelas respostas e estudo do desenvolvimento industrial da cidade, chegou-se à conclusão que a cidade possui dois compartimentos bem delimitados. O primeiro compartimento indica empresas que estão fortemente relacionadas à agropecuária regional. O outro compartimento é formado por empresas que não estão ligadas a atividade primária da região. No final do capítulo 6 são apresentados os números e conclusões da pesquisa feita através dos questionário/formulário nas empresas.

O capítulo 6 trata das mudanças ocasionadas pela indústria no espaço da cidade. Neste estudo ficam explícitas as mudanças temporais expressas no espaço urbano. A atuação dos atores públicos é apresentada no capítulo 6 (esses atores podem ser públicos; prefeitura e escolas) e, por outro lado, existem atores de caráter privado, tais como o Ciesp e as próprias empresas. O estudo termina com as considerações finais, açambarcando todos os resultados obtidos e observações feitas.

4. EVOLUÇÃO SOCIOECONÔMICA INDUSTRIAL DE BAURU

4.1 Processo histórico

Parece possível afirmar que a evolução da industrialização em Bauru percorreu três fases relativamente distintas, que podem ser nomeadas da seguinte forma: *fase inicial*, com quase exclusiva dependência agrária – ferroviária (1890 – 1939); *fase de transição*, que apresentou um ténue, mas gradativo, descolamento da agricultura e da ferrovia (1940-1960); e a *fase moderna*, marcada por relativa diversificação industrial, apresentando com dois compartimentos industriais distintos, com concentração espacial nos distritos industriais (1961 – até os dias de hoje).

É um fato marcante a similaridade da industrialização de Bauru com outros municípios do Oeste Paulista. Trabalhos que abordaram a evolução industrial de Marília (MOURÃO, 1994) e de Jaú (OLIVEIRA, 1999) comprovam a dependência econômica das cidades para com a agricultura. Posteriormente, ocorreram os surtos industriais locais, acompanhando a influência do forte desenvolvimento do país, em razão do “Milagre Econômico” dos anos 1960 e 1970.

A pesquisa com os questionário/formulários captou fases bem distintas para o desenvolvimento industrial da cidade.

É grande a diversidade na data de início das atividades industriais nas empresas bauruenses. Duas empresas destacam-se por serem as mais antigas, a Tilibra, hoje controlada por capital externo, e o Frigorífico Mondeli estão atuando em Bauru pelo menos por quase 80 anos.

Na década de 1960, atualmente, encontram-se três empresas atuando, dentre a mais importante está a Ajax, fábrica de baterias que, também foi uma das pioneiras no Distrito Industrial I.

Os anos 70 e 80 foram os mais frutíferos para a origem de empresas na cidade. Nestes anos 24 empresas iniciaram suas atividades na cidade, a maioria de capital interno. Nos anos 70, o fato de maior relevância foi o “milagre econômico”, mesmo não recebendo empresas do processo de descentralização e desconcentração, o município criou demanda suficiente para a criação das empresas. Nesse período 15 empresas, das pesquisadas iniciaram suas atividades, destaque para o setor de máquinas para produtos plásticos, especialmente, a Polimáquinas.

Os anos 80, mesmo sendo conhecidos como a “década perdida” tiveram a criação de 19 empresas. O fato mais significativo, apontado pelo estudo, está relacionado a aglomeração regional, que criava demanda, a distância de grandes centros deixou a cidade polarizada, perante uma grande região. Até a década de 90 a interligação com São Paulo era feita apenas por estrada de pista simples e, esse fator, inibia uma fluidez mais intensa entre a capital e o oeste paulista. Dos anos 80, a indústria emblemática é a Plasutil. Atualmente, a empresa é uma das grandes do mercado nacional.

A década de 90 apresentou profundas mudanças no cenário mundial, a cidade, conseqüentemente, sofreu influências do ajustamento econômico feito pelas empresas privadas e pelo Estado. Nessa década, as companhias ferroviárias passaram para a concessão de iniciativa privada, e os investimentos foram cortados, pois na época a ferrovia não possuía demanda para crescer, de um modo imediato a cidade sentiu. Também muitas empresas estatais foram privatizadas e, outras, fecharam seus escritórios regionais, assim o mercado consumidor da cidade foi afetado drasticamente.

Mesmo com toda a crise de adequação ao novo cenário, 10 empresas iniciaram suas atividades nesse período. Nesta década tiveram origem as Baterias Tudor, Baterias Route, a envasadora Acquamix, Bruna Painéis e, atualmente, a maior empresa de engenharia e painéis elétricos, a Sendi.

Os anos 2000 tiveram o nascimento de duas empresas, as duas de pequeno porte. O fato significativo desses anos foi a transferência do controle de capital da empresa de produtos de papel, Tilibra, e o fim das atividades da Bunge (antiga Sanbra).

4.2 Fase Inicial (1890 – 1939).

A cidade de Bauru integrou-se à expansão cafeeira do século XIX, recebendo migrantes de várias partes do país, e também sendo receptora do fluxo imigratório de estrangeiros, ocorrido entre os séculos XIX e XX.

A área do Patrimônio, posteriormente dotado com o nome de Bauru, foi doada por Antonio Teixeira do Espírito Santo, em 1885, o qual cedeu uma parte da fazenda das Flores, que possuía 135 hectares na região (PELEGRINA; ZANLOCHI, 1991, p. 04).

Muitas pessoas deslocaram-se para a região em busca de terras e oportunidades, sendo o café a lavoura mais lucrativa. A origem dessas pessoas era múltipla, e elas tinham as mais variadas intencionalidades. Dizem Pelegrina e Zanlochi (1991, p.5):

Acreditando no futuro próspero da região, que em breve receberia as estradas de ferro, alguns cidadãos mineiros e fluminenses, e outros do Vale do Paraíba, para cá se deslocaram e iniciaram a formação de grandes fazendas, das quais se destacaram: a Aureópolis, do Cel Azarias Ferreira Leite e seu tio Baptista de Araújo Leite; M Val de Palmas, de José Ferreira Figueiredo; da Faca, de Joaquim de Toledo Piza, e Corumbá do Cel. José Simplício Ribeiro. (PELEGRINA; ZANLOCHI, 1991, p. 05).

Sendo um dos portais para a exploração do Oeste Paulista, Bauru se fortaleceu com o entroncamento ferroviário instalado nos primeiros anos do século XX. Esta configuração econômica influenciou o desenvolvimento da cidade por quase três décadas após a formalização do município, ocorrida em 1896.

Os autores citados relatam: “Nessa época, vinham em direção da pequena povoação de Bauru duas estradas de ferro, construídas por particulares e que o governo, aos poucos, autorizava a prolongar suas linhas férreas. Eram a Cia. União Ituana e Sorocabana e a Cia. Paulista de Vias Férreas e Fluviais”. (PELEGRINA; ZANLOCHI, 1991, p. 04).

O patrimônio tornou-se Distrito de Paz em 1893 e, a partir de 1895, já possuía mais eleitores que a sede municipal, que ficava em Fortaleza, próxima a Agudos. Com o crescimento do patrimônio estampado nas estatísticas e na importância econômica, em 1º de Agosto de 1896 o Distrito de Paz de Bauru torna-se a sede do Município, ficando reservado para Fortaleza o título de Distrito de Paz.

Pelegrina e Zanlochi indicam, ainda:

É de se crer que essa resolução governamental já tenha sido influenciada pela presença da estrada de ferro. Dizemos isso porque a 15 de julho de 1899, o Governo do Estado, presidido por Manuel Ferraz de Campos Salles, assinou o decreto nº 374, que autoriza a Cia. Ituana e Sorocabana a prolongar sua linha férrea de Lençóis, passando por São Paulo dos Agudos e terminando na povoação de Bauru; por outro lado, o Decreto nº 373 autorizava a Cia. Paulista de Vias Férreas e Fluviais a prolongar seus trilhos de Dois Córregos, atravessando o rio Tietê, passando pelas povoações de Pederneiras, Fortaleza, Agudos e terminando em Bauru. (PELEGRINA; ZANLOCHI, 1991, p. 06)

A comunidade da recém criada cidade dependia da lavoura e das trocas nas nascentes praças e ruas. O principal lugar de encontro era à margem da Rua Araújo

Leite que, com sua superfície arenosa, foi designada a rua do comércio. Pelegrina (1992) traz texto da época, fazendo referência à economia da cidade no final do século XIX. Diz o texto:

“[...] possui já Bahuru cerca de sessenta casas além dos que se chamam atualmente em construção...em quanto a vila de Fortaleza, decai dia a dia, o Bahuru cresce e desenvolve-se já possuindo: duas olarias, sapatarias, marcenarias, ferrarias, farmácias, médico, escritório de engenharia e grande número de casas comerciais, algumas das quais com o movimento anual superior a 150 contos de réis”.(PELEGRINA, 1992).

A mudança econômica, urbanística e demográfica ocorreu exatamente com a chegada das linhas férreas. O pesquisador Irineu Azevedo de Bastos, em seu livro “Falcão/Independência: Nossa gente e nossa história”, assinala: “[...] em 1º de março de 1905, a Estrada de Ferro Sorocabana inaugurava o trecho Botucatu-Bauru, numa extensão de 129 km. A Companhia Paulista de Estrada de Ferro demorou um pouco mais para ligar os seus trilhos de Pederneiras a Bauru: em 1º de fevereiro de 1910, chegou seu primeiro trem de lastro.” (BASTOS, 2002 p. 54).

Em 15 de novembro de 1905, aconteceu em Bauru a festividade para início da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, trecho Bauru - Itapura, um empreendimento que era de execução da iniciativa privada. O trecho inicial, com 100 km, foi inaugurado em 27 de setembro de 1906.

Em 1917, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil foi encampada pelo governo federal. Pelegrina e Zanlochi afirmam:

Pelo Decreto de emancipação o governo determinou que se fizesse a fusão das duas estradas: Bauru –Itapura com a Itapura-Corumbá, passando então as ferrovias a terem um só nome: Estrada de Ferro Bauru a Porto Esperança, com uma extensão de 1273 km já concluídos. No ano seguinte essa denominação foi alterada para Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. (PELEGRINA; ZANLOCHI, 1991, p. 34).

As quatro primeiras décadas do século XX foram fortemente influenciadas pela cafeicultura e, principalmente, pelas linhas férreas. A transferência de pessoas para o município era enorme, e com muita rapidez. A mudança, em 1918, da sede da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil do Rio de Janeiro para Bauru foi um grande acontecimento demográfico, urbanístico e técnico.

A cidade fervilhava novidades, e o campo econômico não ficou incólume a essas mudanças. Com o crescimento da cafeicultura e da ferrovia na cidade, a indústria

bauruense dava os primeiros passos, pois a população era crescente, e necessitava de artigos de subsistência. Mesmo com as ligações ferroviárias recém feitas, para outras partes do estado, o intercâmbio e os produtos não chegavam com abundância ao município. Assim, muitos fabricantes tiveram que produzir na cidade e região os mantimentos mais básicos.

Em entrevistas realizadas com o historiador Gabriel Ruiz Pelegrina, ele ressaltou os ramos de indústrias nascentes que a cidade apresentava nas primeiras décadas de sua formação. No início do século XX, com o intuito de abastecer a demanda interna, existiam estabelecimentos de sabão, colchões, barris, serrarias, chapelarias, e primitivas empresas moveleiras. Não havia nenhuma indústria mais significativa, e todas direcionavam suas atividades para o consumo da cidade e de aglomerados mais próximos.

Ainda de acordo com o citado autor, a primeira fábrica de importância para Bauru formou-se no ramo alimentício. No ano de 1907, Antônio Augusto de Faria, pagador da Noroeste do Brasil (NOB), construiu a primeira fábrica de torrefação de café, aproveitando o café disponibilizado pelas fazendas da região, e abastecendo o mercado da cidade.

Todas essas empresas nascentes estavam localizadas próximas às casas dos empresários, sendo que estas se localizavam no núcleo urbano. As principais ruas eram a Araújo Leite, Azarias Leite, Batista de Carvalho, Rua 1º de Agosto, dos Inconfidentes e a vila Seabra.

Um fato de grande significância para os trabalhadores bauruenses foi a inauguração, em 1921, pela NOB, de sua oficina de treinamento e qualificação dos ferroviários. Esta oficina trouxe capacitação para a mão-de-obra operária, criando um corpo técnico especializado, além de preparar as futuras gerações de ferroviários da empresa.

O responsável pela formação das oficinas foi o engenheiro Arlindo Gomes da Luz. No livro de Gabriel Ruiz Pelegrina, *Memórias de um Ferroviário*, ele relata a função da oficina escola para os alunos e operários:

A formação de artífices se fazia na prática. Os mais velhos e experientes procuravam transferir aos mais novos – os aprendizes – seus conhecimentos. Estes trabalhavam sem receber compensação monetária, mas recebiam, em troca, conhecimentos de profissão e um emprego garantido depois de certo tempo. (PELEGRINA, 2000, p.118).

Mesmo na hipótese de não absorção na NOB, os aprendizes serviam para aumentar a massa de trabalhadores que poderiam servir à indústria nascente.

As oficinas eram divididas em três setores: Oficina A – Ajustagem (torno, fresa, plainas, usinagem de peças, modelagem e fundição); Oficina B – eletricidade (transformadores, dínamos, geradores e alternadores); e Oficina C – carpintaria, encarregada de todos os trabalhos com madeira: carros, vagões e móveis.

Os galpões eram enormes, e neles se projetavam novos vagões, “[...] entre esqueletos de aços de vagões em construção, que aguardavam a carne rosada de cedro e das perobas nacionais, para sua revestidura”. (PELEGRINA, 2000, p.120).

Outra mudança significativa para a cidade foi o fortalecimento de outras vilas de Bauru, principalmente a Vila Falcão, a qual se localizava ao lado da sede da Noroeste, sendo o eixo mais importante deste bairro a Rua Alfredo Maia. O mesmo autor salienta: “Além disto, quase todos os operários fixaram residência na Vila Falcão, que acabava de ser fundada, dando-lhe um crescimento rápido”. (PELEGRINA, 2000, p.121).

As modificações foram tão intensas e dinâmicas que o autor, ao descrever a cidade e sua potencialidade naquele momento, declara: “Bauru, como sê vê, é industrialmente uma força. A expansão da cidade, que radica seus gânglios até aos bairros longínquos, apesar de hostilizada pela infeliz formação geológica do seu solo, é incrível”. (PELEGRINA, 2000, p. 121)

A data de 14 de maio de 1923 foi marcada pela decisão dos empresários paulistanos, Antonio Zerrenner e Adam Ditrik von Bülow, de instalarem uma fábrica de gelo, refrigerantes, cerveja, água mineral e frigoríficos em um terreno adquirido à prefeitura, com anuência da Câmara dos Vereadores, e localizado à margem da ferrovia, próximo ao Batalhão da atual Polícia Militar. A instalação da fábrica, porém, foi deixada para a década de 1950.

A cafeicultura foi o grande motivo para que os empresários paulistanos Bülow e Zerrenner investissem na cidade, pois eles tinham estreitado seus laços com o município, ao adquirirem a maior fazenda de café do mundo, a Val de Palmas, com mais de 3 milhões de pés de café. Assim, o investimento em uma fábrica na cidade constituiu ratificação econômica na região.

O documento que informa a intenção dos empresários é um resgate feito nos anais da Câmara do legislativo de Bauru, por Pelegrina (1985).

Neste texto, encontra-se a informação de que a petição da Companhia Antártica Paulista, e a aceitação pela Câmara bauruense do pedido, formaram a primeira isenção

de grande porte para uma indústria significativa na história industrial de Bauru. Vale destacar o texto de aceitação das propostas pelo legislativo da cidade:

Considerando que se trata de iniciar nesta cidade e município, fadado a um rico futuro, o estabelecimento de grandes indústrias, que não existem aqui na maior parte do interior, e que trazem consigo aumento de povoação, influxo de capitais, movimento de transações e determinam a criação de novas indústrias conexas e dependentes; é esta comissão de parecer que deverá a Câmara conceder as vantagens requeridas pela companhia Antártica Paulista, nos termos da lei que formula. Bauru 14 de maio de 1923. (PELEGRINA, 1985).

O texto é interessante, pois indica uma incipiente política industrial, efetiva atuação de atores sociopolíticos, e também emprega termos inovadores para a época: *indústrias conexas e dependentes*, termos que designam vínculos produtivos que explicam, atualmente, pólos, arranjos produtivos locais e aglomerações correlatas.

De acordo com relatos do mesmo autor, a Cia. Antártica perfurou cinco grandes poços, que verteram uma água que não estava apta para o fabrico da cerveja; assim, o sonho da primeira grande indústria foi postergado. Somente trinta anos depois, em 1953, a fábrica foi construída para envasar refrigerantes.

Os anos vinte, contudo, não estavam aprisionados apenas nos versos do poeta Rodrigues de Abreu, relatado no início do trabalho, em 1925, a cidade de Bauru recebeu uma notícia que trouxe grande movimentação para a cidade. Através do Diário da Noroeste, principal jornal da época, veiculou-se a seguinte notícia, no dia 6 de setembro de 1925:

As Indústrias Reunidas Matarazzo vão iniciar a construção das suas grandes instalações em Bauru, abrindo a nova cidade, no campo industrial, uma larga e prometedora perspectiva. Estas instalações abrangerão uma fábrica de óleo, outra de sabão, um moinho para trigo, e dois armazéns assobradados, com desvio da linha férrea ao centro, e plataformas curtas, ocupando uma extensão de treze metros de largura e 50 m de fundo, ou seja, uma superfície de 650 m². (DIÁRIO DA NOROESTE, 6/8/1925) (Acervo de Gabriel R. Pelegrina)

Este empreendimento foi inaugurado na década de 1930, com modificações de produção, pois a tendência econômica se modificou na década posterior.

Ainda nos anos vinte, um estabelecimento industrial chamou a atenção. Em 1925, o maestro da famosa Banda Popular, Javoleno Vaz, construiu uma moagem de fubá, para a produção de farinha, moagem instalada na vila Independência (contígua à vila Falcão).

A estrutura econômica da cidade foi afetada, em 1929, pela crise internacional, que atingiu em cheio, também, os países dependentes dos Estados Unidos da América. O país, que dependia das exportações de rubiácea, foi fortemente influenciado, o que provocou profundas mudanças políticas, econômicas e demográficas no Brasil, a partir da década de 1930.

A região de Bauru era uma das maiores produtoras de café do mundo, e a ferrovia, que tanto dinamizou a região, era fruto do avanço da cafeicultura. Os tempos foram duros e duvidosos, pois os produtores tiveram perdas vultosas.

Mesmo com crise econômica e instabilidade política (Revolução de Trinta e Constitucionalista), a região de Bauru foi agraciada por uma transformação econômica rápida e eficiente. Auxiliada pela dinâmica da ferrovia, que ligava a cidade com várias partes do país, e também com uma mão-de-obra qualificada vinda das oficinas da NOB, Bauru não cedeu à forte crise. Também é de valia salientar que a cidade já possuía um lastro bem sólido no setor terciário da economia. Por ser o principal entroncamento ferroviário no interior do país, a cidade consolidou-se como centro comercial do oeste paulista. Esta dinamização econômica trouxe um equilíbrio para a cidade, nas várias crises que assolaram o país e a região.

O interesse em melhor gerenciar e inovar a economia da cidade foi constatado com a fundação da Associação Comercial e Industrial de Bauru, em 11 de junho de 1931, a qual, mesmo sem tratar efetivamente dos interesses industriais, foi de grande préstimo para a organização da economia bauruense.

Ainda dentro da fase da estreita dependência agrária, outro produto veio para diminuir as perdas sofridas pelo café. O algodão, chamado no Oeste Paulista como “ouro branco”, foi plantado extensivamente para a indústria de oleaginosas e tecelagem. Este momento de mudança agrária na década de 1930, mas de consolidação do padrão agroindustrial, foi assim destacado por Pelegrina (2007):

Durante a década de 1930, Bauru teve destaque nacional na cultura do algodão. Nessa época, foi tão grande a produção do algodão no município que numerosas firmas de Bauru e São Paulo resolveram instalar máquinas para beneficiar o produto. As máquinas mais importantes eram das I.R.F.Matarazzo, Anderson Clayton e Barbosa Meca (Máquina Elma). Foi nessa ocasião que a firma Anderson Clayton construiu a sua grande fábrica. (PELEGRINA, 2007, p. 34).

O ano de 1933 foi especial, pois a I.R.F. Matarazzo e a Anderson Clayton (multinacional americana) instalaram suas fábricas em Bauru. A Anderson Clayton

possuía 11 máquinas de beneficiamento: a firma comprava o caroço, e com o processo de beneficiamento, transformava a matéria-prima em óleo, chamado ACCO, depois de industrializado. A I.R.F. Matarazzo procedia da mesma forma, e seu produto final era conhecido como óleo Salada.

Barjas Negri (1996) salientou a importância da agroindústria algodoeira, citando o pesquisador Rui Albuquerque: “[...] não se trata simplesmente de uma substituição, mas antes de uma mudança na orientação dos investimentos, das relações de produção e das áreas cultivadas, de acordo com o capital do produtor e o seu poder financeiro”. (NEGRI,1996, p. 74).

Estas novas plantas industriais fixaram-se no centro velho da cidade, próximas à linha férrea. A matéria-prima chegava pelos carros de ferro, e o produto transformado pelas beneficiadoras, principalmente o óleo, era distribuído pelas mesmas ferrovias.

As fábricas foram responsáveis por um enorme surto econômico e urbano na cidade. O algodão, conhecido como “ouro branco”, fez esquecer toda a crise pregressa proveniente da cafeicultura. Mesmo com o café em baixa, a abertura de novas fábricas de torrefação do grão foi chamativa.

Os cafés Lima, Soberano, Tesouro e Aviação estavam nas prateleiras dos armazéns da cidade e região e, com a relativa facilidade de transporte, essas marcas chegavam até a capital do estado.

Bauru, na década de trinta, viu surgir várias fábricas de refrigerantes, pois a água abundante, bom mercado consumidor, e a fácil distribuição por toda a região, atraíram empresários para este setor. Os rótulos mais famosos eram; o guaraná Resta, de Fortunato Resta; o Guaraná Pechi; Refrigerante São Paulo; e, mais famoso de todos, o Guaraná King, que manteve seus produtos até a década de 1980.

A indústria moveleira também se fez presente na década de 1930; as unidades não eram grandes, mas produziam bons produtos para o mercado da cidade. Entre as lembradas por Pelegrina, estão: Avec, Biancarli, Irmãos Zatres, e a Bichurts.

As exportações do algodão eram cada vez maiores para a Europa, Japão e EUA. A Europa comprava o algodão para retirar uma substância conhecida como “Algodão Pólvora”. Porém, a Segunda Guerra Mundial paralisou as vendas, e novamente a região sofreu uma crise econômica.

Não foi só a 2ª Grande Guerra Mundial que desmantelou o setor algodoeiro; de acordo com Pelegrina, uma praga conhecida como “Conquere” assolou os algodoais da

região, e mesmo a presença de um entreposto de expurgo, limpeza de vagões e sacarias, em Bauru, não conseguiu aplacar o efeito da praga.

4.3 Fase de transição (1940 – 1960).

A década de 1940 foi extremamente influenciada pela guerra mundial, mesmo assim, algumas indústrias criadas em Bauru, e pelo seu mercado consumidor, modificaram sua produção, ou resistiram à crise. Nesta fase, ainda, verifica-se que as indústrias da fase anterior estavam mudando seus investimentos, e agregando novas funções.

Na década de 1940, a fábrica nascente mais importante foi a TILIBRA: no início da década, o jovem gráfico Edmundo Coube sai da Tipografia Comercial Brasil, e monta uma pequena gráfica. Em 1948, a empresa constrói um galpão na Rua Batista de Carvalho (onde hoje é Loja Tanger), e inicia sua produção em grande escala. Os negócios foram profícuos e, em 1950, adquire um enorme terreno próximo à linha férrea, onde constrói a maior fábrica de cadernos e papelaria da América Latina.

Ainda na década de 1940, uma grande empresa tomou vulto em Bauru. Esta planta industrial instalou-se em um local inusitado na cidade, este lugar era o final da Rua Felicíssimo Antônio Pereira. A rua localiza-se no bairro Independência; na época, o bairro estava em formação, e foi formado pela evolução da Vila Falcão. Assim, a Moinho Santista S/A construiu um grande complexo à margem da ferrovia, com o intuito de beneficiar algodão e amendoim. Em 1951, a planta foi comprada pela Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (SANBRA). Bastos (2002) relata que a SANBRA agregava várias atividades em suas dependências, entre elas existiam: escola, teatro, complexo esportivo, casa para os gerentes, além de muitas festas que animavam não só os funcionários, mas o bairro inteiro.

A SANBRA chegou a processar 120 mil toneladas de sementes de algodão e amendoim por ano, a partir da década de 1960. Seus produtos, entre eles, óleo comestível e farelo de torta, serviram para abastecer o mercado interno, e também foram exportados por muito tempo.

Ainda na agroindústria do algodão, a I.R.F. Matarazzo trocou suas máquinas de beneficiamento de caroço de algodão por máquinas de tecelagem, processo conhecido por “reconversão industrial”.

Os anos 1950 serviram para afirmação das indústrias que subsistiram da grande crise do pós-guerra, e tiveram que se adequar aos novos padrões e contextos.

4.4 Fase atual (1960 – até hoje).

A década de 60 contou com anos de fortes inovações no cenário industrial bauruense. A maior foi o impulso dado para a criação do Distrito Industrial na cidade.

Todo esse processo foi relatado pelas entrevistas realizadas com Irineu Azevedo Bastos e Pedro Grava, somando-se aos materiais oferecidos pelos entrevistados.

O professor Pedro Grava trabalhou por mais de trinta anos no SENAI – Bauru, e também lecionou na Instituição Toledo de Ensino, no curso de Administração de Empresas. Ele ofereceu um material editado no início dos anos 1970, mais precisamente em maio de 1972; neste material é relatada a formação do Distrito Industrial, e existe um levantamento da indústria bauruense, àquela época.

Vale ressaltar que este material é de grande raridade, pois as publicações sobre o setor secundário são pouco frequentes.

Irineu Bastos (1960 - 1964) foi o responsável por outorgar a lei, feita pelo vereador Ivaldo Crivelli, que destinava terrenos para a implantação do Distrito Industrial. Ele endossa:

Acatando a iniciativa do vereador Ivaldo Crivelli, pela lei n 905 61, cabendo ao Município oferecer-lhe estrutura mínima para o seu funcionamento. Para coordenar sua instalação, foi criada a Comissão Municipal de Desenvolvimento Industrial. A Lei n 936 61 isentou de 5 a 10 anos de alguns tributos municipais, as indústrias que se instalassem no Distrito Industrial. (BASTOS, 2002, p. 356)

Em maio de 1972, o professor Pedro Grava, através do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), editou uma revista que fazia um levantamento sobre o parque industrial bauruense. Nesta revista, de nome Bauru Industrial, existe um artigo mencionando a criação do Distrito Industrial da cidade.

Como mencionado acima, a lei foi criada em 1961, e a revista, na página 45, indica as principais pautas da lei: a) Instituição do parque industrial; b) Autorização para o executivo desapropriar um total de 200 alqueires para sua instalação; c) Determinação de providências para a elaboração do projeto do parque; d) Criação da Comissão Municipal de Desenvolvimento Industrial (CMDI); e) Concessão de isenção de impostos municipais por 10 anos às indústrias que se instalassem no parque.

Somente em 1965 o projeto foi realmente efetivado; pelo Decreto 920, de 8 de março, foi constituída a CMDI e, neste ano, foram doados terrenos para 4 empresas interessadas. Em 1967, projetos foram sancionados para isenções de 3, 5, 7 e 10 anos, conforme a magnitude da empresa.

O que chama muito a atenção foi a precocidade do Distrito Industrial, em Bauru. Na década de 1960, a disponibilidade de terrenos e áreas para a indústria era uma tendência que ganhava força nos países desenvolvidos, e em algumas áreas do Brasil.

A idéia de implantá-lo em Bauru, na década de 1960, foi algo inusitado. O artigo revela essa novidade: “Iniciativa dessa envergadura só tinha sido possível na área estadual, como a cidade industrial de Contagem, em Minas Gerais, e Aratu, na Bahia. Em âmbito municipal, a empresa não tinha precedentes”. (Revista Bauru Industrial, p. 46).

Na entrevista realizada com Pedro Grava, ele ressalta que, na época, vivia em Bauru um americano chamado James Russel, o qual trabalhava para a multinacional Anderson Clayton, e pertencia ao Conselho do CIESP. Na formação do CDMI, Russel foi convidado a participar da efetivação do Distrito Industrial bauruense. Grava salienta que, possivelmente, as idéias do influente americano foram responsáveis pelo planejamento do Distrito

Entre os anos 1960 e 1970, novas indústrias se instalaram na cidade, não apenas empresas interessadas pelos terrenos do Distrito Industrial, mas também desdobramentos de plantas da própria cidade.

Na revista Bauru Industrial (maio de 1972) são relatadas indústrias de vários ramos industriais. Pedro Grava, através do informativo, quis realizar um levantamento das principais indústrias bauruenses naquele momento.

É interessante notar o tom efusivo e positivo nos relatos sobre as empresas. Por toda a revista, as palavras são salpicadas de entusiasmo e crença nos investimentos para o futuro. A publicação afirma que, àquela época, o município tinha 405 empresas com atividades no setor secundário da economia.

Vale destacar o contexto econômico ao qual não só a cidade, mas o país estavam vinculados. Nessa época, ocorria um forte crescimento na economia, momento que ficou conhecido como “Milagre Econômico” (1968-1973).

De acordo com o texto, em vários ramos industriais, a cidade possuía alguma empresa que se destacava. No ramo de metalurgia, a maior empresa era a PROMOG, que produzia secadores e máquinas de beneficiar cereais, além de equipamentos para

indústrias de óleos vegetais. A PROMOG vendia para todo o Brasil e exportava para países da América Latina.

A Laredo também tinha grande destaque, pois produzia uma série de implementos agrícolas, para a região e, também, para todo o estado. Grava salienta a importância da empresa com as seguintes palavras:

Outro produto que coloca essa empresa em situação de exclusividade é a bateadeira de feijão, sendo detentora da patente e única produtora. Para se ter uma idéia da utilidade dessa máquina, basta citar que, por recomendação da FAO (organismo da ONU), passou a ser importada pelo Quênia. (REVISTA BAURU INDUSTRIAL, 1972, p. 4).

A revista também cita outras indústrias do ramo de máquinas, tais como: HIDROBOMBAS, HIDROAÇO, Máquinas Bauru, e Indústria e Comércio de Máquinas Poliveda. Naquele tempo, existia até uma indústria de trailers, conhecida como Trailer Bauru, a qual chegava a produzir 20 unidades mensais.

Bauru contava com muitas serralherias para manutenção e amparo de outras grandes empresas da cidade. No setor de material elétrico, os anos 1970 foram vitais para a criação, em Bauru, de empresas que atualmente são fortes e prósperas.

As palavras de Grava destacam esse ramo nascente no município: “Dentre as empresas genuinamente bauruenses devemos destacar Fábrica de acumuladores Ajax, ou acumuladores Molina, de José Capel Molina e Cia.” (REVISTA BAURU INDUSTRIAL, 1972, p. 12).

Dentre as empresas que receberam maior destaque, estão as do ramo gráfico. A crescente força da TILIBRA é ressaltada, além de mencionar a Indústria Gráfica Souza Reis, a gráfica Irmãos Coelho Ltda. e a tradicional Gráfica São João.

Mesmo com essas novas empresas diversificando e fortalecendo o cenário industrial da cidade, empresas atreladas aos ramos tradicionais se ampliavam e diversificavam. Isso se constata no ramo de alimentos, no qual as principais empresas instaladas em Bauru foram: Pastifício Bauru, que servia todo Brasil e exportava para Japão, Europa e os Estados Unidos; e Pastifício Terra Branca. Na mesma época, o frigorífico Vangélio Mondelli Ltda. se fortalecia. O artigo de Grava (1972) também informa que a cidade continuava, como na época passada, a ter muitas empresas de refrigerantes, contando com a Cia. Antártica Paulista, Bebidas e Conexos King, e a Refrigerantes Bauru, que envasava a Coca-Cola.

Das grandes plantas instaladas nas décadas de 1930 a 1950, ainda exerciam sua produção a Anderson Clayton e a SANBRA.

É muito claro o tom empregado pelo informativo, e não podia ser diferente esta fonte de dados, pois o maior patrocinador tinha interesse em propagar os feitos industriais da cidade. Porém, o documento é de grande valia, pois, apesar do ufanismo, capta-se um panorama do quadro industrial de Bauru, àquela época.

Outro motivo para a produção da revista era a realização em Bauru, no mesmo mês, da XXII Convenção dos Industriais do Estado de São Paulo, patrocinada pelo CIESP e Prefeitura de Bauru.

Pouco tempo depois, o contexto econômico nacional sofreu uma reviravolta. A crise do petróleo, em 1973, arrefeceu a atividade produtiva da cidade (assim como do país) e, a partir desse ano, o crescimento foi diminuindo, e a cidade entrou em recessões periódicas, afetando fortemente toda a economia da cidade.

Um fato já relatado nas páginas anteriores foi a desconcentração industrial ocorrida no Estado de São Paulo. Já foi analisado que as cidades mais próximas a São Paulo receberam muitas indústrias da capital, pelo simples fato da proximidade, entre outros fatores, enquanto o noroeste do estado permanecia atrelado as indústrias correlatas à atividade agropecuária. Isso é notório no desenvolvimento industrial de várias cidades do noroeste paulista, como Marília, Presidente Prudente, Araçatuba, entre outras.

As crises sempre mexem profundamente com a estrutura e conjuntura das empresas. Nos anos 1980 e 1990, muitas indústrias tradicionais de Bauru, de grande e pequeno porte, foram vendidas, fecharam ou mudaram de ramo para sobreviver. Até as multinacionais trocaram seus planos, chegando a fechar suas portas no município.

A cidade sentiu as mudanças econômicas e políticas vivenciadas pelo país. Mesmo assim, Bauru conseguiu agregar muitas sedes e escritórios, pertencentes às várias esferas do poder público, pelo seu rápido crescimento e posição central. Isso facilitou a escolha locacional para esses empreendimentos, entre os quais se destacam: companhias ferroviárias (FEPASA e RFFSA), Banco do Brasil, TELESP, entrocamento de linhas energéticas da CESP, FUNAI, Receita Federal, PRODESP, IBC e enormes armazéns da CEAGESP.

A grande quantidade de funcionários públicos, somando-se aos trabalhadores dos outros setores, auxiliou na criação de um forte mercado consumidor, que alimentava a demanda pelos produtos industriais da cidade.

Os anos noventa foram de uma nova ideologia econômica e de abertura mundial. O Brasil não ficou incólume a esta nova configuração internacional. As privatizações ocorridas desde o governo Collor, e concretizadas nos dois mandatos do Presidente Fernando Henrique Cardoso, foram de encontro às bases econômicas da cidade.

A FEPASA passou para a iniciativa privada, em 1996, e a nova empresa diminuiu seu efetivo em Bauru; o outro ramal que atravessa Bauru, a RFFSA, foi privatizada, e a nova empresa cortou sensivelmente o número de empregados locais. A economia bauruense também sofreu quando a TELESP foi privatizada, e muitos escritórios foram remanejados para outras cidades, pela facilidade nas telecomunicações e transportes apresentadas a partir da década de 1990.

Nas grandes indústrias bauruenses, a reestruturação também foi notada. A Anderson Clayton encerrou suas atividades no início da década de 1990, deixando um enorme passivo urbano para a cidade, que posteriormente foi utilizado para a construção civil.

A SANBRA foi incorporada pela Bunge S/A em 1997, com o nome de CEVAL Alimentos, porém, no ano de 2006, por um programa de reestruturação produtiva, a Bunge encerra as atividades na cidade. A estrutura da planta é enorme, e ainda continua inativa e sem perspectivas de nova atividade.

Mesmo com a crise, algumas empresas foram criadas nos anos de recessão, e as que merecem maior destaque são as dos ramos plásticos, mecânico, e de material elétrico.

A Ebara, produtora de bombas submersas, instalou-se na cidade em 1975. Esta empresa de capital japonês escolheu a cidade para abastecer o mercado brasileiro e efetivar a exportação.

A Comercial Revendedora de Acumuladores Ltda – CRAL – foi criada em 1965, a princípio era uma revendedora de baterias e auto-elétrica que, mais tarde, veio a se transformar na Baterias Cral Ltda. A fábrica começou a funcionar em 1981. Também no ramo de acumuladores, em 1993, foi inaugurada a Fábrica de Baterias Tudor, de capital mineiro.

No setor de plásticos, Bauru agregou indústrias de grande importância para a reestruturação do parque industrial da cidade. A Plasútil, fundada em 1986, destaca-se na produção de utilidades domésticas e, mesmo nos anos de crise, conseguiu tornar-se a principal empresa do Brasil neste setor.

Também merece destaque a PLAJAX, Indústria e Comércio de Plástico, fundada em 1980. Ela é líder nacional em fabricação e comercialização de componentes plásticos para baterias automotivas no mercado de reposição.

Com a efetivação do Distrito Industrial II na década de 1980, e o planejamento do Distrito Industrial III, no final da década de 1990, o desenvolvimento industrial concentrou-se nos distritos e em seu entorno.

5. O QUADRO ATUAL DA ATIVIDADE INDUSTRIAL: FEIÇÕES ATUAIS DA INDÚSTRIA EM BAURU

5.1 Conceituação e apresentação dos dois compartimentos industriais de Bauru.

A pesquisa desenvolvida revelou que as indústrias bauruenses aparecem segmentadas em dois grandes grupos. No primeiro deles, estão empresas que estiveram e estão ligadas em seu processo de formação, às potencialidades agroindustriais da região em que Bauru está inserida. De outro lado, existe um grupo de empresas cujas origens e desenvolvimento ocorreram de forma desvinculada dos elementos agroindustriais do local e região.

Os fatores mais importantes que fomentaram o grupo de indústrias bauruenses dependentes da agroindústria regional podem ser assim sintetizados:

- Cidades de entorno dependentes da polarização de serviços e vantagens comerciais e administrativas regionais do município de Bauru.
- Forte indústria canavieira que necessita de serviços, engenharia, máquinas e mão-de-obra vindas de Bauru.
- Atividade de pecuária de corte instalada nos principais municípios da região, inclusive Bauru.
- Facilidade de logística (rodovia e ferrovia) entre os municípios da região administrativa.

As indústrias não ligadas aos elementos agroindustriais da região, se apóiam nos, e se desenvolvem pelos, seguintes aspectos da cidade:

- Aglomeração urbana com mais de 350 mil habitantes, representando mercado
- Mão-de-obra capacitada, formada na cidade.
- Infraestrutura de transportes que liga a cidade aos principais pontos do estado.
- Boa infraestrutura de energia disponível na cidade, sendo ela de origem elétrica, de combustíveis automotivos e gás natural.
- Forte aglomeração de serviços e comércio, que impulsiona o consumo na cidade e região.

No primeiro grupo de empresas, que dependem das forças agroindustriais, estão concentradas indústrias de alimentos (refrigeríficos e doces) e indústrias de engenharia e montagem de sistemas elétricos. No segundo compartimento industrial incluem-se indústrias que não estão ligadas aos fatores agroindustriais, tais como: indústrias de máquinas para o setor plástico, indústrias de produtos plásticos, empresas de acumuladores de energia (baterias) e empresas de produtos de papel.

No presente capítulo, faz-se um breve estudo da origem e da evolução destes dois compartimentos industriais na cidade.

5.1.1 Compartimento I – Indústrias ligadas à agroindústria da região.

Dentre as indústrias de alimentos ligadas às produções agropecuárias da região estão o refrigerífico Mondelli, e as empresas de balas, doces e confeitos, dentre as mais importantes estão a Sukest e a Cadbury.

A região administrativa de Bauru e algumas cidades do interior são notáveis na indústria de carne. Os municípios de Lins, Promissão, Araçatuba, Lençóis e Bauru respondem por grande parte do mercado interno e, especialmente, pelas exportações.

Seguindo a tendência regional, Bauru possui o Refrigerífico Mondelli Ltda. Filho de imigrante italiano, Vangélio Mondelli chegou a Bauru em 1935, juntamente com sua esposa. No mesmo ano, compram uma casa de miúdos, entrando no ramo de carnes. A casa de carnes ampliou suas atividades e, a partir de 1951, iniciou o comércio municipal e regional de carne abatida no refrigerífico municipal.

A atividade da família prosperou e, em 1978, inauguram o próprio abatedouro em uma área periférica da cidade. Nos anos 1980, o refrigerífico expande suas atividades e inicia a exportação. A partir de 1993, o refrigerífico passa a beneficiar e dar maior valor agregado à produção, pois inicia a produção de cortes finos e embutidos.

Outro setor industrial que foi e é impulsionado pela agroindústria da região é a indústria de doces, sucos em pó e confeitos. Em matéria produzida pelo Jornal da Cidade em agosto de 2008, o periódico enfatiza a produção de açúcar e cana da região, produtos importantes para a produção de doces. Na reportagem, o presidente da Associação brasileira das indústrias de alimentação, informou que: “Como o açúcar e as frutas são as duas principais matérias-primas da indústria de doces, as empresas que estiverem próximas às áreas fornecedoras desses produtos levarão vantagem competitiva sobre as demais”. (JC, 21/08/2008).

Lacerda destaca, ainda, a localização de Bauru, pois a cidade está próxima aos estados do Paraná, Mato Grosso e Minas Gerais, grandes centros produtores de insumos agrícolas, o que facilita o transporte e a distribuição das mercadorias.

A reportagem salienta que a proximidade das matérias-primas e o barateamento do transporte devem ser levados em conta na escolha da localização para a indústria alimentícia, pois o produto alimentar tem baixo valor agregado, e tem a necessidade de não receber o repasse do custo logístico para ficar competitivo. Lacerda informou;

O valor unitário dos produtos fabricados nesse ramo costuma ser baixo. Devido à grande competição, não há como uma empresa transferir os custos logísticos para o preço final da mercadoria. Dessa forma, indústrias que estiverem mais longe dos centros fornecedores de matéria-prima terão sua margem de lucro reduzida. (JC, 21/08/2008)

No município existem duas empresas de peso no setor de alimentos, voltadas para o setor de doces e confeitos. Nas entrevistas feitas com representantes das fábricas, todos destacaram a proximidade da matéria-prima, o açúcar, e, especialmente, o transporte, grande atrativo para as plantas industriais.

Na Sukest Indústria de Alimentos e Farma Ltda um grande fator foi o familiar, pois há muito tempo a família Tobias exerce atividade econômica na cidade. A maior razão da multinacional americana Cadbury (antiga Adams) estar em Bauru foi a determinação logística para a efetivação da reengenharia produtiva da planta no Brasil; já que não existiu nenhuma política de atração desenvolvida no município, para pesar na decisão da empresa.

A Sukest foi inaugurada em 1987 por Moussa Tobias e, em um primeiro momento, a fábrica produzia refresco em pó. Sua produção foi ampliada nos anos 1990, tanto em caráter quantitativo, como qualitativo pois, além de produzir suco em pó, passou a fabricar goma de mascar e ingredientes básicos (Ácido Fumárico e Base para Goma de Mascar) para outras fábricas de doces. Atualmente, a Sukest distribui seus produtos para todo o Brasil, além de exportar seus produtos para mais de 20 países na África, América e Europa. A empresa é uma das grandes responsáveis pela produção de suco em pó no Brasil, e o produto mais conhecido é o suco em pó chamado Spin.

A Cadbury é uma empresa multinacional pertencente ao grupo americano Pfizer. Até 2003, a empresa possuía o nome de seu fundador, Thomas Adams, que foi o criador da goma de mascar nos EUA, sendo a marca Chiclets o carro chefe da empresa por muitos anos. Em 1964, a Adams foi comprada pela Warner Lambert, que a transformou

em sua divisão mundial de confeitos e, em 1999, a Pfizer comprou a Warner Lambert. Como já possuía uma divisão de alimentos, em 2003 a Pfizer realizou incorporação da Adams na Cadbury.

No Brasil, a antiga Adams começou a atuar no ano de 1944, no Cambuci, em São Paulo. As atividades da empresa cresceram e, em 1979, a empresa construiu a fábrica de Guarulhos. Nos anos noventa, a planta de Bauru é comprada, porém, a empresa anterior era uma tradicional fábrica de pastificio, deste modo a Adams efetivou uma enorme reforma para adequar a fábrica aos seus interesses. Esse exemplo é característico da descentralização ocorrida na metrópole paulista; assim, ainda que com uma única empresa, Bauru se integrou a esse processo, iniciado na década de 1970.

Em 2005, a já Cadbury reúne toda a produção em Bauru, conseqüentemente fechando a planta de Guarulhos. A fábrica na cidade possui uma área de 32 mil m² de área construída no Distrito Industrial I. A planta emprega mil funcionários e produz as marcas nacionais mais conhecidas de goma de mascar e balas, tais como Trident, Halls, Chiclets e Bubbalo.

A unidade de Bauru possui um sistema produtivo moderno e de ponta, podendo servir a empresa em escala planetária. A produção bauruense atinge os mercados da América Latina, África e Europa. Todos os produtos da Cadbury consumidos no Brasil são feitos na cidade.

Outro componente frisado pelo setor de comunicação da empresa é o investimento da planta de Bauru na área ambiental, desde que a Cadbury possui programas de tratamento de efluentes e coleta seletiva de lixo.

Em entrevista ao JC de Bauru, o diretor de logística da Cadbury ressaltou que “a localização de Bauru permite um acesso mais facilitado aos nossos centros de distribuição”. Outro fator (o principal, segundo ele) que permitiu a expansão da empresa na cidade foi a disponibilidade de espaço em terreno do Distrito Industrial I, sítio que tem 230 mil metros quadrados de área.

Como se pode perceber, esse compartimento industrial de empresas vinculadas ao setor agroindustrial local e regional teve expressiva participação de capitais externos ao município (nacionais e estrangeiros), em suas fases iniciais, com a atuação da SANBRA e da Anderson Clayton, em grandes unidades produtivas. Hoje os capitais externos estão restritos à Cadbury, grande empresa internacional. Já os capitais locais são responsáveis pela implantação de unidades menores, nos setores de montagem de sistemas elétricos como a Sendi, Sanden, Promins e Chimbo.

As empresas de produtos alimentares estão há muito tempo presentes na cidade, e as indústrias de beneficiamento de algodão fizeram parte da origem do setor industrial em Bauru. No atual momento, apenas uma empresa desenvolve essa atividade na cidade, a Sina beneficiadora de óleo vegetal, que ocupou a área da antiga Bunge, em 2008. Porém, o beneficiamento do óleo não é feito utilizando produtos da região (antigamente o algodão) e sim a soja, vinda do extremo oeste de São Paulo e, principalmente, do Paraná. A Sina Beneficiadora de Óleo possui 240 funcionários e utiliza da infraestrutura utilizada anteriormente pela SANBRA/CEVAL/Bunge, para atuar no interior do estado e capital.

As empresas de engenharia e sistemas elétricos da cidade tiveram forte influência do desempenho e da evolução das empresas agroindustriais de Bauru e região. Qualquer instalação de uma grande empresa e, também, sua manutenção, requerem adequação e montagem de sistemas energéticos.

Nos anos 1930, grandes empresas de beneficiamento de algodão instalaram-se em Bauru, a SANBRA (Ceval e Bunge) e as Indústrias Matarazzo (posteriormente Anderson Clayton), no início, possuíam seus próprios funcionários, mas na década de 1950, essas plantas industriais começaram a necessitar de serviços mais especializados para acompanhar a evolução energética que o estado passava, que era a gradativa utilização de energia hidrelétrica.

A primeira empresa, na cidade, destinada à manutenção e montagem de sistemas elétricos foi a Chimbo & Cia Ltda. Ela foi fundada em 1951 por Attusi Chimbo que veio de Marília e, durante muito tempo, trabalhou como funcionário da SANBRA; posteriormente saiu da empresa e começou a prestar serviço direto para a mesma.

Esse setor foi beneficiado diretamente pela expansão sucroalcooleira no interior do Estado de São Paulo, no final dos anos 1960 e 1970. De acordo com o filho de Chimbo, a empresa foi responsável pela montagem de sistemas elétricos em mais de 280 usinas sucroalcooleiras em São Paulo, e em mais 17 estados. Chimbo destaca que o Proálcool, a partir de 1975, foi um dos grandes responsáveis pela industrialização do interior paulista.

Nos anos 1980, a Chimbo passou por uma reestruturação e ampliou suas atividades. Assim, a empresa iniciou a montagem, instalação e manutenção de sistemas elétricos para outros ramos industriais, sendo os mais importantes a indústria têxtil, de óleos vegetais, indústria de base e de alimentos. Takeo Chimbo mencionou a

importância de buscar novos clientes fora da cidade e, especialmente, ampliar suas atividades por todo o território nacional.

Atualmente, a empresa possui mais clientes fora do estado que em sua região de origem. A região centro-oeste e o norte do país são as áreas que detêm a maioria dos clientes da Chimbo. O presidente da empresa destaca a localização de Bauru e o apreço pela cidade como pontos importantes para, ainda, estar na cidade.

Os anos 1980 e 1990 foram anos de grande crescimento para o setor de materiais e sistemas elétricos. A partir da planta industrial da Chimbo ocorreu uma grande formação de mão-de-obra capacitada para Bauru e região. Muitos funcionários egressos da Chimbo montaram outras empresas que, ao mesmo tempo, competiam e eram contratadas para serviços esporádicos pela própria Chimbo. Esse processo é conhecido na Economia e na Geografia Econômica como processo de “spin off”, onde funcionários são treinados e, posteriormente, saem para montar outras indústrias.

Outro exemplo notório foi o surgimento da Sendi. Fundada em 1995 por um ex-funcionário da Chimbo, a empresa teve uma rápida expansão no setor de painéis elétricos e na área de automação. Atualmente, a empresa é a maior representante do setor na cidade. Possui 8000 m² de planta industrial e, no ano de 2002, abriu duas novas fábricas, no norte e no centro-oeste do país para potencializar seus produtos e serviços.

A Sendi, em 2008, abriu uma fábrica de pré-moldados de concreto para amparar e completar seus produtos e serviços. Os principais produtos da empresa são: painéis elétricos, montagem de equipamentos pesados, automação industrial e produtos de concreto; seus maiores clientes são as indústrias de base, usinas sucroalcooleiras e usinas hidrelétricas.

Outra empresa com origem nos quadros da Chimbo foi a indústria de montagem eletromecânica Sanden; seus fundadores trabalharam na Chimbo e, posteriormente, abriram a empresa. A Sanden opera no mesmo setor, e com produtos semelhantes aos da Chimbo.

Inaugurada em 1980, a Promins não possui relação de origem e nem de produtos com as outras empresas do setor de eletromecânica. Seus serviços e produtos são direcionados para grandes empresas nacionais e multinacionais, seus painéis elétricos servem sistemas de empresas de serviços e do setor financeiro.

5.1.2 Compartimento II – Empresas não ligadas as atividades agroindustriais da região.

Outras empresas importantes da cidade não possuem ligação direta com a agroindústria da região, e integram o que chamamos de Compartimento II da indústria bauruense, o qual apresenta como maior característica a diversidade de empresas e de produção. Essa característica é apresentada pelos especialistas entrevistados como um forte aspecto positivo, pois a diversidade é atacada de maneiras diferentes em cada crise econômica, assim podendo dar mais resiliência e tenacidade para a economia da cidade. Por outro lado, a diversidade produtiva não traz fortalecimento e especialização para a economia da cidade, fator de grande importância no cenário nacional e global, pois a especialização pode aumentar a competitividade produtiva de uma região.

O surgimento de um compartimento diversificado e sem ligação com a agroindústria da região, pode ser explicado por algumas características ligadas aos fatores locais. O estudo conseguiu demonstrar, principalmente pelos formulários, que a localização geográfica, a logística, o mercado consumidor regional e a mão-de-obra disponível são fatores de atração que exercem grande influência na diversificação da produção.

Como se viu, a evolução da indústria de Bauru está intimamente ligada à força da cafeicultura e, principalmente, da ferrovia. Essas duas forças geradoras foram responsáveis por criar uma aglomeração urbana que necessitou ser abastecida. Assim, desde o início, a atividade produtiva teve que se adaptar às demandas do município e região.

Outro aspecto salientado no formulário foi a disponibilidade de terrenos no distrito industrial a partir da década de 1960, para a expansão de indústrias já existentes em meio ao tecido urbano. Mesmo que, atualmente, o processo para a posse nos distritos seja apontado como burocrático e lento, as empresas mais antigas valorizam a iniciativa tomada na década de 1960.

O distrito, na época, ofereceu facilidades para empresas que prosperaram em um momento de forte crescimento e expansão econômica, não só da região, mas do estado paulista e do país. No distrito conseguiram agrega-se empresas de setores diversos, que aproveitaram a oportunidade de expansão. Um exemplo notório de setor que se beneficiou com o distrito foi o de baterias, desde que a Ajax Baterias foi umas das pioneiras do Distrito I. Com o seu crescimento e aumento de produção, ela foi

responsável pelo surgimento de várias outras empresas do setor, e fez de Bauru o centro produtor de cerca de um terço das baterias produzidas no país.

Esse processo de multiplicação de unidades produtivas em um mesmo ramo ou setor (conhecido como “spin off”, como já foi dito anteriormente) pode ser constatado em vários setores do compartimento II da indústria de Bauru, pois é notável o número de empresas com produção similar que apareceram após a década de 1960. Essas empresas foram criadas por antigos funcionários, por separação familiar e pelo aparecimento de concorrentes.

Na análise dos fatores locacionais em Geografia Industrial existem os fatores clássicos (transportes, energia, mercado consumidor, capital, mão de obra e matéria-prima) e, mais recentes, os fatores psicológicos, subjetivos, que expressam a vontade dos atores sociais. Assim, foi notado nas entrevistas que muitas empresas estão localizadas e continuaram em Bauru, pelo fator da presença familiar e pelo apego do empresário ao local.

As empresas do compartimento II, em sua maioria, estão em setores de baixa inovação tecnológica, assim não necessitando de mão-de-obra especializada. Entretanto, se precisarem encontram suporte no pessoal que recebe a preparação básica oferecida pelas escolas técnicas da cidade. Os cursos de técnico em eletrônica, eletricitista, torneiro mecânico, mecânica automotiva e processamento de dados são cursos básicos que podem ser utilizados pelas empresas para especializarem a sua mão-de-obra, de acordo com suas necessidades.

A indústria que melhor representa o desenvolvimento do setor secundário bauruense é a Tilibra, que é a maior produtora de cadernos e materiais de papelaria para escritório do Brasil. Seus produtos podem ser encontrados por todo o país e também no exterior.

A história da Tilibra se confunde com a história do desenvolvimento econômico da cidade. A família Coube fundou uma pequena tipografia em 1928, chamada de Typografia Brasil; essa empresa, apesar do nome, comercializava produto de papelaria para escritório e engenharia, brinquedos e tintas. Em pouco tempo, o comércio aumentou e novas instalações foram inauguradas em uma grande loja na Batista de Carvalho, centro nobre de Bauru, na década de 1930.

Em 1945, o nome da empresa passa a ser Typografias e Livrarias Brasil S/A, sendo a primeira empresa de sociedade anônima de Bauru. No ano de 1949, a família Coube inaugura um prédio de 4 andares na rua Batista de Carvalho, onde os dois

pavimentos inferiores eram para o comércio e os superiores foram destinados para a gráfica.

A atividade gráfica cresceu nos anos 1950 e, em 1953, a Typografia Brasil possuía representantes em 11 estados, e modernizava e ampliava a produção com novos maquinários. Com a demanda crescendo, as instalações na Batista de Carvalho ficaram pequenas; assim, no ano de 1962, foi inaugurada uma grande fábrica, com 6000 m² de área construída e com 40 000 m² de terreno às margens da Cia Paulista de Estrada de Ferro, na Rua Aymorés, Vila Cardia, onde funciona até hoje.

Os anos 1970 foram marcados com a mudança de nome da Typografia Brasil para Tilibra S/A. Ao completar 60 anos, em 1988, um acerto familiar foi feito e alguns integrantes tornaram-se acionistas de uma empresa de formulários e bobinas chamada Tiliform. A produção da Tilibra teve forte expansão pelo Brasil e exterior nos anos 1990; consolidando o fortalecimento, a empresa assina contratos exclusivos para a utilização de marcas e personagens famosos em seus produtos.

Em agosto de 2004, a Tilibra S/A teve seu controle acionário transferido para a multinacional americana Meadwestvaco S/A, que potencializou os investimentos para ratificar a liderança nacional. A partir dessa mudança, a Tilibra passou a exportar seus produtos para mais de 18 países, no mundo.

O setor de baterias bauruense é um dos maiores do Brasil, e o CIESP informa que cerca de um terço das baterias produzidas no Brasil é fabricado no município. Assim, essa atividade, já tradicional na cidade, existindo desde os anos 1950, é de grande importância para sua economia.

A empresa Baterias Ajax foi inaugurada em 1958 pela família Molina, com o objetivo de realizar manutenção e reparos em baterias. Nos anos 1960, a empresa aproveita o movimento do mercado automotivo em expansão no país e, tanto servindo montadoras, como o mercado de reposição, a Baterias Ajax foi solidificando sua marca.

No início dos anos 1970, a empresa é pioneira na instalação de uma grande planta no nascente Distrito Industrial I. Atualmente, a fábrica possui 1000 funcionários e produz 320 000 baterias/mês, o que a coloca entre as maiores empresas de baterias no Brasil. Em busca de inovação na produção e de aprimoramento da mão-de-obra, a Ajax passou a produzir a quase totalidade dos componentes que utiliza.

A fábrica de acumuladores Baterias Cral nasceu da empresa Comercial Revendedora de Acumuladores Ltda, em 1965; a produção de baterias, contudo, só teve início em 1981, com cerca de 30 funcionários. Atualmente, a Baterias Cral gera em

torno de 1000 empregos diretos e indiretos. Sua área total é de 96 679,50 m², com uma área fabril de aproximadamente 20 000 m², e 40 000 m² de preservação ambiental. Ratificando suas instalações, no ano de 2005 adquiriu uma área de 100 000 m² para ampliação de suas instalações.

A Cral atende, especialmente, o mercado de reposição, mas possui contratos com a Volvo, GM e FIAT.

Em 1993, um antigo funcionário das Baterias Ajax fundou as Indústrias Tudor. Os empreendedores montaram duas fábricas, para rapidamente ganhar o mercado nacional. Uma fábrica está localizada em Bauru, sendo que a produção é voltada para o centro-sul do Brasil, e a outra planta foi construída em Governador Valadares, Minas Gerais, e abastece o mercado do centro-oeste, nordeste e norte do país.

A Tudor mantém um canal de comercialização que inclui 21 centros de distribuição própria, 30 centros de distribuição terceirizados no Brasil e mais 20 centros de distribuição internacional na América do Sul, América Central, Ilhas do Caribe, África e Europa.

A Plajax foi fundada em 1980. Dado o avanço da produção de baterias em Bauru, criou-se uma forte demanda por componentes da indústria de baterias e visualizando essa oportunidade, a Plajax passou a fabricar caixas plásticas para as baterias, e hoje é líder neste tipo de produção.

Desde sua criação, a empresa ganhou grande projeção no mercado nacional, sendo, atualmente, a maior empresa nacional do setor. Sua posição é ratificada pela presença em Bauru de quatro grandes empresas do setor de baterias; desse modo, essa oportunidade de *linkages* locais representa uma grande vantagem comparativa contra seus concorrentes.

A fábrica possui uma área total de 41.000 m², com mais de 12.000 m² de área construída. Possui frota própria de caminhões, com capacidade de entregar em qualquer parte do país. A empresa atende o mercado nacional e possui planos para a exportação.

No compartimento II, o setor de máquinas é muito importante, e deve ser destacado. Nele, merece menção a Polimáquinas, fundada em 1975, e que iniciou sua produção fabricando acessórios para máquinas de produtos plásticos (furadores, banco de vazadores, equipamentos de solda-fundo redondo), especialmente sacolas. Como a maioria das máquinas utilizadas no Brasil era importada, o fundador verificou a necessidade de produzir peças para a manutenção e revisão dessas máquinas importadas.

A partir de 1979, a produção se sofisticou e a Polimáquinas lançou sua primeira máquina completa; a máquina de corte e solda de sacos plásticos foi a primeira tentativa de substituir a importação. Com o sucesso da máquina de corte, a empresa lançou no mercado a máquina para a fabricação de sacos plásticos de fundo redondo, que era utilizada para embalar discos musicais de vinil e empacotar frango. O maior desenvolvimento técnico da empresa veio em 1984, com o lançamento da primeira máquina nacional para a fabricação de sacolas plásticas do tipo "camiseta". Com esse lançamento, a empresa passou a concorrer diretamente com os equipamentos produzidos nos países de tecnologia mais avançada do mundo. Atualmente, a Polimáquinas é a líder na América Latina na fabricação de máquinas de corte e solda para sacolas tipo "camiseta" e sacos blocados.

As vendas da empresa chegam a todo mercado nacional, também sendo muito importante a exportação. Seus produtos chegam aos EUA, Portugal, Chile, Argentina, Peru, Uruguai, República Dominicana, México, Equador e América Central.

A importância da Polimáquinas extrapassa sua planta, pois, no formulário, foi detectado um núcleo de empresas em seu entorno que prestam serviços produtivos para empresa. Essa trama de *linkages* é efetivada por subcontratação permanente e, também, pela ocasional, fomentada por picos produtivos.

Outra empresa de grande importância é a Colorflex, que também estabelece *linkages* produtivos com empresas menores. A empresa atua em produtos e sistemas similares da Polimáquinas.

A Colorflex foi fundada em 1982 e seus fundadores trabalharam na empresa americana de equipamentos e produtos plásticos Schjeldahl. Após anos de experiência na multinacional americana, os fundadores decidiram criar a Colorflex, que também iniciou sua produção de máquinas para fabricação de sacolas plásticas tipo camiseta. Em 1993, a empresa iniciou a produção de impressora flexográfica em linhas para impressão de sacolas, e assim se especializou em máquinas de impressão de produtos plásticos. A empresa exporta para a América Latina, Europa Oriental e Portugal.

Também no Compartimento II, o setor de plásticos em Bauru possui empresas de grande porte e emprega grande quantidade de mão-de-obra. Dentre as empresas que fabricam produtos plásticos, as mais importantes são a Plasútil e a Plajax, citada acima, empresas reconhecidas no mercado nacional, pois o volume de suas produções alcança todo o país.

A Plasútil foi criada em 1986 e seu crescimento foi exponencial, pois já na década de 1990 possuía revendedores de seus produtos por todo o Brasil. Dentre os principais produtos da Plasútil aparecem os acessórios domésticos, e a razão do grande crescimento da empresa reside na inovação. Os produtos conseguiram ganhar o mercado pelos preços mais baixos, quando comparados às grandes fábricas da época e, também, pelos investimentos em qualidade e design, oferecendo produtos diferentes dos concorrentes.

Atualmente, a empresa possui mais de 600 tipos de produtos e exporta para 30 países ao redor do mundo.

No início dos anos 1970, o cônsul japonês visitou fábricas de seda no município de Gália, cidade próxima a Marília, e em sua comitiva estava um representante da Ebara Corporation, que almejava investir em alguma cidade, construindo uma filial. Assim, em 1975, a cidade de Bauru foi escolhida para receber o investimento da Ebara, empresa japonesa que atua na produção de moto bombas submersas. Desde seu início, foi direcionada para alcançar o mercado interno, e exporta para as Américas. Hoje, a empresa tem por destaque a linha de motores elétricos submersíveis à prova de explosão para bombas de esgoto, que exporta para os EUA, além de conjuntos para recalque de esgoto produzidos para o mercado asiático.

A planta da EBARA Brasil, em Bauru, tem 4 299m² de área construída dentro de uma área total de 25 321m², onde concentram-se a produção, a administração, o departamento comercial, o departamento de projetos e a assistência técnica. Para atender parte das regiões norte e nordeste, a empresa possui a filial Recife, e para órgãos públicos e comércio exterior, tem um escritório comercial em São Paulo.

5.2 Resultados da pesquisa direta

Os questionários foram aplicados diretamente nas empresas e, também, enviados aos responsáveis das empresas através de e-mails, esses foram preenchidos entre julho de 2008 e janeiro de 2009. Como já foi mencionado na teoria e método, a pesquisa utilizou-se de uma amostragem induzida, pois foram escolhidas as principais empresas da cidade e algumas médias e pequenas.

A seguir, serão mostrados alguns aspectos relevantes encontrados na pesquisa direta. Importante novamente é observar que a pesquisa encontrou grande dificuldade quanto ao prazo de devolução dos questionários e na acessibilidade aos responsáveis para a aplicação direta.

Empresas de capital bauruense:

Na análise evolutiva da indústria de Bauru, sempre o capital local esteve em evidência. Na atualidade, a maioria das indústrias possui origem em recursos locais. A explicação do investimento na cidade, apontada na pesquisa e dada pelas empresas de capital local é, primeiramente, a residência do proprietário; em segundo lugar, é a potencialidade do mercado consumidor da região e, por último, a localização da cidade e a infraestrutura de transportes apresentadas na cidade.

Dentre os exemplos mais relevantes de empresas locais estão as empresas de baterias (Cral, Ajax, Tudor e Route), o Frigorífico Mondeli, a Sukest, a Plasutil, e as empresas de máquinas para a fabricação de produtos plásticos (Polimáquinas e Colorflex).

Cabe ressaltar que em Bauru existem duas empresas de capitais locais de grande importância nacional, pois vendem seus produtos para todo o país, no setor de máquinas e implementos de panificação. Mesmo sendo empresas de médio porte, a Imeca e a Cainco, que pertencem a dois irmãos, possuem alcance nacional, estando no mercado há mais de 25 anos.

O setor de engenharia e montagem de painéis é de grande importância para a cidade, esse possui majoritariamente capital local e está presente há mais de 50 anos (Sendi, Sanden, Promins e Chimbo).

Dentre as 51 empresas pesquisadas, 46 possuem capital local. Isso demonstra como a força industrial da cidade depende, fortemente, dos agentes locais.

As 5 empresas restantes que não possuem capital bauruense são de grande importância para a cidade, pois controlam grandes plantas e empregam, juntas, milhares de funcionários.

Desde 2004, a Tilibra pertence ao grupo norte-americano Meadwestvaco. Líder global em produção e soluções de embalagens, a Meadwestvaco atua também no mercado de produtos ao consumidor, materiais de escritório e produtos químicos especiais. A Tilibra foi fundada com capital bauruense, porém, no início dos anos 2000, passou a ser controlada pela multinacional americana.

Outra empresa de capital externo é a Ebara Corporation, fundada em 1912, e uma das principais fabricantes mundiais de equipamentos de transferência de fluidos, com particular destaque em bombas, compressores, ventiladores e equipamentos de refrigeração. A Ebara Brasil está instalada na cidade de Bauru, interior de São Paulo,

desde 1975, atuando principalmente na produção de motobombas submersas. É subsidiária da Ebara Corporation, empresa japonesa e uma das líderes mundiais no fornecimento de bombas e equipamentos relacionados a sistemas de movimentação de fluidos.

Exemplo significativo da descentralização industrial da Região Metropolitana de São Paulo, ocorrida desde os anos 70, a fábrica da Cadbury (antiga Adams), localizada na cidade de Bauru, é uma das mais modernas da América do Sul, empregando cerca de mil pessoas. Possui mais de duzentos anos de existência; no Brasil, a fábrica está há 64 anos, e em 2005 concentrou suas atividades na cidade de Bauru. Atualmente, a Cadbury pertence ao grupo americano Pfizer.

A revitalização, no município, do beneficiamento de óleo vegetal foi feito pela empresa Sina. Ela atua no mercado de soja, no esmagamento de grãos, comercializando seus derivados em todo o Brasil, e através de exportação. Fundada em 2004, em Santo Anastácio, interior do Estado de São Paulo, esmaga em média, 20 mil toneladas de grãos ao mês, produzindo farelo, óleo e lecitina de soja. Em Bauru, a empresa ocupa a antiga planta da Sanbra (mais tarde, Bunge) e emprega 250 pessoas.

Uma pequena empresa de capital externo é encontrada no distrito industrial. Fazendo parte do grupo Somefor no Brasil, a Itemp-Somefor iniciou suas atividades através de uma parceria entre o Grupo Somefor – Societe Meridionale de Fornulation S/A, em Marselha/França, e o grupo Itemp – Indústria de Tintas Personalizadas Ltda. Em Bauru, inaugurou sua planta no ano de 2001, a qual é responsável pela distribuição e produção de tintas.

Número de funcionários

Já foi relatado no estudo que o setor econômico mais importante e que oferece a maior quantidade de empregos é o terciário, especialmente o comércio. Assim, a indústria é o segundo setor em empregabilidade. Dentre as empresas pesquisadas, chegou-se a um total de 9114 empregos oferecidos. O ramo de maior empregabilidade é o de acumuladores elétricos (outros equipamentos de transportes), com 2600 funcionários, em seguida vem o setor de alimentos, com 2150 colaboradores. (tabela 8).

Principais ramos da indústria bauruense

O ramo que detém o maior número de empresas pesquisadas (9), a saber, o de máquinas, aparelhos e materiais elétricos, emprega apenas 420 funcionários; por trabalharem por contratos sazonais essas empresas possuem uma grande variação no quadro de funcionários. O ramo de máquinas e equipamentos, com 8 empresas, conta com unidades de produção de máquinas para produtos plásticos e de implementos para panificadoras.

As empresas que mais empregam são as de acumuladores de energia, porém, esse ramo agrega apenas 4 empresas (outros equipamentos de transportes). Isso denota que essas empresas necessitam de mão de obra intensiva, e possuem grande importância no mercado de trabalho bauruense.

É interessante o ramo de produtos de papel, contando com 5 empresas na cidade, esse ramo emprega 1207 funcionários, mas, apenas uma empresa, a Tilibra é responsável por mais de 90% dos empregos desse ramo.

O ramo de alimentos é representado por três empresas, mas ocupa 2150 pessoas, sendo a segunda maior empregadora de Bauru. As três grandes são a Cadbury (antiga Adams), Sukest e o Frigorífico Mondelli. (Tabela 7)

Tamanho das empresas

Na avaliação do tamanho das empresas, foram definidas faixas dimensionais para avaliar. Assim, as faixas que compõem a tabela 13 demonstram o tamanho das empresas relacionadas à realidade da cidade.

A cidade apresenta 7 empresas consideradas muito grande (acima de 500 funcionários). De grande porte foram pesquisadas 5 empresas (entre 200 e 550 funcionários), porém o maior número de empresas, 9, apareceu concentrada na faixa de indústrias de médio porte B (entre 21 e 50 funcionários). Sempre é válido lembrar que o estudo foi baseado em processo de amostragem induzida, assim não se pode ter uma avaliação completa da indústria bauruense.

Treinamento da mão-de-obra:

A questão relacionada ao treinamento de mão-de-obra levantou aspectos interessantes, pois uma maioria simples das empresas pesquisadas respondeu que Bauru possui instituições que treinam a mão-de-obra, mas algumas empresas levantaram que a falta de capacitação dos empregados é um problema dentro da cidade.

Pelos menos 30 empresas possuem programas diretos de treinamento da mão-de-obra. As principais formas de treinamento são palestras e treinamentos sobre medidas de segurança.

O programa de treinamento mais presente nas empresas é o SIPAT, semana interna de prevenção de acidentes do trabalho. Nas trinta empresas pesquisadas, todas afirmaram que oferecem esse treinamento, pelo menos uma vez ao ano. O foco principal da SIPAT é levar ao corpo de funcionários informações a respeito de prevenção e conscientização quanto a acidentes no trabalho.

A utilização dos serviços de aprendizagem técnica, oferecidos pelas escolas presentes em Bauru (SENAI, SENAC, CTD), foi ressaltada no quesito “Aprimoramento Profissional”. As respostas demonstraram que existem poucos cursos de re-capacitação e aperfeiçoamento profissionais dados pelas instituições.

Algumas empresas afirmaram que a formação técnica oferecida pelo SENAI é de grande importância, sendo que as mais citadas foram:

- Torneiro mecânico: Polimáquinas, Colorflex, Baterias Ajax, Tudor Baterias, Cral Baterias, Enerbrax Baterias e micro empresas de usinagem.
- Eletrônica: Sanden, Chimbo, Sendi, Promins e micros correlatas
- Informática: 25 empresas responderam que possuem em seus quadros alunos que se profissionalizaram na área técnica de informática

Outros treinamentos, esporádicos, que foram detectados nos questionários/formulários dizem respeito à educação financeira, reciclagem e manuseio de equipamentos específicos.

Residência dos funcionários:

A totalidade das empresas afirmou que não necessita de alocar mão-de-obra de outras cidades, sendo que seus funcionários residem no município. Justamente por Bauru ser o principal município da região, ele faz um papel de “exportador” de mão-de-obra para grandes empresas de Agudos, Lençóis Paulista, Jaú e Pederneiras.

Regime de trabalho:

O regime de trabalho é, em sua maioria, de 8h de trabalho, sabendo-se que as empresas da cidade não estão ligadas a produtos de forte demanda no cenário regional ou nacional, que influenciem a jornada de trabalho das empresas.

Os questionários apresentaram 42 empresas que possuem jornada de 8h de trabalho, porém, há 7 empresas que funcionam em regime de trabalho noturno e diurno.

Das 7 que informaram que trabalham em um regime diferenciado, são elas:

- Tilibra: turno noturno e diurno, todos os anos, a partir do mês de agosto, a empresa contrata para as vendas de início do ano;
- Plasutil: turno noturno e diurno;
- Cadbury: turno noturno e diurno;
- Sukest: turno noturno e diurno;
- Ajax Baterias: turno noturno e diurno;
- Baterias Cral: turno noturno e diurno;
- Baterias Tudor: turno noturno e diurno.

A jornada dupla sempre está relacionada a períodos de maior demanda ou sazonalidade. O final do ano é o período mais indicado pelos pesquisados como o momento de maior atividade para as empresas, com o maior número de períodos de trabalho.

Empresas contratadas para a prestação de serviços e produtos:

O trabalho detectou alguns *linkages*, forma de ligação produtiva entre as empresas, através de serviços contratados periodicamente ou permanentemente. Deste modo, 15 empresas entrevistadas afirmam ser contratadas por outras. As empresas contratadas são todas de pequeno e micro portes, e os setores de máquinas para produtos plásticos, painéis elétricos e gráfico são os que mais contratam.

Empresas contratantes e com produção própria:

O aumento da demanda em alguns períodos é o grande motivo para contratar outras empresas, mas o setor de máquinas para produtos plásticos consegue ter uma rede de *linkages*, por todo o ano, desde que as empresas contratam pequenas empresas de usinagem, que estão instaladas próximas as fábricas, no jardim Paulista. Através dos questionários, 11 empresas disseram que contratam serviços e produtos de outras

empresas. Das empresas que disseram contratar serviços no processo produtivo, são elas:

- Polimaquinas: empresas de usinagem;
- Colorflex: empresas de usinagem e empresas correlatas quando a produção excede a capacidade produtiva;
- Promins: empresas correlatas (painéis eletrônicos) quando a produção excede a capacidade produtiva;
- Sendi: empresas correlatas (painéis eletrônicos) quando a produção excede a capacidade produtiva;
- Chimbo: empresas correlatas (painéis eletrônicos) quando a produção excede a capacidade produtiva;
- Sanden: empresas correlatas (painéis eletrônicos) quando a produção excede a capacidade produtiva;
- Gráfica Coelho: contrata outras empresas quando a produção excede a capacidade produtiva, para acabamentos e serviços de mão-de-obra intensiva;
- Graphpress Mult – Soluções Gráficas Ltda : contrata outras empresas quando a produção excede a capacidade produtiva, para acabamentos e serviços de mão-de-obra intensiva.;
- Gráfica e Editora Joarte: contrata outras empresas quando a produção excede a capacidade produtiva, para acabamentos e serviços de mão-de-obra intensiva;
- Plasutil: contrata empresas correlatas quando a produção excede a capacidade produtiva;
- Plasvipel: contrata empresas correlatas quando a produção excede a capacidade produtiva;
- Ecirtec: contrata empresas correlatas quando a produção excede a capacidade produtiva.

Produção própria

Por Bauru estar distante de grandes concentrações industriais e não ter grandes ligações internas, do tipo Arranjos Produtivos Locais ou Clusters, as fábricas tendem a ter produção própria.

Outro detalhe encontrado na pesquisa é a diversidade de ramos, não possuindo ligações intensas, as empresas necessitam ter todas as etapas produtivas na mesma planta.

De acordo com o formulário/questionário 24 empresas afirmaram não contratar e não prestar serviço a outras empresas. Pela diversidade da indústria bauruense, quase a metade das indústrias pesquisadas possui produção própria e não depende de outras.

As mais importantes são: Tilibra, Cral, Tudor, Ajax e Route, no setor de baterias. No setor alimentício, possuem produção própria o Frigorífico Mondelli, Cadbury (antiga Adams) e Sukest. Ainda entre as grandes encontramos a Ebara, Icefresh, Luky e Mann Química.

Localização:

A localização industrial, já enfatizado no estudo, possui uma maior concentração nos distritos I e II. No Distrito I encontram-se 25 das empresas pesquisadas, e 10 estão no Distrito Industrial II. Fora dos distritos, aparecem 16 empresas e um dado significativo é a aglomeração industrial no Parque Paulista, próxima ao Distrito I.

O Parque Paulista tornou-se um apêndice do distrito e já possui uma legislação diferente. Neste bairro, as principais empresas são do setor de máquinas para produtos plásticos e seus *linkages*, com pequenas empresas de usinagens. Também nele encontra-se a indústria de acumuladores elétricos Route.

Algumas indústrias importantes estão localizadas no centro da cidade e, em área residencial. A Tilibra encontra-se no centro antigo da cidade e, até o momento, não pretende mudar-se da região, pois possui um centro de distribuição no final da Avenida Rodrigues Alves.

As empresas de engenharia e painéis elétricos estão todas em bairros residências e no centro da cidade, não existindo nenhum indicativo da possibilidade de transferência de suas plantas.

No bairro Independência, a reocupação das instalações da antiga Bunge foi feita pela Sina. A empresa reutiliza a infraestrutura antiga para beneficiar a soja. Para o bairro foi muito importante a reocupação, pois o comércio no entorno foi reativado.

Perguntas abertas:**Acessibilidade:**

Todas as empresas afirmaram a boa acessibilidade da cidade, principalmente as vias que ligam à cidade de São Paulo. Esse item foi o mais valorizado pelas empresas, e de acordo com os levantamentos apontados na pesquisa, é o aspecto que mais valoriza a cidade e, pelos questionários, as empresas indicam que esse é o item de maior força de Bauru e o governo municipal deveria focar mais essa característica.

Essa afirmação parece contradizer a hipótese da página 10, um ponto, entretanto, é pessoas/empresários acharem que o acesso a São Paulo é bom, e outro é comparar essa acessibilidade com outros municípios muito mais próximos da capital paulista.

Cooperação:

Como foi explanado no item “mão-de-obra”, em Bauru a mais forte cooperação e interação das indústrias é com as instituições de ensino técnico. Pelos questionários, 30 empresas informaram que em Bauru existe uma rede de cooperação de formação de mão-de-obra.

Já 40 empresas afirmaram que a cooperação pública (vereança e prefeitura) é baixíssima. Essa foi a resposta mais dada pelos empresários, a maioria reclamando da falta de políticas públicas e ausência de linhas mais claras de atuação dos órgãos públicos.

Aspectos negativos:

Por serem perguntas abertas, as respostas foram separadas, assim elas aparecem em maior número que a totalidade das empresas.

A resposta mais dada nos questionários/formulários; quanto os aspectos negativos de Bauru, são problemas relacionados aos distritos industriais, mesmo empresas que não estão localizadas nos distritos apontaram a burocracia em se obter os terrenos. O número de empresas reclamantes chegou a 40 que afirmaram que a infraestrutura nos distritos é inadequada e a obtenção de terrenos é burocrática e difícil.

Além da reclamação dos distritos, 37 indústrias destacaram a falta de diálogo e problemas de auxílio do governo municipal. Ainda no item das reclamações, 30 empresas destacaram a falta de mão-de-obra especializada.

Aspectos positivos:

Todas as empresas, como já foi expresso, destacaram os meios de transportes que passam pela cidade, dando acessibilidade ao município. A qualificação dos trabalhadores foi apontada por 20 empresas, que informaram a capacidade da cidade em qualificar sua mão de mão-de-obra.

O mercado consumidor regional foi apontado como satisfatório e atraente por 30 empresas.

Ramos	Número de empresas
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	9
Máquinas e equipamentos	8
Produtos de Papel	5
Perfumaria, detergentes e produtos de limpeza	4
Borracha e Plástico	4
Outros equipamentos de transportes	4
Metalurgia básica	3
Alimentos	3
Mobiliário	2
Indústria Geral	2
Vestuário e acessórios	2
Materiais elétricos e equipamentos de comunicação	2
Produtos metálicos, excluindo máquinas e equipamentos	1
Produtos diversos	1
Bebidas	1

Tab. 6 Números de empresas nos principais ramos industriais de Bauru

Ramos	Número de funcionários
Outros equipamentos de transportes	2600
Alimentos	2150
Produtos de Papel	1207
Borracha e Plástico	1163
Máquinas e equipamentos	821
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	420
Perfumaria, detergentes e produtos de limpeza	390
Vestuário e acessórios	105
Mobiliário	92
Produtos metálicos, excluindo máquinas e equipamentos	51
Materiais elétricos e equipamentos de comunicação	49
Metalurgia básica	23
Produtos diversos	16
Indústria Geral	15
Bebidas	12

Tab.7. Empresas e números de funcionários

Tipos das Empresas	Número de empresas
Micro (1 – 5 funcionários)	4
Muito pequena (6 – 10 funcionários)	8
Pequena (11 – 20 funcionários)	8
Média B (21 – 50 funcionários)	9
Média A (51 – 100 funcionários)	7
Grande B (101 – 200 funcionários)	3
Grande A (201 – 500 funcionários)	5
Muito grande (acima de 501 funcionários)	7

Tab.8. Tamanho das Empresas

6. A INDÚSTRIA E O ESPAÇO URBANO

6.1 A indústria como transformadora do espaço bauruense

Ao se verificar o desenvolvimento econômico e industrial da cidade, o espaço urbano foi marcado pela dinâmica da instalação, desativação, transferência e reativação das empresas industriais na cidade.

Bauru apresentou um desenvolvimento econômico que se assemelha a outros importantes municípios de médio porte do Oeste e Noroeste paulista. A agropecuária foi e continua sendo um dos pilares para a formação e sustentação industrial de Bauru. As fases da cafeicultura, algodão, cana, pecuária e gêneros alimentícios, influenciaram os tipos de plantas industriais instaladas no município (CANO, 1990; NEGRI, 1996).

Cabe destacar a relevância da ferrovia para a formação da cidade. A chegada de três ramais ferroviários em Bauru - Cia Paulista, Sorocabana e Noroeste do Brasil, transformou significativamente os aspectos socioeconômicos da cidade. A ferrovia agregou corpo administrativo, mão-de-obra especializada, comércio e fluxo populacional, deixando a cidade com satisfatória dinâmica econômica e demográfica.

A cidade não passou incólume as mudanças ocorridas em plano global, por vários períodos. Qualquer aglomeração local necessariamente está conectada as influências externas, e em Bauru não foi diferente. O fim e o início das fases econômicas foram marcados por mudanças de caráter internacional que, por sua vez, influenciaram o país e, conseqüentemente, induziram transformações no município, sendo estas, perceptíveis em seu espaço urbano.

O modelo econômico agroexportador brasileiro se fez presente no interior paulista, assim a ligação entre o local e o global foi extremamente sentida desde os primórdios da evolução econômica de Bauru.

A força da atividade industrial no município não pode ser apagada, e muito menos escondida, pois seu maior aliado é o espaço, sendo este marcado pela ação primitiva, e no decorrer do tempo, foi o palco do desenvolvimento industrial. Através deste trabalho, cabe tentar apresentar o testemunho do espaço, que indica o valor do setor secundário para a cidade e seus habitantes.

O espaço está impregnado pelas marcas do ser humano, nele se visualiza a construção de formas de vida e, principalmente, a forma de trabalho do homem. O espaço, também, demonstra a passagem de épocas e momentos socioeconômicos. Essa

construção demonstra a relação dos agentes envolvidos, pois são visualizadas áreas de vivacidade econômica, como também se encontram as partes que pouco interessam o comando da construção do espaço.

Santos trata o espaço como:

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social. (SANTOS, 2002, p. 35)

Portanto, o autor salienta outra importância do espaço, que é a influência deste sobre o ser humano. Cada espaço, diretamente em contato com o homem, possui o poder de influenciar de várias maneiras o comportamento, o desenvolvimento e a vida das pessoas. Dificilmente alguma coisa está incólume ao poder do espaço.

O município de Bauru foi fruto do desenvolvimento da cafeicultura no Estado de São Paulo. A chegada dos primeiros fazendeiros no Oeste Paulista foi motivada pela expansão do café por todo Estado. Os municípios de Botucatu, São Manuel e Lençóis Paulista, foram os precursores na região, na adoção da lavoura cafeeira (PELEGRINA, 2007).

O espaço de relevo planáltico e solo arenoso foi receptor dos pioneiros advindos de várias partes do país, sendo o mais famoso o fluminense Azarias Leite, que constituiu as primeiras lavouras, e posteriormente exerceu grande influência na formação da cidade de Bauru (PELEGRINA, 2000).

Porém, o espaço bauruense foi profundamente modificado, quando as linhas férreas chegaram ao município. A cidade recebeu, nos primeiros anos do século XX, os trilhos da Companhia Paulista, da Sorocabana, e a partir de Bauru se iniciou a construção da Noroeste do Brasil, que estendia a malha viária paulista até a fronteira com a Bolívia. (mapa 3)



Mapa. 3. Rodovias e Ferrovias da Cidade de Bauru

Fonte: GOOGLEMAPS, 2008

- ⊕ Estrada de Ferro Noroeste do Brasil
- ☆ Estrada de Ferro Sorocabana
- △ Estrada de Ferro Companhia Paulista

A instalação do entroncamento ferroviário criou uma dinâmica urbana, em que a centralização se dava à margem da ferrovia, e isso não poderia ser diferente, pois o deslocamento das mercadorias e pessoas era a razão da polarização comercial, industrial e de serviços.

Deste modo, o centro de Bauru foi formado pela efetivação da estação ferroviária, que unificou a administração e os serviços das três empresas férreas em uma só estação, a partir da década de 1930.

A ferrovia tinha a razão principal na cafeicultura, assim a sua expansão ficou atrelada ao aumento da atividade primária. No final da década de 1920, a atividade cafeeira ficou seriamente prejudicada pela redução da demanda internacional, motivada pela quebra da bolsa de Nova York.

Vale destacar que, por menores que sejam os espaços e suas localizações, eles receberam a influência das localidades externas, sejam elas nacionais, quanto globais. A formação do espaço recebe poderosa influência dos agentes líderes da economia nacional e global.

Portanto, mudanças de caráter internacional, passadas pelas potências mundiais, possuem a capacidade de construir, induzir e transformar o espaço de localidades próximas e longínquas.

O Brasil, como país de formação dependente em meio ao sistema capitalista mundial, foi fortemente influenciado desde sua origem, nos primórdios da colonização. A exportação de gêneros primários para as grandes nações induziu uma construção do espaço influenciada pela demanda internacional.

O café, cultura que se fortaleceu a partir da década de 1850, foi o produto que deu ao Estado de São Paulo um espaço de grande força econômica dentro do cenário socioeconômico do Brasil. A expansão da lavoura no estado se inicia no vale do Paraíba, segue a região Mogiana, Sorocabana e, posteriormente atinge o Planalto Ocidental Paulista. A ferrovia, quase concomitantemente, foi instalada para servir ao escoamento da produção até o porto de Santos (CANO, 1990).

Bauru recebeu os trilhos e se tornou, além de produtor agrícola, também pólo logístico, no início do século XX. A cadeia produtiva do café, e também seu transporte, foi alimentada pela ligação comercial com o exterior.

A influência externa também foi responsável pela formação e desenvolvimento do espaço bauruense. A atividade comercial se formou à margem das primeiras estações e, posteriormente, concentrou-se nas ruas que eram vizinhas, e que se originavam a partir da nova estação (1934). A praça defronte a estação, que posteriormente recebe o nome de Machado de Mello, foi o marco comercial da cidade (mapa 4).

O desenvolvimento da atividade industrial do município, primeiramente, esteve ligado à subsistência dos munícipes. Pequenas fábricas de rústicas ferramentas, moinhos artesanais, casas de torrefação, serrarias e chapelarias. A primeira grande fábrica a declarar instalação em Bauru foi a Cervejaria Antártica, em 1924, cujo objetivo era a produção de cerveja, guaraná e gelo.

O terreno para a nova fábrica foi disponibilizado ao lado dos trilhos da Cia Paulista, região que posteriormente recebe o nome de Vila Antártica. Contudo, a fábrica só iniciou a produção de refrigerantes, na década de 1940; a produção de cerveja não se efetivou, pois consideraram a água da região imprópria para o fabrico de Cerveja.

Os anos 1930 foram mais dinâmicos para a indústria bauruense; justamente nos anos de maior crise para o café, outra produção agrícola veio amparar a crise na cafeicultura. O algodão substituiu o café em muitas áreas do Oeste Paulista. Seus produtos começaram a utilizar as ferrovias para o escoamento, também, para o exterior (NEGRI, 1996).

Novamente, Bauru tem seu espaço determinado pela crise, pela mudança e demanda externa. Fábricas foram instaladas no município a partir das décadas de 1930 e 1940 e, para aproveitar a logística já instalada, as novas plantas foram construídas à margem dos trilhos.

As indústrias que beneficiavam o “Ouro Branco” produziam o óleo e descarocavam o algodão para o envio à indústria têxtil. A IRF Matarazzo se instalou próxima, também, aos trilhos da Cia Paulista, vizinha ao Batalhão da Polícia Militar, ao lado da Vila Antártica.

Outra fábrica que aproveitou a mesma região de Bauru foi a fábrica norte - americana Anderson Clayton, que produzia o óleo de algodão. Esta região foi incrementada por um efetivo de trabalhadores e suas famílias, além de formar uma nascente e vibrante atividade comercial para abastecer as famílias.

A Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro, SANBRA, se instalou em Bauru na década de 1930, deslocando-se da região Nordeste para Bauru. A SANBRA construiu sua fábrica à margem dos trilhos da EF Sorocabana. A região era uma extensão da tradicional Vila Falcão, porém a região passou a se chamar Vila Independência (mapa 4). Com a rua Felicíssimo Antônio Pereira de um lado e os trilhos da Sorocabana de outro, a SANBRA transformou a Vila Independência, trazendo grandes modificações para zona sul de Bauru (BASTOS, 2002).

A Vila Falcão se formou a oeste da Estação Ferroviária, sendo que as oficinas da Noroeste do Brasil estavam em sua área desde a década de 1920 (Figura 5). A Avenida Alfredo Maia centralizava as oficinas da noroeste, e era o endereço da maior serraria da região, a Serraria Brasil. Esse bairro possuía forte dinamismo, por ser residência de muitos trabalhadores da ferrovia e, conseqüentemente, agregar o comércio para os residentes.

Na década de 1960, a antiga Tipografia Brasil, atual Tilibra, se instala na Vila Cardia. Essa região é uma continuação da Vila Antártica, já mencionada anteriormente, com uma área de 40 000m²; a planta ratificou a margem dos trilhos da Cia Paulista como área agregadora da antiga indústria de Bauru.

O Centro da cidade, com as ruas Presidente Kennedy, Araújo Leite até a Rua Cel. Alves Seabra, foi uma região onde se instalaram importantes empresas da cidade nos ramos moveleiro, bebidas e têxtil.

Essas empresas comandaram o desenvolvimento econômico de Bauru até a década de 1960; a partir deste momento, a configuração externa começou se modificar, e como em outros períodos econômicos, o espaço bauruense foi novamente influenciado.

A expansão da soja, como substituta do óleo vegetal vindo do algodão, teve forte impacto na IRF Matarazzo, na SANBRA, e também na Anderson Clayton. Essas fábricas tiveram grandes problemas na adequação para uma nova demanda nacional e mundial. A primeira empresa a cessar a atividade foi a IRF Matarazzo, ainda nos anos de 1960. A indústria processadora algodoeira, Anderson Clayton, encerrou sua atividade na década de 1980.

Apenas a SANBRA, posteriormente controlada pela americana Bunge, manteve suas atividades até 2006, agregando o beneficiamento da soja em sua cadeia produtiva.

O peso dessas empresas era enorme para o espaço em que estavam instaladas. As modificações trouxeram decadência para os bairros, deslocamento da dinâmica econômica, e ociosidade a prédios antigos.

Não apenas as mudanças econômicas transformaram o antigo espaço industrial bauruense, também a mudança do modo de pensar a organização do espaço foi responsável pelo deslocamento industrial na cidade.

As teorias e estudos tradicionais para a localização industrial levavam em conta o transporte, a mão-de-obra, a obtenção da matéria-prima e o mercado consumidor como fatores primordiais para a instalação das plantas industriais. Porém, com o desenvolvimento dos estudos, outros fatores tiveram que ser considerados para a localização do setor secundário.

A partir da década de 1960, os centros urbanos começaram a enfrentar problemas decorrentes do intenso crescimento demográfico, aumento do tráfego no transporte urbano, e o gradativo problema ambiental. Esses fatores levaram a uma

remodelação das teorias locacionais. Novas preocupações foram incorporadas à Geografia Econômica e Industrial.

As metrópoles passaram a possuir “deseconomias” que produziam repulsão para muitos tipos de indústria. O alto custo da mão-de-obra, os problemas com o escoamento das mercadorias, e o elevado gasto com instalações serviram para inibir novos investimentos nas metrópoles e determinar a transferência para áreas mais propícias, distritos industriais, e também buscar cidades no entorno com custos mais atraentes (OLIVEIRA, 1976).

O fenômeno foi apresentado por muitos estudiosos estrangeiros, Benko, Storper, Becattini, Sobel, Scott (BENKO, 1994). Este fenômeno também foi notado na cidade de São Paulo, sendo os estudos mais pertinentes os de Cano, Negri e Diniz. A desconcentração industrial de São Paulo seguiu os grandes eixos rodoviários, alcançando as cidades de Campinas, Sorocaba, São José dos Campos e a Baixada Santista.

O município de Bauru não foi beneficiado por esta desconcentração ocorrida a partir da década de 1970, pois a proximidade de São Paulo, que mantinha o gerenciamento, ainda era um ponto de grande importância para as indústrias que se deslocavam.

Mesmo estando relativamente distante da capital, Bauru sofreu com a falta de espaço para as indústrias já instaladas, e para as novas empresas. O centro tornou-se um empecilho para o crescimento do setor secundário bauruense. Outra preocupação eram os problemas que muitas indústrias traziam para a população, entre eles estão: a poluição sonora, resíduos sólidos e líquidos, e transtornos no tráfego.

A primeira medida para mudar a realidade foi a instituição de um distrito industrial na cidade, no ano de 1963. O prefeito Irineu de Bastos assinou a lei que criou uma área especializada para receber as empresas que almejavam sair do centro, e também uma área que pudesse receber novos investimentos (BASTOS, 2002).

A escolha da localização foi a proximidade com a rodovia, e a margem da principal avenida da cidade, a Av. Rodrigues Alves.

O novo espaço industrial serviu para atrair novas indústrias, e possibilitou o desenvolvimento de indústrias já instaladas em Bauru. Coube à Ajax, fábrica de baterias automotivas, inaugurar o distrito industrial. A partir do final da década de 1960, outras indústrias se instalaram no local, demandando posteriormente a criação do Distrito Industrial II. Esse novo espaço foi construído na rodovia Com. João Ribeiro de Barros,

sendo sua localização uma continuidade da Av. Rodrigues Alves; obedeceu, portanto, à mesma lógica de localização, proximidade da rodovia e ferrovia, do Distrito Industrial I (mapa 5).

Ao lado do Distrito Industrial I, o Parque Paulista se apresentou como receptor de micro, pequenas e médias indústrias, sendo muitas dessas empresas subcontratadas pelas empresas do Distrito Industrial I. Os proprietários destes terrenos, que no plano diretor da cidade se destinam para residências, construíram galpões para alugar as pequenas empresas. Os serviços prestados estão relacionados à usinagem, torno, sacolas plásticas e metalurgia em geral.

Nos anos 2000, entrou em operação o Distrito Industrial III, instalado, também, na rodovia Com. João Ribeiro de Barros; entretanto, a nova área está localizada na zona oeste da cidade, na saída de Bauru em direção à cidade de Marília (mapa 5).

Na localização antiga no espaço bauruense, o centro da cidade ainda contém alguns estabelecimentos, sendo que o mais marcante é o da TILIBRA que, desde a década de 1960, mantém suas instalações no mesmo espaço. A antiga localização foi preservada, pois, galpões ainda comportam a produção, e o acesso para funcionários, cerca de 1000 colaboradores, é fácil. A partir de 2004, um centro de distribuição foi construído, no final da Av. Rodrigues Alves, para o escoamento da produção.

garante que qualquer impacto ambiental será minimizado pela instalação de filtros, e também salienta que os novos processos reduziram a utilização de fornos.

Bauru passou por grandes modificações de seu espaço industrial dentro de sua evolução industrial; espaços e construções das antigas fábricas, que marcaram alguns momentos históricos, não foram preservados, muito menos passaram por refuncionalizações, revitalizações, ou troca de atividade. Prédios que receberam importantes indústrias foram destruídos com o tempo, caso da fábrica Matarazzo S/A, e do refrigerante Crush na Praça Portugal, zona sul de Bauru. A planta industrial da Anderson Clayton foi desativada e destruída, para abrigar o condomínio Vila Inglesa. Na área em que esteve instalada a Antártica, na Vila Antártica, até hoje o espaço está desocupado e ocioso.

A discussão sobre a evolução e o desenvolvimento da indústria de Bauru não pode ser esquecida. O espaço deve fazer parte do entendimento e planejamento da atividade de transformação. Problemas parecidos com os de grandes cidades industriais foram detectados em Bauru. No espaço bauruense ficaram evidenciadas a saturação do centro urbano, as dificuldades no trânsito, os problemas ambientais, além da restrição da área reservada à atividade, o que inibiu a expansão das empresas, pois as áreas residenciais tomaram posse das proximidades do centro.

Com a política de criação dos distritos industriais, iniciada com precocidade em Bauru, o planejamento da economia ganhou organização e objetivos, porém, problemas de ordem política, administrativa e econômica ocorreram para fragilizar o desenvolvimento industrial da cidade. Mesmo tendo as áreas destinadas para as empresas, os distritos padecem de falta de infra-estrutura (asfalto, transporte coletivo e esgoto nos Distritos II e III), e de definição jurídica dos lotes (Distrito III). Mas a grande reclamação, detectada em entrevistas com empresários da cidade, é a alta burocracia para adquirir lotes, e a exigência severa quanto ao tempo para o processo de construção dos galpões, dificultada pelo alto custo de financiamento para os projetos.

Preterindo as dificuldades de se instalar nos distritos, os empresários escolhem regiões contíguas, ou áreas de menor custo, porém essa alocação em outras regiões pode, no futuro, trazer problemas ambientais, jurídicos e logísticos, no espaço de Bauru.

6.2 Atores Institucionais e Políticas Públicas

Dentre os atores de maior influência no cenário econômico dos municípios podem-se citar as empresas, as instituições educacionais e, especialmente os representantes públicos, como prefeituras e as câmaras dos vereadores. Qualquer atuação e relação dos atores em um país, estado e município, deve, necessariamente, ser coordenada e harmoniosa, pois, na nova economia internacional, o desacordo desses atores deixará o local fragilizado na competição global.

Além da fortíssima influência dos poderes executivos, federal, estadual e municipal, outras instituições coordenam a criação, andamento, o fortalecimento e a indução dos setores econômicos de cada país, estado e município. Essas instituições podem auxiliar no desenvolvimento industrial de uma cidade. Em Bauru, as principais instituições estudadas, e que são citadas nos formulários respondidos pelas empresas, são a prefeitura municipal, a câmara dos vereadores, o Ciesp, a Fiesp, e o Cadem (Conselho de Apoio ao Desenvolvimento Municipal) e as escolas técnicas.

Pelos formulários respondidos, podem-se detectar algumas relações existentes entre as empresas e os atores mais importantes do município. De maneira geral, não foi detectada nenhuma grande relação, política ou tendência que pudesse alinhar as empresas industriais, ou que apresentasse o município como um arranjo produtivo local ou um cluster. Os setores de baterias, plásticos e doces necessitam de maior articulação para fortalecerem suas redes produtivas. Não há um cluster específico; mas há, nos setores de baterias e máquinas para produtos plásticos, pequenas redes de indústrias produtivamente vinculadas.

As avaliações quanto à atuação dos atores municipais no funcionamento dessas empresas aparecem meio dúbias, pois algumas, especialmente as menores, deixaram sem responder a pergunta sobre quais seriam as influências dos atores na atividade da empresa. Mesmo as empresas de maior porte não responderam com objetividade, oferecendo pouca especificação dos agentes de influência. Isto, em linhas gerais, indica a falta de rumo e de harmonia na relação entre os atores públicos, instituições e empresas.

O dado que mais chama a atenção é quanto à qualificação da mão-de-obra oferecida na cidade. As respostas, em geral, orbitam, paradoxalmente, entre a falta de preparo da mão-de-obra e a disponibilidade de trabalhadores qualificados. Porém, em análise geral, pela variedade de ramos industriais, pode-se notar que para algumas

empresas a mão-de-obra requerida é suficiente, mas em outros ramos a situação é precária.

No formulário foi perguntado sobre a influência do poder público, e a maioria das respostas, cerca de 95% delas, indicavam a ausência do poder público, a burocracia e a falta de planejamento para a indústria. Esse é um dado alarmante recolhido, pois se verifica um desligamento entre o poder executivo e as empresas. Todas as grandes e médias empresas declararam que o poder executivo municipal é moroso, burocrata e não possui um projeto industrial para a cidade.

A presença de sede regional do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo – CIESP, em Bauru, foi relatada em 60% dos questionários, pois essa entidade representa diretamente os interesses das empresas, e muitas delas, 40%, participam e fazem parte do quadro de associados do CIESP.

Nos últimos anos, foram feitas algumas propostas pelo governo municipal para o desenvolvimento econômico da cidade, algumas relacionadas diretamente ao setor secundário; porém, através dos questionários/formulários, não foi detectada nenhuma mudança nos últimos três anos, referente a políticas públicas voltadas especialmente para as indústrias da cidade.

Atualmente, os responsáveis pelo planejamento da prefeitura municipal estão reforçando ideias já vindas do governo passado. No ano de 2008, o Plano Diretor foi alterado com ampla participação de vários setores da sociedade; nesta alteração, constou a ampliação dos distritos existentes e a criação de novas áreas industriais, sendo a maior modificação a criação das Zonas de indústrias, comércio e serviços, ocupando essas áreas terrenos marginais às rodovias que passam pelo município.

Para melhor coordenação e planejamento da cidade, em 2008 foi criado o Conselho de Apoio ao Desenvolvimento Municipal – Cadem. Este conselho é formado pelas Secretarias de planejamento, desenvolvimento, meio ambiente, finanças e membros da câmara dos vereadores; também integram o conselho ONGs relacionadas ao desenvolvimento e meio ambiente, a câmara dos lojistas e a diretoria do CIESP. O conselho tem por objetivo principal direcionar as políticas do governo e, principalmente, dar voz aos atores envolvidos, deixando as decisões políticas com um caráter mais participativo.

Poder Municipal

A partir de janeiro de 2009, o prefeito Rodrigo Agostinho tomou posse para um mandato de quatro anos, substituindo Tuga Angerami, que já havia sido prefeito de Bauru nos anos 1990. Na administração Angerami, (na qual o trabalho teve seu maior tempo de desenvolvimento), a secretaria mais relacionada à indústria era a Secretaria de Desenvolvimento, coordenada por Wallace Sampaio.

A principal função desta, nas palavras de Wallace Sampaio, é fazer contato com empresas e projetos de fora do município e estimulá-los para investirem em Bauru, A secretaria reforça, também, o compromisso das empresas já instaladas para o seu fortalecimento e expansão.

Sampaio salientou que o governo de Tuga Angerami herdou uma situação extremamente ruim nas contas públicas, deste modo, desde 2006 a Prefeitura Municipal teve o trabalho de “operacionalizar” e “consertar” as finanças da cidade. O secretário salientou que, sem as finanças em ordem, dificilmente o município poderia receber verbas vindas do governo estadual ou federal. Assim, a prefeitura pouco poderia fazer para iniciar novos projetos, ou conceder uma situação mais favorável para as indústrias já instaladas.

Na entrevista, realizada em dezembro de 2007, Sampaio informou que os planos para a indústria de Bauru, feitos pela prefeitura, eram primeiramente fortalecer as indústrias existentes na cidade, posteriormente pensar a aplicabilidade de novos planos. Estes consistiam em dar uma melhor infraestrutura para os distritos, especialmente os distritos II e III. Outro objetivo relacionado pelo secretário era o de instalar mini-distritos industriais, semelhante à política feita pela prefeitura de São José do Rio Preto. Esses mini-distritos buscam criar, em alguns bairros, empresas que possam oferecer empregos próximos à área residencial das pessoas.

Informou-se, ainda, que as cotas do IPTU e do ISS, impostos diretamente cobrados pela prefeitura, já estavam muito baixas, não dando mais margem de manobra para a prefeitura atuar na isenção fiscal.

Como constatado pelos formulários aplicados nas empresas, contudo, os problemas existentes e relatados pelos empresários continuaram a existir. Nas análises da imprensa, nos diários oficiais e nos formulários, mudanças efetivas para melhorar o setor secundário da cidade passaram quase despercebidas. A maioria das empresas do Distrito Industrial II foi enfática em relatar a grande carência de infraestrutura existente

no distrito, assim muito pouco do objetivo da Secretaria de Planejamento do governo passado foi realizado.

No governo empossado em 2009, duas secretarias se dizem responsáveis por políticas pró – indústria, segundo informações contidas no site da Prefeitura Municipal, a Secretaria de Planejamento e a Secretaria de Políticas Públicas.

A Secretaria de Desenvolvimento tem por objetivo “iniciar os contatos com interessados em instalar-se no município e empresas já instaladas estimulando o desenvolvimento e geração de empregos com confiança no poder público” (Site Oficial da Prefeitura Municipal).

A Secretaria de Planejamento tem por principal objetivo “coordenar as ações do Poder Executivo visando um crescimento equilibrado e harmonioso da cidade, dentro das possibilidades do município”(Site Oficial da Prefeitura Municipal).

Em artigos editados no Jornal da Cidade de Bauru, no início deste ano, pode - se verificar algumas diretrizes que os novos secretários irão tomar quanto ao destino econômico da cidade (por motivos de calendário e adaptação ao novo governo, não foi possível agendar entrevistas com os novos secretários).

Na entrevista concedida ao JC, o secretário de desenvolvimento econômico ressaltou a criação das ZICS, Zonas de Indústria, Comércio e Serviços, zonas que já foram delimitadas pelo plano diretor participativo, reformulado em 2008. Elas estão projetadas para ficar à margem das principais rodovias que atravessam a cidade.

As zonas foram criadas pelo Plano Diretor do município, revisado em 2008, onde ficou estabelecido a instalação de indústrias, comércios e serviços nas Zics localizadas em uma faixa de 500 metros ao longo das rodovias que cortam Bauru, excetuando-se nas áreas de expansão urbanas residenciais, condicionadas a aprovação do plano de parcelamento do solo (desmembramento ou loteamento), que irá verificar as condições de acesso, abastecimento de água, disposição dos resíduos e projetos de terraplanagem (JC, 18/04/2009).

A localização dessas novas áreas tem a intenção de dar maior mobilidade para as empresas que nelas queriam se instalar e, assim, preparar o crescimento da cidade, afim de evitar gargalos no futuro. “Vamos analisar o que cada uma tem para oferecer e preparar essas áreas para o desenvolvimento econômico, já pensando no crescimento do município daqui a alguns anos.” (JC, 18/04/2009).

As rodovias terão papel importantíssimo no processo de instalação das ZICS, pois elas servirão para dar mobilidade às empresas e também para criar, em suas

margens, desenvolvimento para os bairros mais afastados da cidade. Os trechos rodoviários escolhidos são: a margem das rodovias Bauru/Marília, Bauru/Iacanga, Bauru/Lins, Marechal Rondon próximo do Aeroclube, Bauru/Ipaussu, Bauru/Agudos, uma área no Distrito Industrial I, e outra no Distrito Industrial II.

As rodovias localizadas na zona norte da cidade terão maior acompanhamento, pois a rodovia Bauru/Iacanga é o corredor entre a cidade e o novo aeroporto, sendo esta área destinada a empresas de logística e para as indústrias (cabe ressaltar que o aeroporto Moussa Tobias está sendo equipado para ser um aeroporto de cargas). As rodovias localizadas na zona sul da cidade, especialmente Bauru/Ipaussu e Bauru/Agudos, serão destinadas para empreendimentos comerciais.

Quando o projeto de lei for aprovado pela Câmara de Bauru, serão cerca de 30 milhões de metros quadrados para implantação pelo setor privado de empreendimentos industriais, comerciais ou de serviços, contando inclusive com incentivo fiscal. Estamos estruturando o crescimento da cidade. Quando alguma empresa quiser se instalar na cidade, poderemos cruzar a demanda do empreendimento com o perfil da Zic, e indicar a melhor área para a instalação. (MONDELLI, JC 18/04/2009)

Outros projetos informados foram os dos mini-distritos industriais e o de um novo distrito em lotes urbanizados. Como já foi relatado, o governo municipal passado já tinha a ideia de implantá-lo em Bauru. Os mini-distritos servem para deixar os trabalhadores mais próximos aos locais de trabalho e, conseqüentemente, reduzir os gastos com transportes e dinamizar os bairros que receberão esse planejamento.

Os mini-distritos em Bauru irão ser instalados em áreas de lotes vazios em vários bairros, como informou o JC:

Outro ponto já previsto no plano e que aguarda regulamentação, é a implantação de minidistritos para ocupar vazios urbanos nas regiões do Jardim Guadalajara, Jardim Pagani, Jardim Redentor, Núcleo Fortunato Rocha Lima e parte dos Lotes Urbanizados totalizando 70 mil metros quadrados de área pública a serem destinados à micro e pequenas empresas. (JC, 18/04/2009)

Já o novo Distrito Industrial IV deverá ser implantado em lotes urbanizados, pois em alguns bairros, a Prefeitura Municipal tem a posse desses terrenos e eles já estão regulamentados e infraestruturados. “Pelo Plano Diretor, está prevista a criação de um novo distrito industrial na área denominada Lotes Urbanizados, de propriedade da Prefeitura, onde 1 milhão de metros quadrados poderão ser disponibilizados no futuro

para atração de novos projetos industriais.”(JC, 18/04/09)

A opção da Secretaria de Desenvolvimento para a disponibilidade do distrito industrial IV é a venda. Desde quando foram criados os distritos, a transferência dos lotes era feita por doação, porém, a burocracia é enorme; deste modo, a Prefeitura de Bauru irá mandar um projeto de lei para a Câmara de vereadores, para que os lotes do distrito IV possam ser vendidos, ao invés de doados.

A venda desses novos lotes do distrito IV é apoiada pelo CIESP, pois, segundo a diretoria da entidade pode-se evitar a burocracia da venda e da posse do terreno. O diretor do CIESP afirma que o distrito deve ser viabilizado, pois cerca de 14 empresas estão dispostas a comprar os terrenos do governo municipal (O JC destaca que essa medida também foi tomada pela prefeitura de São José do Rio Preto).

Os lotes para o Distrito IV estão localizados principalmente ao lado do bairro Mary Dota, segundo informações do JC:

O Distrito Industrial 4 (DI 4) de Bauru será mesmo instalado na área que compunha o antigo programa de lotes urbanizados, vizinha ao Núcleo Habitacional Mary Dota, na zona leste de Bauru. A questão agora é saber o percentual da região urbanizada que acolherá as novas indústrias. O trecho com alguma infraestrutura soma 380 mil metros quadrados. O restante, de um total de um milhão de metros quadrados, ainda não recebeu qualquer benefício.(JC,18/04/2009).

Os Distritos Industriais, diferentemente dos Distritos Marshallianos, foram organizados para receber e atrair empresas que procurassem áreas para otimizar sua produção. Ribeiro (1982, p. 436) destaca como razões para a instalação dos distritos industriais: tráfego e flexibilidade dos transportes; alto custo dos terrenos no centro da cidade; a necessidade de espaços amplos; indução governamental tributária; fatores ambientais (gases, efluentes, resíduos sólidos e barulho); e a melhor organização e gerenciamento do espaço.

O interesse por estas áreas é notável, pois a atividade industrial é de grande relevância para os aspectos econômicos, sociais e urbanos de um município. Nessas áreas, as possibilidades de resolução de problemas ambientais, de atração das empresas e de diminuição dos custos na produção podem ser ampliadas e melhor viabilizadas.

Oliveira (1976, p.25) traçou alguns aspectos gerais dos distritos industriais, e demonstrou que, para os países desenvolvidos, os distritos foram mais uma solução para a aglomeração existente nos centros das grandes cidades, porém, para os países subdesenvolvidos, os distritos industriais serviram de atração para novos investimentos.

Também na linha de esclarecimentos e discussões sobre os distritos industriais, Ferrari (1986) demonstrou a importância destas áreas para o planejamento urbano, discorrendo sobre a importância dos distritos para a cidade, e mostrando como esses espaços se classificam para a recepção das plantas industriais.

As dificuldades das cidades brasileiras para o planejamento urbano e industrial são inúmeras, e fogem do controle estatal. O crescimento desordenado de bairros ao redor de plantas industriais tornou-se um fator preocupante e de sensível prejuízo para a salubridade e justiça social das cidades, aspectos agravados, ainda, pelo aparecimento do processo de favelização no entorno dessas áreas de direcionamento econômico.

Com o intuito de racionalizar o espaço e o crescimento urbano, os distritos industriais servem como política de racionalização espacial, proteção ambiental e atração econômica (OLIVEIRA, 1976).

A conceituação dos distritos industriais é tema de muitos debates e discussões, porém, há concordância em que os distritos são áreas que contêm uma aglomeração industrial, que podem estar apenas projetadas e legalizadas, ou áreas que já possuem uma aglomeração espontânea de atividade transformadora (CDHU, 2008).

Oliveira (1994) utilizou dados da antiga Companhia de Desenvolvimento de São Paulo, CODESPAULO, atual Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, CDHU, para pautar a conceituação dos distritos industriais.

O documento da CODESPAULO indica que os distritos industriais procuram atender às seguintes características: 1º. Atender as legislações trabalhistas para o amparo do trabalhador (creches, restaurantes e assistência médica) que, por estarem juntas, diminuem os custos para as pequenas e médias empresas. 2º. Criar condições competitivas para as empresas, colocando-as em uma aglomeração para melhorar a pesquisa, transporte, mão-de-obra e compra dos insumos. 3º. Instalação de equipamentos coletivos. 4º. Construção de galpões, para a instalação rápida e imediata de empresas. 5º. Instalação de infra-estrutura para o barateamento dos custos e tratamento dos detritos poluidores.

Oliveira (1994) destaca as seguintes conceituações para áreas industriais:

- Área Industrial – oferece lotes de boa qualidade para a instalação de empresas, mas não possui um plano eficaz de atração industrial.
- Zona Industrial – área de exclusivo uso industrial, porém nenhuma benfeitoria foi realizada. A Zona Industrial pode conter áreas e distritos industriais.

- Parque Industrial – determinada região onde existe um conjunto de empresas, que não formaram a aglomeração de modo planejado.
- Núcleo Industrial – concentração industrial em uma pequena área urbana, gerando serviços para a comunidade do entorno.
- Centro Industrial – área bem definida por políticas de planejamento e de atração industrial. O Centro Industrial pode conter vários distritos industriais.
- Complexo Industrial – espaço no qual se realiza interação industrial, com profunda dependência de colaboração e intercâmbio de insumos.
- Cidade Industrial – caráter histórico e de tradição industrial de uma aglomeração urbana.

Para Oliveira (1976): “Distrito Industrial é uma área industrial onde o planejador promove a implantação de uma infra-estrutura necessária à indução de um processo de desenvolvimento industrial. Portanto, além de oferecer lotes de boa qualidade, deve oferecer uma série de facilidades e serviços aos seus ocupantes”. (OLIVEIRA, 1976, p. 24)

Para a CODESPAULO, os distritos poderiam ser separados em cinco tipos de aglomerações; 1º. Distritos de Relocalização, quando há necessidade de transferência por razão de saturação urbana. 2º. Distritos Industriais Mistos, com novos investimentos para aproveitar a potencialidade da região. 3º Distritos Industriais para Indústrias Poluentes, criados para a preservação do meio ambiente. 4º. Distritos Industriais Monoestruturados, que reúnem indústrias do mesmo ramo, fortemente dependentes. 5º. Distritos Industriais Integrados, que se caracterizam pela complementaridade, ou pelo fornecimento de componentes para outras indústrias, localizadas no distrito industrial (OLIVEIRA, 1994).

A implantação dos distritos não só depende das áreas instituídas pelos municípios, mas também necessita da existência de fatores de produção, mercado consumidor, vantagens da infra-estrutura geral, e de preparação de mão-de-obra.

Em vários países do mundo desenvolvido, as experiências dos distritos abundam. Na Inglaterra, Manchester cria a sua área específica industrial em 1896, para descongestionar o espaço londrino. Após a 2º Grande Guerra (1939 – 1945), os ingleses criam as “News-Towns”, distritos industriais no interior do país, para diminuir a aglomeração das grandes cidades (FERRARI, 1986, p. 401).

Também nos EUA, França e Itália, os distritos se avolumam e tornam-se tendência. Nos últimos anos, os distritos ganham novas características, pois agregam as inovações vindas com a evolução da tecnologia e transportes, para incrementar a produção e trazer maior força na competitividade internacional.

Atualmente, existem distritos de todos os ramos da indústria e, como já foi mencionado anteriormente, esses novos distritos aglutinam certos aspectos com o intuito de buscar mercados internacionais, e se defender da enorme e opressiva concorrência dos novos mercados abertos pela globalização.

No Brasil, o primeiro estado a se preocupar com a formação de áreas específicas para a indústria foi Minas Gerais. Os municípios de Contagem e Betim, no entorno de Belo Horizonte, tiveram legislação específica na década de 1940. Justamente por Belo Horizonte ser uma cidade planejada, existiu a necessidade de gerenciar o espaço para o recebimento de plantas industriais em áreas adequadas, para sua área metropolitana em expansão.

Para o Estado de São Paulo, a criação dos distritos industriais foi uma necessidade, inclusive para a atração de novos investimentos, principalmente no interior do estado. A desconcentração da Região Metropolitana de São Paulo induziu a formação de áreas específicas, nos municípios que recebiam as plantas transferidas.

Os governantes das cidades receptoras procuraram, também, realizar políticas de atração de novas indústrias, oferecendo subsídios, infra-estrutura e facilidades para a instalação nas áreas preparadas.

CIESP

O Centro das Indústrias do Estado de São Paulo – CIESP, fundado em 1928, possui 42 unidades por todo o Estado de São Paulo. Em Bauru, a sede regional foi inaugurada em 1949, e comanda uma região de 17 municípios, sendo eles; Agudos, Arealva, Avaí, Balbinos, Bauru, Borebi, Cafelândia, Guarantã, Iacanga, Macatuba, Pederneiras, Pirajuí, Piratininga, Pongá, Presidente Alves, Reginópolis e Uru.

O organismo é uma entidade de classe de caráter civil e privado que, além de estabelecer perfeita sintonia com as necessidades e a evolução do parque produtivo paulista, funciona como o termômetro das aspirações econômico-sociais do país e, ainda, reúne e dá suporte ao empresariado.

O CIESP agrega as empresas dos mais variados ramos industriais, promovendo serviços, debates, estudos e políticas para o desenvolvimento do setor secundário paulista. Em seu site, o organismo informa que sua missão é:

- Congregar, com espírito e objetivos associativos permanentes, todas as empresas e entidades pertencentes a nossa regional. Promover o estudo de problemas que interessem as classes produtoras, notadamente a indústria.
- Fomentar o intercâmbio entre indústrias e associações representativas, buscando a divulgação de conhecimentos úteis a compreensão de sua missão à sociedade.
- Cooperar com os poderes públicos no estudo e soluções de problemas que se relacionem com a indústria.
- Organizar e oferecer aos nossos associados, serviços e assessoria, disponíveis na casa bem como entidades oficiais ou particulares que exerçam atividades de interesse da indústria.

Em evento no início de março de 2009, o CIESP – Bauru se reuniu com o novo prefeito da cidade, Rodrigo Agostinho. Nesta reunião, o organismo entregou uma cartilha na qual indicava as pretensões e alguns conselhos para o recém empossado prefeito. Entre os principais pontos, conselhos e petições foram dirigidos ao prefeito: melhoria dos distritos industriais já feitos; instalação do Distrito Industrial IV, com uma nova forma de aquisição dos terrenos; organização dos mini-distritos industriais; maior quantidade de creches; espaço para inaugurar o memorial da indústria de Bauru, e a resolução da transformação do aeroporto Moussa Tobias em aeroporto de carga privado, ou a sua federalização pela Infraero.

Escolas de Ensino Técnico

Desde que as escolas de ensino técnico têm desempenhado importante papel institucional de formação de mão de obra em Bauru, elas formam um dos fatores institucionais mais importantes, cabe afora fazer algumas considerações a respeito.

O Ensino Técnico tem por grande objetivo transmitir conhecimento e técnica de maneira rápida e qualificada. Todo conhecimento transmitido por instituições voltadas a esta prática necessita de um constante caminho ligando a transmissão e formação de conhecimento com a prática das empresas. Também conhecido como ensino

profissionalizante, o ensino técnico é colocado na fase intermediária do ensino básico e da educação superior.

A Revolução Industrial trouxe um novo modo de produzir e evoluir tecnicamente. A mão-de-obra teve que ser rapidamente lapidada e moldada pelos detentores dos meios de produção.

Durante muito tempo, toda a preparação dos trabalhadores para essa nova fase de produção foi realizada nas próprias fábricas. A aprendizagem informal era a maior responsável pela evolução técnica e profissional dos trabalhadores e da própria produção.

Todo esse processo informal trazia problemas para os donos dos meios de produção, assim como para os empregados. A evolução da empresa ficava comprometida, pois o setor produtivo apresentava problemas de baixa qualificação e demora na preparação dos empregados. O problema maior para os empregados era a inadequação da aprendizagem no chão das fábricas, relacionada com o nascente estudo formal na grade curricular dos países líderes da Revolução Industrial. Assim, o que ele aprendia na fábrica não valia nada para o prosseguimento de seus estudos.

A escola formal foi criada para preparar as novas gerações e os trabalhadores das fábricas nascentes. A partir deste momento, modelos foram propostos para a educação Técnica ou Profissional. A fonte da técnica poderia vir de escolas mantidas pelo governo, escolas patrocinadas pelas próprias empresas, ou uma participação conjunta entre estado e iniciativa privada, sendo esta última a mais disseminada pela Europa.

Com a evolução industrial, o ensino das tecnologias produtivas do setor secundário foi transferido para estabelecimentos públicos ou escolas mantidas pelas indústrias.

Muitos países ofereceram cursos técnicos para seus trabalhadores e fizeram do ensino técnico umas das alavancas do crescimento industrial, no século passado. Os exemplos de Japão e Coréia do Sul são marcantes e dignos de observação. Escolas foram criadas dentro das próprias aglomerações industriais, fazendo do chão da fábrica e da linha de montagem as propagadoras de ensino e de ciência.

As inovações promovidas pelo Japão na linha de montagem, como o “Toyotismo”, estão diretamente relacionadas com todo o conhecimento adquirido pelos funcionários dentro das fábricas. Todo saber técnico feito de maneira formal nas escolas

das empresas nipônicas depois foi aperfeiçoado no trabalho direto na linha de montagem.

Nas palavras do pesquisador de história do ensino técnico, Luiz Antonio Cunha, é salientada a importância da evolução técnica nas escolas profissionalizantes japonesas:

Para isso, a experiência japonesa tem sido incorporada por alguns países, de modo a privilegiar a capacitação feita nas próprias empresas, e de acordo com um sistema de rotação de trabalho. Mesmo quando as instituições de educação técnico-profissional mantêm sua forma escolarizada, a inserção prévia na produção tem sido enfatizada mediante a implantação de instalações piloto que servem também, a outros propósitos, como também a pesquisa tecnológica. (CUNHA, 2005).

A qualificação da mão-de-obra trouxe a esses países uma massa de trabalhadores preparados para operacionalizar indústrias que estavam concorrendo acirradamente no mercado internacional dos anos 1970, 1980 e 1990.

Grande parte da rápida transição do mundo rural para a economia industrial nos Tigres Asiáticos ou NICs, está baseada no investimento nas escolas de rápida profissionalização técnica. Em seu artigo sobre a *Formação profissional e reforma do ensino técnico no Brasil: Anos 90*, o professor Celso João Ferreti observa a importância da qualificação para os Tigres Asiáticos: “Nos países recém-industrializados (New Industrialized Countries – NICs), por seu turno, a ênfase é posta no aumento do nível de conhecimento da força de trabalho como um todo de modo a facilitar a transição de uma economia de mão-de-obra intensiva a outra, fortemente apoiada na inovação tecnológica.”

No Brasil, o sistema de ensino técnico passou por inúmeras transformações em sua grade curricular, e em seu atrelamento ao Ministério da Educação, Ministério do Trabalho e Ministério da Ciência e Tecnologia. Como nota de observação, é sempre bom lembrar que os nossos engenhos de cana-de-açúcar e as áreas de mineração no interior do país, desde a época da colonização, foram centros de formação técnica informais, além do trabalho realizado pelos escravos negros na área da fundição e no setor agrário.

Foi no Governo de Getúlio Vargas que o Ensino Técnico foi instituído de maneira formal. O sistema dualista, ou seja, separação entre o Ensino Básico e Técnico, com forte influência fascista, foi instituído nos anos 40. Mas, com o tempo, a falta de equivalência entre os dois sistemas gerou graves problemas para os concluintes do ensino técnico, pois eles não poderiam almejar a entrada direta ao ensino superior.

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional iniciou um processo de equivalência dos dois ensinos, este processo terminou em 1964, quando todos egressos do ensino técnico poderiam pleitear e concorrer às vagas do ensino superior. A grande modificação ocorreu na grade curricular do ensino profissionalizante, que teve a obrigatoriedade de incorporar matérias do ensino médio.

Com toda a expansão econômica ocorrida no “Milagre Econômico” (1968-73) no período Militar, o Ministério da Educação alterou a Lei para todo o ensino intermediário que, nas palavras de Cunha, significa: “Compreende os processos e instituições educacionais situados entre a educação obrigatória e a educação superior, universitária ou não. É justamente na educação intermediária que se encontra, atualmente, a mais intensa segmentação dos sistemas educacionais, o que no passado, prevalecia também no âmbito do ensino primário.”

O MEC, em 1971, fez a maior mudança já vista no ensino. O ministério fundiu as duas modalidades do ensino intermediário e criou o ensino profissionalizante universal. Com este ato, todo cursando do ensino intermediário, depois de completado seu curso, estaria regulamentado para exercer alguma atividade profissional.

Muitos foram os problemas enfrentados por essa nova legislação, a começar pela desaceleração da economia nacional que não absorvia todos os técnicos formados. A falta de recursos das escolas estaduais, federais e, principalmente, privadas para garantir a boa formação técnica, foi um grande entrave à efetivação do plano.

As instituições privadas realizaram fortes manifestações contra o sistema universal, pois muitas escolas queriam explorar apenas a formação propedêutica, voltada para a preparação para o ensino superior.

A posterior resolução aconteceu em 1982, neste ano o MEC permitiu a escolha, por parte das instituições, de qual tipo de ensino intermediário a escola seguiria.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 definiu as características do Ensino Médio e Técnico que estão em vigor até hoje. As mudanças são assim expressas por Luiz Antônio Cunha:

As mudanças de 1996 trouxeram uma concepção marcadamente profissionalizante do ensino médio, cujas finalidades incluem a preparação para o trabalho de cada aluno, para que ele seja capaz de se adaptar com flexibilidade as novas condições de ocupação ou aperfeiçoamentos posteriores. O ensino médio é apresentado na lei, também, como tendo a finalidade de propiciar a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos. No mesmo sentido, a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 determina que os conteúdos e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que, ao final do ensino médio, o educando demonstre domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna. (CUNHA, 2005, p. 45).

Com essas medidas, o Ensino técnico ficou desvinculado do ensino médio. Todas as escolas ficaram livres para exercer e construir sua grade curricular e montar as estratégias para colocar seus alunos no mercado de trabalho. Mas o MEC criou uma regra para conceder o título de técnico para os alunos, que é a obrigatoriedade da conclusão do ensino médio. Assim, o curso técnico pode ser feito concomitante ao curso médio ou posteriormente à conclusão do médio regular, mas nunca antes.

Cabe lembrar a formação dos dois maiores sistemas de educação técnica do país, que são os Cefets e o sistema “S”. O sistema S, em sua parte educacional, é composto pelo SESI, SENAI e SENAC; para nosso estudo, o caso mais representativo é o SENAI, pois está diretamente atrelado à atividade industrial.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial foi criado em 22 de janeiro de 1942, e o decreto assinado pelo então presidente da República, Getúlio Vargas. Era um momento histórico marcante, no qual a indústria brasileira enfrentava as circunstâncias da Segunda Guerra Mundial, que agravava a questão da demanda de mão-de-obra qualificada. O SENAI surgiu como resultado de um longo fluxo de ações e esforços de implantação do ensino industrial do país.

O propósito da criação do SENAI foi sempre qualificar os trabalhadores e os jovens pelo ensino técnico e oferecer para as indústrias, que financiam as atividades do Senai pelos impostos recolhidos, uma mão-de-obra preparada para as inovações e qualidade na produtividade. Sensível às demandas originadas pelo setor industrial, diversificou amplamente suas atividades e, hoje, é uma instituição educacional que atua em diferentes frentes – desde a educação de menores para o trabalho e a formação de técnicos e tecnólogos industriais, até a realização de treinamentos rápidos destinados a adultos. Situado entre o poder público, que o criou e fiscaliza, e as entidades representativas das indústrias, que o administram, o SENAI constitui legalmente uma entidade de direito privado.

Hoje o SENAI atua por todo o Brasil e busca se adequar às realidades produtivas de cada região econômica.

Outro grande centro são os Cefet, Centro Federal de Formação Tecnológica, que estão espalhados por todo país e, dentre todas as gamas de cursos que oferecem, os voltados para indústria tem grande importância.

No Brasil, os Centros Federais de Educação Tecnológica refletem a evolução de um tipo de instituição educacional que, no século XX, acompanhou e ajudou a desenvolver o processo de industrialização do país.

A história desses Centros está, pois, ligada à origem do ensino profissionalizante, que, em termos de abrangência nacional, remonta a 1909, quando o Presidente Nilo Peçanha determinou, por decreto, a criação de Escolas de Aprendizes Artífices nas capitais dos estados, para proporcionar um ensino profissional, primário e gratuito.

Situada na cidade que foi capital da República até 1960, o primeiro CEFET teve essa vocação definida desde 1917, quando, criada a Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Brás pela Prefeitura Municipal do Distrito Federal – origem do atual Centro –, recebeu a incumbência de formar professores, mestres e contramestres para o ensino profissional. Tendo passado à jurisdição do Governo Federal em 1919, ao se reformular, em 1937, a estrutura do então Ministério da Educação, também essa Escola Normal é transformada em liceu destinado ao ensino profissional de todos os ramos e graus, como aconteceu às referidas Escolas de Aprendizes Artífices, que eram mantidas pela União.

Naquele ano de 1937, tinha sido aprovado o plano de construção do liceu profissional que substituiria a Escola Normal de Artes e Ofícios. Antes, porém, que o liceu fosse inaugurado, sua denominação foi mudada, passando a chamar-se Escola Técnica Nacional, consoante o espírito da Lei Orgânica do Ensino Industrial, promulgada em 30 de janeiro de 1942. A essa Escola, instituída pelo Decreto-Lei nº 4.127, de 25 de fevereiro de 1942, que estabeleceu as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial, coube ministrar cursos de 1º ciclo (industriais e de mestria) e de 2º ciclo (técnicos e pedagógicos). Hoje, o CEFET atua no país inteiro, obedecendo a Lei de Diretrizes e Base do ano de 1996.

A partir das grandes mudanças ocorridas no sistema produtivo na escala mundial, o ensino técnico buscou se aperfeiçoar e ainda é um forte fator de transmissão e preparação de conhecimento.

As mudanças no Ensino técnico foram fortemente influenciadas por pressões efetivadas por agências internacionais de estudos e financiamentos. O Banco Mundial BIRD, o Banco Interamericano de Desenvolvimento BID, Comissão Econômica Para América Latina CEPAL e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico OCDE, todos foram unânimes em eleger a Educação Básica e o Ensino Técnico como fundamentos para o desenvolvimento econômico e social.

Estas organizações desenvolveram estudos para a modificação e reestruturação do ensino profissionalizante de todos os países que faziam parte das organizações ou requeriam auxílio monetário e técnico para seus quadros socioeconômicos.

A adequação à Globalização e aos mercados mais estreitos foi à base para as mudanças ocorridas nos anos 90. Mas muitos dos programas impostos aos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento não previam a infinita desigualdade existente em todos os países. Deste modo, até hoje as interferências desses organismos internacionais ocasionam sérios e intermináveis debates.

O Meio Técnico Científico Informacional mencionado e estudado por Milton Santos se encaixa perfeitamente nos novos propósitos e caminhos do Ensino Técnico, não só Mundial, mas também em caráter Nacional.

Todo processo de geração de conhecimento produtivo, nos dias de hoje, está sendo feito pelas empresas e pelos centros técnicos de ensino. Essa junção busca a excelência e as inovações para criar produtos, serviços e tecnologias para competir em um mundo da produção capitalista cada vez menor e mais competitivo.

O Brasil não foge a essa nova regra, a moderna forma de produção está comandando o campo e a zona urbana do país. As empresas brasileiras necessitam adequar-se à abertura imposta pelo sistema econômico e à forte concorrência internacional.

Um das saídas para entrar neste meio altamente veloz e competitivo (serviços, produtos e informações) é a qualificação da mão-de-obra. Não só um trabalhador que possa manipular as modernas máquinas e sistemas produtivos, mas também possa agregar e auxiliar no crescimento da tecnologia.

O Ensino Técnico e as Empresas devem, nesse novo momento da história, estar completamente unidos, pois a produção depende da qualificação e inovação para ser mais ágil e rápida.

O Estado é responsável pela viabilidade desta união. As legislações educacional, trabalhista e científica devem mostrar um sentido para a evolução da produção. Inúmeras medidas podem dinamizar a interação entre o Ensino Técnico e as Empresas.

O grande resultado esperado desta interação é a evolução do trabalho da sociedade e a evolução desta como produtora de ciência e novos sistemas produtivos. As Empresas necessitam demonstrar uma nova imagem de cooperação com a sociedade. O investimento no Ensino Técnico soa como uma grande responsabilidade social, pois não só qualifica a mão-de-obra para si, mas também pode auxiliar e transformar a sociedade pela Educação.

Como visto, a cidade de Bauru foi formada pelo entroncamento ferroviário que transportava a produção de café do oeste paulista. Uma grande infraestrutura foi montada para construir e manter o complexo ferroviário. Foi nesta época, início do século XX, que ocorria a necessidade de operários que soubessem a tecnologia ferroviária.

Deste modo, as maiores empresas da cidade, a rede federal e estadual, necessitavam de mão-de-obra qualificada. Nos anos 40, foi inaugurada a escolinha da Noroeste, com o curso técnico de mecânica. O serviço técnico na ferrovia, além de servir para a manutenção e desenvolvimento das empresas, tinha um papel social extremamente forte. A escolinha da Noroeste foi extremamente importante para a inserção de grande contingente de trabalhadores nas oficinas das redes ferroviárias (Fig. 4).

Nos anos 30 e 50, ainda era muito grande o preconceito contra os trabalhadores negros. Mas nas oficinas e máquinas das redes, eles possuíam acesso ao trabalho formal e desenvolvimento técnico. A escolinha da Noroeste teve papel importantíssimo para inserir famílias negras nos quadros de empregos formais da ferrovia bauruense.



Fig. 4. Fachada da antiga escolinha da Noroeste em Bauru

Fonte : TOLEDO, 2007a

A escola técnica da Noroeste teve seu fim com a privatização das redes ferroviárias públicas. Hoje o prédio serve como centro comunitário da prefeitura de Bauru. As máquinas de ensino e do laboratório ainda estão no galpão de desenvolvimento e aprendizagem técnica, e toda a infra-estrutura está sendo ou foi sucateada pelo abandono e atos depredatórios.

A cidade cresceu apoiada pela ferrovia. Nos anos 60 e 70 do século passado, muitos departamentos regionais públicos foram montados na cidade, entre eles estão Banco do Brasil, Correios, Telesp, Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) e o mais expressivo de todos foi a administração e a subestação da Companhia Energética Paulista (Cesp).

A Cesp montou em Bauru a subestação de distribuição para todo centro do estado, a qual é uma importante subestação da energia vinda do sul do país para todo sudeste. A Cesp possuía laboratórios de mecânica e eletrônica em suas instalações, é desse período a criação do Colégio Técnico Industrial – Estadual (1967). No CTI foram criados os cursos de mecânica e eletrônica. O Colégio Técnico Industrial é uma das três unidades de ensino médio e profissionalizante da Universidade Estadual Paulista (Fig. 5). Criado no dia 7 de abril de 1967, o Colégio foi a primeira unidade da Unesp no câmpus de Bauru.



Fig. 5. Fachada do Colégio Técnico Industrial da Unesp – Bauru

Fonte: TOLEDO, 2007b

Muitos alunos foram ensinados nos laboratórios da Cesp e CTI, e inovações para a produção e transmissão de energia hidrelétrica foram feitas conjuntamente entre empresa e Ensino Técnico.

Com a importância regional aumentando, o comércio cresceu e muitas indústrias foram montadas na cidade. Principalmente os setores gráfico e alimentício utilizaram intensivamente a mão-de-obra formada nas escolas técnicas bauruenses.

Nos anos 70, o SENAI inaugura sua sede em Bauru, com os cursos de mecânica para autos, tornearia, eletrônica e artes gráficas. O SENAI, juntamente com o SESI, tem um papel fundamental na qualificação e amparo do trabalhador do setor industrial. (Fig.6).



Fig. 6. Fachada do SENAI Bauru

Fonte : TOLEDO, 2007

Os anos 90 foram de tremenda crise para a cidade. A ferrovia foi sucateada e repassada para um grupo privado.

A privatização afetou o setor energético e o de telecomunicações, Cesp e Telesp, respectivamente. O poder aquisitivo da cidade decaiu e uma crise no setor de comércio e no secundário abateu toda a economia.

A perda para os colégios técnicos foi significativa, pois as escolas perderam empresas que auxiliavam no processo de aprendizagem e evolução tecnológica.

Mesmo com todas as mudanças do sistema econômico e produtivo, as escolas mantiveram seu ensino e produção de conhecimento. Hoje, em Bauru, existem para o setor industrial duas escolas técnicas, sendo elas o SENAI e o CTI – Unesp.

A procura é grande e o CTI realiza um “vestibulinho” com 1000 pessoas inscritas para 180 vagas, sendo que as vagas estão distribuídas no ensino médio, eletrônica, informática e mecânica. Já o SENAI possui cursos com avaliações para o ingresso e outros cursos que exigem mensalidades e não possuem seleção prévia para cursá-los.

O SENAI oferece 130 vagas nos cursos de artes gráficas, automobilística, edificações e manutenção de sistemas eletromecânicos. Na escola em Bauru existe, também, o curso de panificação, que oferece cursos de até três meses de duração. É

notório lembrar que, a partir de 2009, o SENAI - Bauru terá o único laboratório do Inmetro para o teste e a certificação de baterias do Brasil, esse laboratório foi montado em razão de Bauru produzir pelo menos um quarto de todas as baterias de reposição do país.

A nova configuração econômica de Bauru usufrui muito da mão-de-obra do Ensino Técnico, além de setores já estabelecidos, gráfico, alimentício e plástico, outras indústrias absorvem os alunos recém formados. Mas o dado mais significativo é a absorção da mão-de-obra técnica pela região. Muitas indústrias de grande porte estão nos municípios do entorno bauruense.

Mesmo não sendo diretamente ligados ao setor industrial, SENAC, SESI e o SESC prestam um enorme serviço para a comunidade de Bauru e região. Seus serviços voltados para o setor terciário servem indiretamente as empresas industriais, pois em seus quadros são necessários empregados do setor de serviços e comércio.

Em 2007, o centro de ensino técnico estadual Paula Souza incorporou o colégio estadual Rodrigues de Abreu e criou cinco cursos técnicos na cidade, são eles; administração, informática, segurança de trabalho, logística e enfermagem. Além do centro Paula Souza, também em Bauru a FATEC abriu o curso de Projetos, Manutenção e Operação de Aparelhos Médico-Hospitalares.

Nas entrevistas para a efetivação do trabalho, o diretor do Colégio Técnico Industrial – CTI – Unesp Bauru, Edson Alberto de Antônio, mencionou que mesmo com toda a crise enfrentada na cidade, os cursos técnicos sempre tiveram demanda para colocar seus alunos no mercado de trabalho. Suas palavras informam:

Os alunos nossos quando chegam no final do curso fazem estágios, estão todos ocupados. Nossos alunos formados só não entram no mercado de trabalho se eles não quiserem. Os que não entram é porque buscam graduação. Caso contrário ele consegue sua colocação sem dificuldade.

Nas cidades de Pederneiras, Lençóis Paulista, Macatuba, Agudos e Bariri estão indústrias que necessitam dos alunos qualificados pelas escolas. Centenas de pessoas se deslocam diariamente de toda região para Bauru para se qualificarem e levarem o conhecimento técnico para suas cidades e empresas.

Por toda essa infraestrutura e poder de extensão do ensino técnico na cidade de Bauru, é imprescindível afirmar que, mesmo com toda a crise advinda de mudanças

globais e nacionais, o ensino técnico sempre foi fundamental para a economia de Bauru e região.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho procurou apresentar um estudo geral sobre a evolução e os fatores que influenciaram a formação do setor secundário de Bauru. Como foi denotado no início do trabalho, a grande dificuldade de documentos anteriores trouxe um problema para a pesquisa, mas, por outro lado, foi positiva a oportunidade de realizar um trabalho original e pioneiro.

Mesmo contando com várias universidades e cursos superiores, os estudos sobre indústrias eram fragmentados e esparsos. Os trabalhos feitos sobre a indústria da cidade geralmente abordavam empresas específicas, ou números descolados de uma análise mais abrangente.

Um dos resultados apresentados, e que pode colaborar para a falta de pesquisas sobre a indústria no município, é a diversidade dos ramos industriais presentes na cidade. Esse aspecto de diversidade e fragmentação pode deixar o setor secundário menos evidente, atraindo menor atenção para os estudos. É provável que, se a cidade possuísse e apresentasse algum tipo de arranjo produtivo local, *clusters* ou aglomerado específico, que detivesse proeminência regional ou nacional, a indústria demandaria maior quantidade de estudos e pesquisas.

Outro aspecto que desvia os estudos científicos da indústria bauruense é a força do setor terciário da cidade. O comércio tem força atrativa regional, ele é o que mais emprega na cidade e, nitidamente, é o setor que possuiu maior dinamismo econômico nas últimas décadas, (toda essa dinâmica ficou constatada com os números apresentados no capítulo que trata especificamente da demografia e economia da cidade).

Também os serviços auxiliam o setor terciário a se destacar perante a indústria, pois a cidade possui fortes atrativos de caráter regional e até estadual para atrair as pessoas até a cidade. Educação e saúde, como foi destacado durante o trabalho, são os serviços que incrementam o terciário em Bauru.

A evolução histórica demonstrou que a economia de Bauru passou por várias mudanças em seus principais pilares de fomento econômico. A agricultura respondeu pela formação da cidade através da cafeicultura, posteriormente o binômio café-ferrovia propulsionou a atividade industrial da cidade.

Após a crise da cafeicultura, o algodão foi o responsável (a partir da década de 1930) por desenvolver plantas industriais nos municípios, principalmente, no beneficiamento do óleo. O algodão perdeu sua força e, a partir dos anos 1950, Bauru

gerou, com capital local, indústrias variadas e significativas para o município, isso se deveu pela forte aglomeração demográfica da cidade, que demandava produtos e abastecimento das indústrias. A partir da década de 1960, muitas instituições públicas escolheram a cidade para se instalarem, elas são estaduais e federais. Isso também ressalta a posição estratégica de Bauru, pois, se instalando na região, os órgãos poderiam atuar em todas as direções do oeste paulista.

Essa forte demanda populacional criou condições para a instalação de diversificados ramos industriais. Nos anos 70, a cidade já contava com um distrito industrial e com empresas que não dependiam diretamente da agropecuária regional, porém, a expansão canavieira na região influenciou a criação de empresas que produziam e prestavam serviços a grandes usinas.

Com tantas mudanças, a indústria bauruense teve que a elas se adaptar, deixando conseqüentemente, como marca a variedade. Essas transformações não auxiliaram Bauru a criar uma indústria especializada em um único setor. Acreditamos que essa diversidade deixa o setor industrial da cidade com menor visibilidade.

Historicamente o local foi extremamente afetado pelos impactos de origens regional, nacional e global. A expansão da cafeicultura foi uma conseqüência da marcha do café no Brasil e, especialmente, no Estado de São Paulo. Iniciada no vale do Paraíba, a cafeicultura marchou para a Alta Mogiana e para a Sorocabana, e chegou ao oeste paulista. Bauru fez parte desse movimento, pois a produção estava inserida na hinterlândia de Santos, cidade portuária responsável pela vultosa exportação brasileira.

Assim, a formação e o desenvolvimento de Bauru sofreram influências do comércio internacional do café. No início do século XX, a ferrovia chegou à cidade para intensificar e dar velocidade ao transporte do café. Porém, como Cano destacou, a ferrovia não foi apenas o transporte, mas foi uma cadeia produtiva poderosíssima para o dinamismo econômico do interior do estado.

A crise de 1929, ocorrida nos EUA e espalhada pelo mundo, provocou a troca do café pelo algodão como elemento de maior influência na economia da cidade. O óleo beneficiado na cidade também era exportado para a Europa e EUA, assim a cidade fazia parte do comércio pré 2ª guerra e pós-guerra.

Os anos 1960 foram marcados pela influência nacional, pois tanto governos estaduais e federais instalaram órgãos que trouxeram uma nova dinâmica demográfica e econômica para a cidade. A industrialização da região metropolitana de São Paulo não alcançou Bauru de modo direto e significativo, pois nenhuma empresa da cidade se

originou da expansão da região metropolitana de São Paulo nos anos 60. Isso só foi ocorrer de modo marcante nos anos 2000, quando a antiga Adams transferiu sua produção de Guarulhos para Bauru. Próximo da expansão da região metropolitana aparece o setor de acumuladores elétricos, pois a primeira empresa bauruense nesse ramo, a Ajax, beneficiou-se das empresas automotivas instaladas na metrópole, e que demandavam os produtos da empresa bauruense.

Outra influência direta global e nacional que foi detectada no trabalho foi o Proálcool. Essa política governamental teve o objetivo de minimizar os problemas advindos da crise de petróleo internacional. O Proálcool fomentou indústrias de construção de painéis e sistemas elétricos para as usinas em construção, na década de 1970. A enorme produção de açúcar possibilitou a formação de algumas empresas alimentícias, especialmente de confeitos e doces, a partir dos anos 1980.

A crise dos anos 70 e 80 (estes conhecidos como a “década perdida”) reduziram o ímpeto da expansão da indústria da região metropolitana de São Paulo, assim nenhuma relação pode ser estabelecida, a não ser negativa, na criação de empresas em Bauru. Porém, pelos questionários do estudo, verifica-se em Bauru uma significativa abertura de empresas com capital local. Pode-se deduzir, através dos questionários, que a ausência de investimentos externos à cidade propiciou oportunidades para investimentos de capital bauruense.

Os anos 90 foram fortemente influenciados pelas mudanças de caráter global que atingiram a economia do país, conseqüentemente, o local foi transformado pelo global. As inúmeras instituições públicas instaladas na cidade foram fechadas, ou passaram pelo processo de privatização; essas modificações reduziram a renda e muitos investimentos na cidade, pois essas empresas eram de grande importância para o mercado consumidor do município.

Já na entrada dos anos 2000, decisões de multinacionais interferiram na vida econômica da cidade, uma de modo positivo e outra de modo negativo. O término das atividades produtivas da Bunge deixou um passivo de muitos desempregados, mas a Cadbury transferiu todas suas atividades para Bauru, aumentando o número de empregos para o setor secundário da cidade.

A transferência total da produção da Cadbury (Adams) demonstra que Bauru participou minimamente do processo de desconcentração industrial da região metropolitana de São Paulo, pois a empresa possuía uma planta produtiva em Guarulhos e a transferiu para o Distrito Industrial I, em Bauru.

Os formulários/questionários aplicados pelo estudo ofereceram uma constatação de grande importância para a pesquisa. Conseguimos distinguir dois compartimentos industriais bem delimitados na cidade, um sendo influenciado diretamente pela agropecuária da região, e outro compartimento que nela não baseia sua produção, sendo esta diversificada e sem vínculo direto regional.

O compartimento influenciado pela agropecuária regional possui empresas ligadas à produção de doces e confeitos, frigorífico, engenharia e painéis elétricos e beneficiamento de óleo de soja. Essas empresas se aproveitam da riqueza proporcionada pela região polarizada por Bauru. A produção canavieira é um dos motores da região, pois não só o açúcar traz benefícios para a região, mas o álcool e a produção de energia elétrica, através da queima do bagaço, criam demandas para as empresas de Bauru, seja no serviço, no comércio e indústria.

Bauru também se beneficia não apenas com o extenso rebanho bovino da região, mas por grandes empresas frigoríficas presentes no eixo da rodovia Marechal Rondon (Araçatuba, Promissão, Lençóis Paulista e Lins), sendo que uma dessas grandes empresas está localizada em Bauru.

O compartimento industrial sem vínculo direto com a agropecuária de região possui uma série de empresas diversificadas e, algumas, com grande tradição na cidade. Uma das empresas símbolos da evolução industrial de Bauru é a Tilibra, empresa de produtos de papel. Sua origem data da década de 1920 e, atualmente, é controlada por capital externo.

O ramo de baterias também foi detectado com grande importância para a cidade, pois suas empresas produzem aproximadamente 30% dos acumuladores do país. Atualmente, as empresas possuem um laboratório, no SENAI – Bauru, de inspeção e testes para a certificação e desenvolvimento de seus produtos, além de contar com cursos de aprimoramento técnico oferecidos pela mesma instituição.

Um ramo importante captado pela pesquisa foi o de plásticos. Em Bauru, existem empresas que produzem materiais plásticos (Plasútil e Plajax) e empresas que produzem máquinas para estas indústrias (Polomáquinas e Colorflex). O trabalho apontou que as duas últimas citadas conseguem criar uma rede de empresas que prestam serviços a elas, sendo a usinagem de peças o principal serviço contratado.

Como exemplo de diversificação, Bauru apresenta empresas de perfumaria, alimentícia, química, metalurgia, móveis e produtos gráficos. Essa diversidade foi apontada como uma boa característica da cidade, pois em qualquer mudança econômica

o setor industrial diversificado pode absorver as alterações. Mas a diversidade, por outro lado, não cria um setor produtivo forte e competitivo, ou uma especialização notória.

O trabalho também conseguiu analisar os fatores que auxiliam e auxiliaram Bauru a ser a cidade polarizadora da região e quais as vantagens atuais que podem ajudar a cidade a atrair e formar novas empresas industriais.

A maior vantagem apontada nos questionários e pelos entrevistados, é a posição geográfica de Bauru. A cidade está localizada no centro do estado, possui uma distância privilegiada das principais fronteiras do estado e é uma cidade de médio porte, a 350 km da capital.

Bauru, por sua localização, é a cidade polarizadora do centro oeste paulista e se beneficia de estar entre importantes cidades (Marília, Lins, Jaú, Lençóis, Botucatu) de menor porte que ela, essas cidades utilizam os serviços e o comércio de Bauru, trazendo benefícios para a economia da cidade.

A malha de transporte que passa pela a cidade pode ser detectada como um forte fator para a escolha e permanência de muitas empresas, essa malha atua para dar mobilidade e agilidade ao território. Por Bauru passam diversas rodovias, estando todas, na atualidade, em bom estado de conservação.

A 25 km de distância, em Pederneiras, passa o rio Tietê, em sua margem está localizado um porto intermodal (Hidrovia – Ferrovia – Rodovia). Na hidrovia Tietê-Paraná o transporte de combustíveis, madeira, soja e açúcar é crescente e cada vez mais intenso.

O transporte aeroviário cria oportunidades e esperanças para a atividade produtiva da cidade. A partir de 2006, a cidade inaugurou o aeroporto Moussa Tobias, esse aeroporto possui ampla capacidade de se tornar um aparelho de transporte e recebimento de cargas. Especialistas entrevistados garantiram que o aeroporto, se direcionado para cargas, pode beneficiar a cidade na atração de empresas que necessitam um transporte mais ágil e veloz.

Apontado como o principal fator logístico, o sistema rodoviário cria boas condições de atração para a cidade. Por Bauru passam duas importantes rodovias do estado, a Comandante João Ribeiro de Barros e a Rodovia Marechal Rondon, as duas ligam cidades importantes a Bauru. A rodovia Marechal Rondon é a principal, pois liga o município a São Paulo.

A demora na duplicação da Rondon, finalizada apenas em meados da década de 1990, apareceu em várias respostas nos formulários e entrevistas como um grande motivo da falta de transferência industrial para a cidade.

Atualmente, as estradas que servem o município são enaltecidas como apropriadas para as demandas e transporte dos produtos e matérias-primas. Neste ano, a rodovia Comandante João Ribeiro de Barros, trecho Bauru – Marília, ficará totalmente duplicada, essa benfeitoria é de fundamental importância para a economia das cidades.

Após anos de baixa utilização, a ferrovia voltou a crescer e a ser operada com grande capacidade, na cidade. A empresa América Latina Logística - ALL, desde 2005, vem utilizando os ramais que passam pela cidade. O fato negativo é que nem todos os serviços prestados no passado, oficinas, escola e armazéns, foram reativados, deixando um passivo físico e também nostálgico.

O trabalho apontou outras infraestruturas que beneficiam Bauru em seu fortalecimento econômico. Estas infraestruturas são de serviços especializados e estruturas físicas.

Dentre as estruturas físicas, a distribuição de energia elétrica e de combustíveis é farta e atraente. A cidade possui um dos maiores entroncamentos de transmissão de energia elétrica do centro-sul do país, também em seu território encontra-se um centro de distribuição de combustíveis para a toda a região, distribuindo álcool, diesel e gasolina, em um raio de até 200 km de distância. A rede de gás natural já integra o sistema energético da cidade, seja para a produção ou para os automóveis.

A presença de um setor financeiro e jurídico bem desenvolvido beneficia as transações e a burocracia das empresas, assim o setor produtivo não necessita, diretamente, dos serviços da capital. Os principais bancos estatais e privados possuem escritórios na cidade para atender não apenas a demanda local, mas também as necessidades regionais.

Para os serviços de comércio externo, em operação desde 1^o de setembro de 1999, a EADI-Bauru foi planejada e construída pela Companhia Paulista de Armazéns Gerais Aduaneiros Exportação e Importação S/A (Cipagem), com a finalidade específica no desenvolvimento da atividade alfandegária. Assim as empresas localizadas em Bauru e região podem apressar procedimentos na burocracia para exportar e importar.

Ao longo do trabalho, em vários momentos, foi ressaltada a formação educacional de Bauru, esse fato foi apresentado em muitas respostas nos questionários e

entrevistas, pois se encontram centros universitários e escolas de nível técnico abastecendo a necessidade de mão-de-obra da cidade. Poucos entrevistados e respostas dos questionários evidenciaram carência de qualificação.

Como política pública mais aplicada pela prefeitura municipal, desde a década de 1960, os distritos industriais foram estabelecidos como áreas específicas para a implantação das empresas. Atualmente, existem três distritos sendo os mais utilizados os Distritos I e II. Com respeito aos distritos industriais, os aspectos negativos aparecem com maior força nos resultados da pesquisa.

A falta de infraestrutura básica (asfalto e saneamento) é a reclamação principal para os Distritos II e III. Todas as respostas foram unânimes em apontar a falta de participação do poder público na estruturação dos distritos. Outro aspecto mencionado no trabalho foi a grande burocracia para a obtenção dos terrenos e o grave problema de terrenos devolutos que, por disputas, judiciais não estão sendo aproveitados.

As reclamações mais insistentes encontradas na pesquisa foram as destinadas ao poder público. Todos os entrevistados nas empresas apontaram a omissão do poder público, da década de 1990 até o governo de Tuga Angerami. O jogo político da cidade foi apontado como altamente nocivo durante todos esses anos. As respostas formaram um quadro triste da política bauruense, nem um só empresário destacou alguma política pública positiva promovida pela prefeitura.

A história política da cidade nos últimos anos foi de disputas entre os partidos da cidade, prefeitos que foram retirados do cargo, e até a prisão de um mandatário. Assim, a instabilidade política contaminou a atividade econômica, criando insucesso para qualquer política pública. As disputas internas entre partidos e personalidades obscureceram a visão para o setor industrial. Chegou-se até ao absurdo de figuras proeminentes na intelectualidade da cidade afirmarem que o setor secundário da cidade era inexistente e inexpressivo.

Cabe ressaltar que o trabalho encontrou grande dificuldade nas entrevistas e preenchimento de questionários por parte das empresas. Muitos não foram receptivos para o auxílio da pesquisa. Esse medo provinha da falta de vontade de colaborar, receio de repassar informações e ausência de tempo. Porém, mesmo com esse problema foi possível traçar um quadro geral do setor secundário da cidade.

Através da pesquisa foi possível retirar conclusões sobre as possibilidades locais do município. O grande fator locacional da cidade é sua localização geográfica: no centro do estado, a cidade está entre a capital e as principais cidades do

oeste paulista. Também encontra-se próxima à fronteira do Estado do Paraná, servindo de apoio às cidades fronteiriças.

Como fica, então, a relação entre nossa hipótese e as nossas descobertas na pesquisa? Há dois lados, ou duas perspectivas, a serem consideradas, visões propiciadas pelo decorrer do tempo.

Desde os anos 70, devido a maior distância que Bauru apresentava em relação a metrópole paulistana isso, quando comparada a cidades também bem equipadas mas muito mais próximas e com bom acesso, como tantos centros urbanos dispostos ao longo e/ou nas proximidades das vias Anhanguera e Dutra - Campinas, Jundiaí, Americana, Jacareí, São José dos Campos, etc. – ficou tal centro relativamente fora do alcance da polarização industrial exercida pela atividade industrial da metrópole, e a prova disso é a existência de apenas uma empresa (Adams/Cadbury) representativa da desconcentração industrial da metrópole.

Isso remete simultaneamente, a mesma distância favoreceu a expansão do setor terciário, do comércio e dos serviços, e o bom equipamento de cidade quanto aos setores de educação, médico-hospitalar.

Uma segunda perspectiva, ou aspecto da questão, revela-nos que, com todas essas potencialidades, e a dispersão industrial já ocupando uma área interiorana muito maior que nos anos 70 e 80, é possível que a posição geográfica de Bauru (afora relativizada de uma maneira mais positiva, e favorecida pelas infraestruturas físicas relatadas) possa vir a desempenhar um papel importante em um desenvolvimento futuro, e não apenas no setor industrial.

Somando-se a isso, a infraestrutura logística foi apresentada pelo estudo como fundamental para a efetivação dos investimentos das empresas de capital local e externo. As rodovias que passam pela cidade servem o município, e, conseqüentemente, o município valoriza essas vias. Investimentos na área de armazenagem e ciência da informação voltadas para a logística serão de grande valia, pois um território ágil e que aumente a fluidez do transporte é de grande importância para atrair empresas e recursos.

Na indústria, Bauru não apresenta um considerável arranjo produtivo, porém existem aglomerações de baterias, sucos, doces e confeitos, máquinas e produtos de papel, que podem, com o devido planejamento e investimento, ganhar força e agregar fatores positivos para serem competitivos em uma escala maior.

Queremos crer que nosso esforço na investigação e na exploração sobre a indústria em Bauru tenha dela conseguido elaborar um panorama geral coerente, e

esperamos que a devida compreensão da evolução de tal indústria, assim como de seus fatores propícios e adversos, possa servir como elemento indutor de debates e novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AZZONI, C. R. **Indústria e reversão da polarização no Brasil**. São Paulo: IPE/USP, 1986.
- BASTOS, I. A. **A violência na história de Bauru**. Bauru: EDUSC, 1996.
- _____. **Falcão/Independência: nossa gente nossa história**. Bauru: EDUSC, 2002.
- _____. **Sertão noroeste: o poder municipal na República Velha**. Bauru: Edipro, 2000.
- BENKO, G.; LIPIETZ, A. (org.). **As regiões ganhadoras: distritos e redes: os novos paradigmas da Geografia Econômica**. Lisboa: Celta Editora, 1994.
- BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BERTOLLI, C. **Retrospectiva do século XX: de Getúlio a Juscelino 1945 – 1946**. São Paulo: Ática, 2000.
- CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- CARLOS, A.F.A. **Espaço e indústria**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.
- _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARMO, P. S. **O trabalho na economia global**. São Paulo: Moderna, 2004.
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHIAVENATO, J.J. **O golpe de 64 e a Ditadura Militar**. São Paulo: Moderna, 1995.
- CUNHA, L. **Ensino profissional na irradiação do industrialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- _____. **Ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- _____. **Ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- DINIZ, C.C. (org.) **Economia e território**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ESTALL, R., BUCHANAN, R. **Atividade industrial e Geografia Econômica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FAUSTO, B. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2001.

GEORGE, P. **Geografia econômica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

GOOGLEMAPS. Disponível em: < <http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=w1>>. Acesso em: março 2008

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

IANNI, O. **Estado e planejamento econômico no Brasil: 1930-1970**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

IBGE Cidades. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm>>. Acesso em: junho e setembro de 2008.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 2003.

MANZAGOL, C. **Lógica de espaço industrial**. São Paulo: Difel, 1985.

MENDES, A.A.; SELINGARDI - SAMPAIO, S. Dinâmica locacional intra-urbana das indústrias: o caso da cidade de Rio Claro - SP. **Geografia**, v. 12, n. 24, p. 61-84, 1987.

MENDES, A.A. **Implantação industrial em Sumaré (SP): origens, agentes e efeitos**. Contribuição ao estudo da interiorização da indústria no estado de São Paulo. Rio Claro: UNESP, 1991. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual de São Paulo.

MENDONÇA, S. **A industrialização brasileira**. São Paulo: Moderna, 1995.

MOURÃO, P. F. C. **A industrialização do Oeste Paulista: o caso de Marília**. Presidente Prudente: UNESP, 1994. Dissertação de Mestrado apresentada à faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual de São Paulo.

NEGRI, B. **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo**. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

OLIVEIRA, A.M.R. **Análise da estrutura produtiva do pólo calçadista de Jaú – SP: suas implicações socioeconômicas e espaciais**. Rio Claro: UNESP, 1999. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade de Estadual São Paulo

OLIVEIRA, A.M.R. **O distrito industrial de Rio Claro, SP: Um Espaço preparado para o Grande Capital**. Rio Claro: UNESP, 1994 . Monografia apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual de São Paulo

OLIVEIRA, L. E. G. Algumas considerações sobre a implantação de distritos industriais. **Revista Brasileira de Geografia**, n. 38, p. 22-69, 1976.

PELEGRINA, G.R. **Bauru: Notas históricas**. Bauru: Canal Projetos Editoriais, 2007.

_____. **Memórias de um ferroviário**. Bauru: EDUSC, 2000.

PORTER, M. **The competitive advantage of nations**. Nova York: Free Press, 1990

PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2003**. Disponível em: <
<http://www.pnud.org.br/rdh/>> . Acesso em:

SADER, E. **A transição no Brasil: da ditadura à democracia**. São Paulo: Atual, 1991.

_____. **Que Brasil é este: dilemas nacionais no século XXI**. São Paulo: Atual, 1999.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **Fim de século e globalização**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1993.

_____. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

_____. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec/EDUC, 1994.

SANTOS, M., Silveira, M. **Técnica, espaço e tempo**. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SEADE. Região Administrativa de Bauru. Disponível em: <
<http://www.seade.gov.br/produtos/iprs/analises/RABauru.pdf>> . Acesso em: dezembro de 2008

SECRETARIA de Estado dos Transportes. Disponível em:
<<http://www.transportes.sp.gov.br>>. Acesso em: dezembro de 2008

SELINGARDI - SAMPAIO, S. A atividade industrial e a qualidade do meio ambiente. **Boletim Informativo IGCE**, Rio Claro, 1986.

SELINGARDI - SAMPAIO, S. A evolução recente do sistema industrial Brasileiro: a ação do Estado e dos investimentos externos. **Boletim de Geografia Teórica**, v. 18, n.35-36, p.5-37, 1988.

SELINGARDI - SAMPAIO, S. A industrialização de Rio Claro. Contribuição ao estudo de desconcentração espacial da Indústria no estado de São Paulo. **Revista de Geografia**, Rio Claro, v. 12, n.24, p. 1-60, 1987.

SPOSITO, M.E.B. (org.) **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Editora Popular, 2007

SKIDMORE, E.T. **Uma história do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

STORPER, M.; WALKER, R. **The capitalist imperative territory: technology and industrial growth**. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

SCOTT, J. Industrial organization and location: division of labor, the firm, and spatial process. **Economic Geography**, v.62, n.3, p. 215-331, 1986.

TOLEDO, E. F. **Fachada da antiga escolinha do Noroeste em Bauru**. 2007a. 1 fotografia, color.

_____. **Fachada do Colégio Técnico Industrial da Unesp - Bauru**. 2007b. 1 fotografia, color.

_____. **Fachada do SENAI Bauru**. 2007c. 1 fotografia, color.

Formulário Industrial

Data _____ (Aplicação)
 Nome da Empresa _____
 Ramo _____
 Endereço _____
 Telefone _____
 Responsável pelas informações _____

I – Histórico da Empresa

1 – Ano de Fundação _____
 2 – Ano de Início do Funcionamento _____
 3 – Estrutura Jurídica (S/A ou Ltda) _____
 4 – O estabelecimento é: Único () Filial () Matriz ()
 5 – Localização da Sede da empresa _____
 5.1 – Localização da Filial _____
 5.2 – Ramo de Atuação da Filial _____
 6 – Origem dos capitais: Local () Estadual () _____ (Município) Outros estados () Externo ()

II – Empresário

1 – Cidade de nascimento _____
 2 – Qual a atividade anterior _____
 3 – Mantém outras atividades além desta?
 Qual _____
 4 – Trabalha também no setor de produção da empresa?
 () Sim () Não
 5 – Por que se tornou empresário industrial?

III – Tecnologia e Modernização

1 – A produção é:
 () Toda feita por máquinas.
 () Feita por máquinas e processos manuais.
 2 – As máquinas utilizadas são:
 () computadorizadas.
 () automáticas.
 () de tecnologia simples.
 3 – As máquinas utilizadas são na maioria:

- Nacionais.
 Importadas. De que países? _____

4 – Houve investimentos na modernização do maquinário nos últimos cinco anos?
 Sim Não

4.2 – Ocorreu reestruturação produtiva?
 Sim Não

5 – Houve redução de funcionários devido à troca de maquinário?
 Sim Não

IV – Produção e Mercado

1 – Qual os produtos fabricados?

2 – A empresa tem produção própria? (Série, série por encomenda ou por encomenda)
 Sim Não

3 – A empresa empreita outras para atingir sua produção total?
 Sim Não

a) A sub-empregada é:

- Ocasional, apenas quando a demanda é muito grande.
 A sub-empregada é permanente, porque as empresas contratadas fazem serviços e operações que a empresa não está habilitada a fazer.

3.1 – Especificar as tarefas contratadas, as firmas sub-empregadas e sua localização

4 – Esta empresa é empregada por outras?
 Sim - ocasional permanente
 Não

5 – No caso da empresa ter produção própria, quais são os seus principais mercados?

- Bauru
 Região próxima. Cidades _____
 São Paulo (RMSP)
 Interior
 Outros Estados
 Exterior.
 Países _____

V – Trabalho

1 – Qual o número de empregados da empresa? _____

1.1 – Qual o número de pessoas ocupadas na produção? _____

() Homens () Mulheres

1.2 – Qual o número de pessoas ocupadas no setor administrativo? _____

() Homens () Mulheres

2 – Pessoas da família trabalham na empresa?

() Sim () Não

3 – A mão-de-obra produtiva é especializada?

() Sim () Não

3.2 – Qual mão-de-obra requerida?

4 – A empresa treina sua mão-de-obra?

() Sim () Não

5 – A cidade oferece qualificação da mão-de-obra?

() Sim () Não

6 – Quais os locais de residência da mão-de-obra ocupada na produção e administração?

() Local

() Cidades próximas

7 – Regime de trabalho

() Contínuo, com turmas de revezamento

() Diurno de 8 horas

() Noturno

() Outro tipo _____

8 – Sub-emprega trabalho de outras pessoas? _____

9 – Há empregados contratados com regime flexível?

() Sim () Não

10 – Tem havido flutuação no número de empregados?

() Sim () Não

a) () Sazonal

b) () Anual

11 – A flutuação tem sido de que tipo:

() Ampliação (maior demanda, menor concorrência, exportação)

() Redução (menor demanda, maior concorrência)

VI - Localização

1 – Por que a empresa se localiza em Bauru?

() Estímulos e subsídios do Poder Público. Quais _____

- Situação geográfica da cidade (Transportes, acessibilidade, energia).
- Mão – de – Obra disponível e qualificada.
- Parque Industrial já existente (Tradição da cidade).
- Local de residência do empresário.
- Outros Fatores. Quais? _____

2 – Houve mudança de endereço desde a instalação?

- Sim Não

2.1 – Em caso afirmativo informe:

2.2 – Ano de mudança _____

2.3 – Motivos de mudança de endereço _____

3 – Quais as vantagens da empresa estar localizada em Bauru?

4 – Quais as desvantagens da empresa estar localizada em Bauru?

VII – Matéria-prima e mercadorias

1 – As matérias – primas são:

- de Bauru
- do Interior do Estado de São Paulo
- da Capital
- de outros Estados do País
- do Exterior

2 – A cidade apresenta acessibilidade para as mercadorias e matérias-primas?

- Sim Não

VIII – Concorrência e Cooperação

1 – Onde se localizam os maiores concorrentes da empresa?

- Bauru
- Cidades do Interior
- Outros Estados
- Exterior

2 – A empresa coopera com outras empresas de Bauru ou de outras cidades?

- Sim. Quais? _____ Não

3 – Em caso afirmativo, em quais casos ocorre cooperação:

- O que resulta em inovação tecnológica
- o que resulta em melhoria da produção (Mão-de-obra, equipamentos)

4 – A empresa mantém convênios ou é associada com alguma entidade ou associação?

() Sim. Quais? _____

() Não

4.2 – Qual o papel dessas entidades no desenvolvimento da indústria de Bauru?

() Péssimo () Ruim () Regular () Bom () Ótimo

5 – O ator público (prefeitura, governos estadual e federal) tem tido um papel importante para o desenvolvimento da indústria de Bauru?

() Sim () Não

6 – Há legislações específicas que auxiliam o funcionamento da indústria de Bauru? _____

() Sim () Não

7 – O que poderia ser feito para melhorar a situação da indústria bauruense?

() Diminuição de Impostos

() Clareza na Política Pública Municipal

() Melhoria da Infra-estrutura

() Benfeitoria nos Distritos Industriais

() Não há nada o que fazer

8 – Como o empresário vê a atual situação econômica do país em relação à indústria de Bauru? Apontar aspectos negativos e positivos.

9 – Quais as possibilidades de posse nas áreas dos Distritos Industriais? Há disponibilidade de espaço para a implantação industrial?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)